**SOLENIDADE DO NATAL DO SENHOR 2021**

****

**“Todo o calçado ruidoso da guerra,**

**toda a veste manchada de sangue**

**serão lançados ao fogo”!**

*Is* 9,4

**I. Ritos Iniciais**

…………………………………………………………………………………………

*O canto ou proclamação da Calenda do Natal pode ter lugar em diversos momentos da celebração. Entre as várias possibilidades, destacamos duas: antes de começar a missa, como sugere o Missal em língua inglesa, ou depois da saudação inicial, omitindo o ato penitencial. Neste último caso, omitido o ato penitencial, a celebração prosseguirá com o canto do “Glória a Deus nas alturas”. Por nós, optaremos pela proclamação antes de ter início a procissão de entrada.*

*Sobre este assunto leia-se o artigo do S.D.L., A Calenda do Natal, in Voz Portucalense, 13.12.2017, p. 16. O tema volta na edição de 19.12.2018, p. 16. Para o texto e melodia, conferir ainda o Martirológio Romano, pág. 642; antiga melodia para o efeito, pp. 70-71.* ***Convém notar que o dia 25 de dezembro, em 2021,*** ***ocorre no 21.º dia do mês lunar. Portanto: Lua vigésima primeira.*** *Nesse sentido deve retificar-se a melodia. Nova versão da partitura em:* [***https://www.liturgia.pt/martirologio/elogio.php?data=2021-12-25***](https://www.liturgia.pt/martirologio/elogio.php?data=2021-12-25)

*Sugestão pessoal: podem acender-se progressivamente as luzes da igreja, ao ouvir-se as palavras «Jesus Cristo»; «depois da sua conceição» e «nasceu em Belém de Judá».*

**Monição antes da procissão de entrada**

Monitor: Irmãos caríssimos: percorremos a caminhada que nos trouxe do Advento até esta noite (até este dia) de Natal, sob o lema “*Pés ao caminho. Juntos pelo Natal*”. Recordemos o longo caminho percorrido, em esperança, pela humanidade, ao longo dos séculos, até chegar a plenitude dos tempos.

**Calenda do Natal**

*Lida ou cantada na Missa da Vigília ou da Noite do Natal.*

**Dia 21 das calendas de janeiro. Lua vigésima primeira:**

Passados inumeráveis séculos desde a criação do mundo,

quando no princípio Deus criou o céu e a terra

e formou o homem à sua imagem;

depois de muitos séculos,

desde que o Altíssimo pôs o seu arco nas nuvens

como sinal de aliança e de paz;

vinte e um séculos depois da emigração de Abraão, nosso pai na fé,

de Ur dos Caldeus;

treze séculos depois de Israel ter saído do Egito, guiado por Moisés;

cerca de mil anos depois que David foi ungido rei;

na semana sexagésima quinta, segundo a profecia de Daniel;

na Olimpíada cento e noventa e quatro;

no ano setecentos e cinquenta e dois da fundação de Roma;

no ano quarenta e dois do império de César Otávio Augusto;

estando todo o orbe em paz,

**Jesus Cristo,** [acender luzes]

**Deus eterno e Filho do eterno Pai,**

**querendo consagrar o mundo com a sua piedosíssima vinda,**

**concebido pelo Espírito Santo,**

nove meses depois da sua conceição, [acender luzes]

nasceu em Belém de Judá, [acender luzes]

da Virgem Maria, feito homem:

[Este é o dia / Esta é a noite]

do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo a carne.

**[Vinde, adoremos.]**

…………………………………………………………………………………………

**Procissão e cântico de entrada | Saudação inicial**

**Monição inicial**

P.*Pés ao caminho. Juntos pelo Natal*. Eis o lema da nossa dinâmica pastoral, que nos ensina a celebrar e viver hoje, de modo sinodal, este grande acontecimento humano/divino do Natal. A quem aqui chegou hoje, porventura por caminhos diversos, é preciso dizer com toda a clareza o que é o Natal em modo sinodal. O Natal, o grande mistério do amor descendente e condescendente, pelo qual Deus Se fez Homem e Se aproximou de nós, dá-nos as coordenadas da nossa vida: se Ele veio para viver no meio de nós e caminhar connosco, é para que nós aprendamos a caminhar juntos, entre nós e com Ele. Desde o Natal do Senhor, é *juntos* que caminhamos, na certeza de que Ele é Deus connosco e nos faz irmãos. Este é realmente o mistério e a graça desta noite e deste dia: em Cristo, Deus e o Homem caminham, encontram-se e manifestam-se *juntos pelo Natal.* Nós, que pusemos *pés ao caminho, juntos pelo Natal*, tenhamos agora a coragem de descalçar os sapatos, aos pés do Presépio, como sinal de espanto e de maravilhamento, de humildade e de reconhecimento do rosto de Deus no pobrezinho Menino de Belém.

**Rito da coroa do Advento**

*Pode acender-se a 5.ª vela da coroa do Advento (ou a totalidade das 4 velas com a coroa florida). Acompanhar o gesto com uma oração e/ou um cântico**antes do início e no final da oração.*

P. Acendamos agora todas as luzes da coroa florida, evocando também por este sinal aquela grande luz que hoje resplandece sobre nós e que é Jesus Cristo nascido em Belém.

**Cântico:** *Levanta-te, povo peregrino! Pés ao caminho, com a pressa do amor! Juntos pelo Natal, todos irmãos! Caminhemos alegres, à luz do Senhor. Aleluia. Aleluia.*

**Oração ao acender a coroa**

(por um leitor, pelo Diácono ou pelo Presidente)

Hoje, aos pés do Presépio,

descalçamos sandálias e sapatos,

como quem pisa a terra sagrada

do inesgotável mistério da tua divindade

na carne viva da nossa humanidade.

Dá-nos os pés do mensageiro da paz,

sem o calçado ruidoso da guerra,

da violência, do orgulho e da indiferença,

diante da terra sagrada, que se vislumbra

no rosto de cada irmão, de cada irmã.

Dá-nos, Deus feito Menino,

olhos de pequenino, mãos benignas,

pezinhos de lã, coração mansinho,

para nos abeirarmos do mistério sagrado

do coração humano onde Tu nos habitas.

**Cântico:** *Levanta-te, povo peregrino! Pés ao caminho, com a pressa do amor! Juntos pelo Natal, todos irmãos! Caminhemos alegres, à luz do Senhor. Aleluia. Aleluia.*

***Kyrie*** (cantado)

**Hino do Glória:** “*Uma multidão do exército celeste louvava a Deus*” (*Lc* 2,13).Esta é a música do Natal, que não podemos deixar de cantar: «*Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens do seu agrado*» (*Lc* 2, 14).

**Oração coleta** *(consoante a hora da celebração: Vigília, Noite, Aurora, Dia)*

**II. Liturgia da Palavra**

Notas: O Lecionário apresenta várias propostas de leituras, agrupadas para as várias celebrações da Solenidade do Natal (Vigília, Noite, Aurora, Dia). Não sendo provável que os fiéis participem em todas as celebrações, uma vez que a maioria participará numa só liturgia, que será a sua missa de Natal, faço esta proposta de leituras, tendo em conta os conteúdos revelados, que se ligam mais diretamente às temáticas da dinâmica que temos vindo a percorrer.

Nada impede (pelo contrário) que se sigam, na íntegra, as propostas para cada uma das celebrações, consoante a hora. O conteúdo da homilia é compaginável com qualquer escolha dos textos.

* **1.ª Leitura**
* *Is* 9,2-7 (-6) [da Missa da Noite, a proclamar nas Missas de Natal em horas vespertinas: 16h00 do dia 24 e 19h00 do dia 25 de dezembro]
* *Is* 52,7-10 [Da Missa do Dia, a proclamar na Missa do dia de Natal, às 11h00]
* **Salmo Responsorial**
* *Sl* 95/96 [da Missa da Noite, a cantar na missa da véspera do Natal, às 16h00, e na Missa da tarde de Natal, às 19h00]
* *Sl* 97/98 [da Missa do Dia, a cantar na Missa da manhã de Natal, às 11h00]
* **2.ª Leitura**
* *Tit* 2,11-14[Da Missa da Noite, a proclamarnas Missas de Natal em horas vespertinas: 16h00 do dia 24 e 19h00 do dia 25 de dezembro**]**
* *Heb* 1,1-6 [da Missa do Dia, a proclamar na Missa do Dia de Natal, às 11h00]
* **Aclamação ao Evangelho:** *Aleluia. Aleluia. Aleluia.*
* **Evangelho:**
* *Lc* 2,1-14 [da Missa da Noite, a proclamar nas Missas de Natal em horas vespertinas: 16h00 do dia 24 e 19h00 do dia 25 de dezembro]
* *Jo* 1, 1-18 [da Missa do Dia, a proclamar nas Missas da manhã de Natal, às 11h00]
* **Homilia** *(pode optar-se pelo texto mais breve da Mensagem – cf. pp. 13-14)*

**Homilia na Missa da Solenidade do Natal do Senhor 2021**

1. *Pés ao caminho. Juntos pelo Natal.* E o que é o Natal de Jesus senão a notícia inaudita do inesperado acontecimento pelo qual Deus Se fez Homem, para Se tornar irmão e companheiro desta nossa humanidade peregrina? Eis-nos agora e sempre juntos, diante do Presépio: o Homem diante de Deus e Deus diante do Homem. Eis-nos diante de José, que vemos com bolhas nos pés, apoiado no cajado, cansado da caminhada silenciosa, sem palavras para narrar o sonho divino que se cumpre. Eis-nos diante de Maria, a Mãe do divino infante, ainda a aprender a embalar o seu Menino, envolto em panos e deitado na manjedoura. E imaginemos ainda os pastores, com os seus pés fustigados pelo mato, a chegarem ao Presépio e a descalçarem as sandálias à porta de entrada do curral, porque doravante – eles sentem-no e pressentem-no – entram em terra sagrada!

2. Imaginemos, nesta noite, neste dia de Natal, sobretudo, os pés descalços dos pastores no Presépio e, nesse gesto humilde, vem-nos à memória a tradição antiga de colocar junto do Presépio os sapat0s, na ansiosa expectativa de receber o que o Menino Jesus tinha para nos oferecer. Os sapatos tornavam-se uma espécie de cofre aberto para o tesouro dos nossos sonhos. Mas perguntemo-nos, sinceramente: para guardar os presentes do Menino Jesus não seria mais prático um saco ou uma caixa, em vez de um pequeno par de sapatos? Talvez o segredo seja mesmo este: para receber o maior presente de Natal, esse mistério imenso de Deus feito Homem, é preciso *descalçar os sapatos*, como Moisés descalçara as sandálias diante do mistério imenso de Deus, simbolizado naquela sarça que ardia e não se consumia (*Ex* 3,5). Neste mesmo fogo, havia de ser lançado, no dizer do profeta Isaías, “todo o *calçado ruidoso da guerra*, *toda a veste manchada de sangue”* (*Is* 9,4), para que, sem botas de guerra, sem chancas nem trancas à porta, possamos compreender “*como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que traz a Boa nova, que proclama a salvação e nos diz: O teu Deus é Rei”* (*Is* 52,7)!

3. Irmãos e irmãs: o desafio destes dias, para um Natal em modo sinodal, é este de *descalçar os sapatos*, para entrarmos humildes e despojados no Presépio, como quem se aproxima delicadamente e em pezinhos de lã, como quem sabe que, neste Deus feito Menino, Se oferece o rosto de um mistério inefável, indizível, inesgotável, inexcedível na sua beleza, riqueza e compreensão. Deixa então que agora te pergunte: *O Presépio em tua casa é uma peça de decoração ou um espaço de oração? Já paraste e rezaste alguma vez diante do Presépio?* Hoje é o dia: *descalça os teus sapatos, ora e adora-O*!

4. Mas, ao mesmo tempo, neste Deus feito Menino, aprendemos que cada pessoa, que vem a este mundo, mesmo na sua maior indigência, fragilidade e dependência, é sempre a explicação e a replicação deste mistério do Natal. Por isso, diante do outro, do teu filho ou filha, do teu pai ou mãe, do teu avô ou avó, do teu amigo ou amiga, do teu conhecido ou desconhecido, do teu aluno ou do teu paciente*, descalça os sapatos*, porque estás a entrar em *terra sagrada*. “Descalça os sapatos” quer dizer: *Abeira-te com delicadeza e respeito, detém os teus passos, inclina-te e reclina-te, deixa-te maravilhar, surpreender e interpelar, interrogar e comover diante daquele rosto único, daquela história singular de vida, que deves ler e iluminar à luz do Natal que hoje celebras*. Descalçar os sapatos quer dizer ainda: *aprende a estar face a face, a parar e a reparar, a dar as mãos e a acompanhar, sempre com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, com um ritmo de proximidade e de ternura, que cure, liberte e facilite o encontro entre ti e o outro e o encontro de ambos com o Senhor Jesus* (cf. EG 169)*.*

5. Querido irmão, querida irmã: olha que *descalço também se caminha* (Pe. João Aguiar Campos), seja por dentro do imenso mistério do Natal, seja pela terra sagrada desta humanidade, cujo rosto concreto Deus coloca diante de ti em cada pessoa que te dá como presente! Este é realmente o mistério e a graça desta noite e deste dia: Deus e o Homem caminham, encontram-se e manifestam-se *juntos pelo Natal*! Por isso, ninguém mais fique para trás ou sozinho. Feliz Natal e pés ao caminho!

**Credo –** *ajoelhar às palavras “e encarnou”* *|* **Oração dos Fiéis**

P. Deus feito Menino, hoje, aos pés do Teu Presépio, descalçamos os nossos sapatos, como quem pisa a terra sagrada do mistério inexcedível da tua divindade na carne viva da nossa humanidade. E confiamos-Te as nossas preces, invocando:

R. **Senhor Jesus, Deus Menino, brilhe a Tua luz nos passos do nosso caminho!**



1. Pela Santa Igreja em processo sinodal: para que inicie todos os seus membros na arte do acompanhamento, para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro. Oremos. R.
2. Pelos que governam os povos: para que respeitem o caráter sagrado e inviolável de cada vida humana, desde a sua gestação inicial ao seu ocaso natural. Oremos. R.
3. Pelas vítimas dos abomináveis abusos de poder, do jugo, da intolerância e da violência: para que seja lançado ao fogo todo o calçado ruidoso da guerra e o mundo conheça uma paz sem vencidos nem vencedores. Oremos.
4. Por todos nós, que pusemos pés ao caminho, para lutarmos e chegarmos juntos ao Natal: para que saibamos descalçar os sapatos diante do mistério de Deus, que Se fez Homem, e diante de cada pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus. Oremos. R.

P. Deus feito Menino, faz-nos aproximar de mansinho, sem o calçado ruidoso da guerra, de mãos dadas, em pezinhos de lã, a caminho da terra sagrada, que se avista no rosto de cada irmão, de cada irmã. Tu que és Deus connosco, na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

**III. LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Apresentação dos dons – cântico de ofertório | Prefácio do Natal I** (cantado) **| Santo** (cantado) **| Oração Eucarística III** (com fórmula desenvolvida do *Comunicantes*)

**Aclamação cantada:** *Mistério admirável da nossa fé!* R. *Quando comemos deste Pão e bebemos deste Cálice anunciamos, Senhor, a Vossa morte, esperando a Vossa vinda gloriosa! |* **Doxologia cantada:** *Por Cristo, com Cristo, em Cristo…* R. *Ámen! Ámen! Ámen! |* **Ritos da Comunhão**

**IV. Ritos Finais**

**Avisos | Bênção solene do Natal do Senhor –** cf.*Missal,* p. 554 **| Despedida**

P. (Diácono): Pés ao caminho. Juntos pelo Natal, ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

Uma imagem com texto, livro

Descrição gerada automaticamente

**Oração para a bênção da mesa \* | Noite e Dia de Natal 2021**

Deus feito Menino,

hoje, aos pés do Teu Presépio,

descalçamos os nossos sapatos,

como quem pisa a terra sagrada

do mistério inexcedível da tua divindade

na carne viva da nossa humanidade.

Deus feito Menino,

faz-nos aproximar de mansinho,

sem o calçado ruidoso da guerra,

de mãos dadas, em pezinhos de lã,

a caminho da terra sagrada, que se avista

no rosto de cada irmão, de cada irmã.

**Deus feito Menino,**

**faz desta Casa o Presépio de Belém,**

**Casa do Pão, da Paz e do Perdão,**

**onde cada um se aproxima e se detém,**

**para que não falte a alegria do Natal,**

**no coração pequenino de mais ninguém.**

**Ámen.**

\* *Pode fazer-se a oração apenas com a terceira estrofe.*

**Mensagem de Natal 2021**

**descalça os sapatos aos pés do presépio!**

*Pés ao caminho. Juntos pelo Natal.*

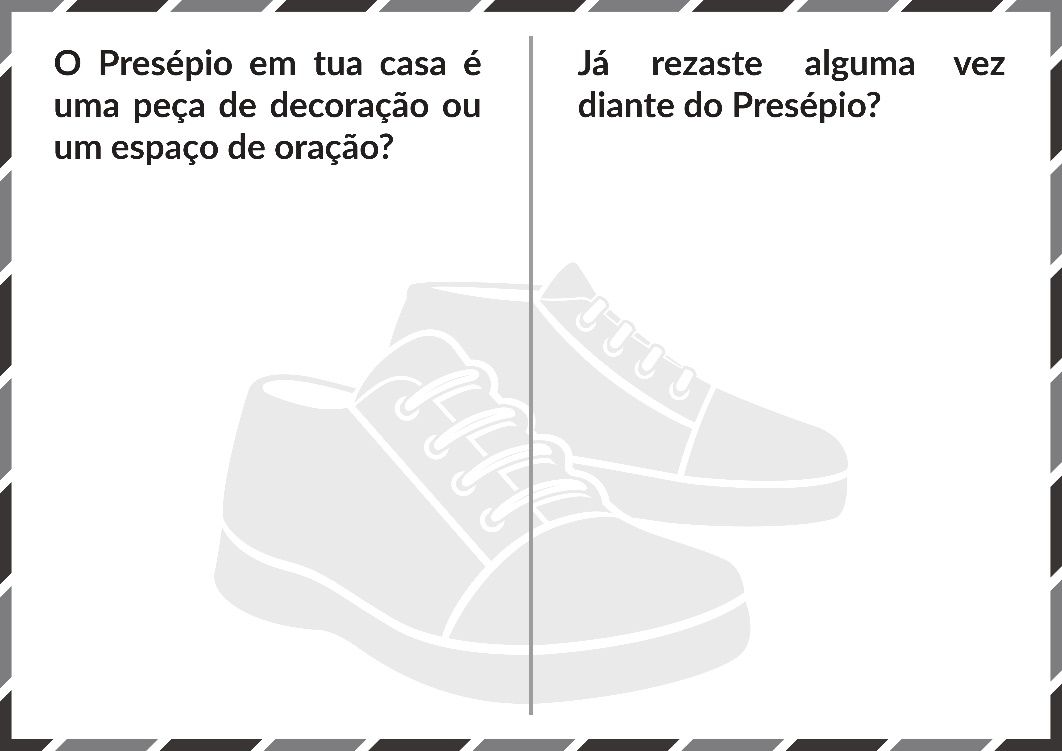
Irmãos e irmãs: está na memória de muitos a tradição antiga de colocar junto do Presépio os sapat0s, na ansiosa expectativa de receber o que o *Menino Jesus* tinha para nos oferecer. Os sapatos tornavam-se uma espécie de cofre aberto para o tesouro dos nossos sonhos. Mas perguntemo-nos: *Para guardar os presentes do Menino Jesus não seria mais prático um saco ou uma caixa, em vez de um pequeno par de sapatos?* Talvez o segredo seja mesmo este: para receber o maior presente de Natal, esse mistério imenso de Deus feito Homem, é preciso *descalçar os sapatos*, como Moisés descalçara as sandálias, diante do mistério maravilhoso da manifestação do fogo do amor divino. Já agora, deixa que te pergunte: *O Presépio em tua casa é uma peça de decoração ou um espaço de oração? Já paraste e rezaste alguma vez diante do Presépio?* Hoje é o dia: *descalça os teus sapatos, ora e adora-O*!

Mas, ao mesmo tempo, neste Deus feito Menino, cada pessoa, que vem a este mundo, mesmo na sua maior indigência, fragilidade e dependência, é sempre a explicação e a replicação do mistério do Natal. Por isso, diante do outro, do teu filho ou filha, do teu pai ou mãe, do teu avô ou avó, do teu amigo ou amiga, do teu conhecido ou desconhecido, do teu aluno ou do teu paciente, *descalça os sapatos*, porque estás a entrar em *terra sagrada*. Isto quer dizer: *não entres de chancas*, *mas em pezinhos de lã;* *abeira-te com delicadeza e respeito, detém os teus passos, inclina-te e reclina-te, deixa-te maravilhar, surpreender e interpelar, interrogar e comover diante daquele rosto único, daquela história singular de vida, que deves ler e iluminar à luz do Natal do Senhor.* Olha que *descalço também se caminha* (Pe. João Aguiar Campos)!

Querido irmão, querida irmã, este é realmente o mistério e a graça que celebramos: Deus e o Homem caminham, encontram-se e manifestam-se *juntos pelo Natal*! Por isso, ninguém mais fique para trás ou sozinho. Feliz Natal e pés ao caminho!

Pe. Amaro Gonçalo

Pároco de Nossa Senhora da Hora

****

**Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamenteUma imagem com texto, livro

Descrição gerada automaticamente**

**OUTROS TEXTOS**

**E HOMILIAS DO NATAL**

**1992-2020**

**Homilia na Solenidade do Natal 2020** (1.ª versão)

1. ***Todos de casa!*** Celebramos hoje o tão esperado e desejado Natal de 2020, este ano mais do que nunca, em nossa casa e, na maior parte dos casos, apenas com ***os de casa***. E assim nos identificamos e aproximamos, *em modo* real e *viral,*desse Natal primeiro e original. De facto, desde o anúncio da Encarnação à Virgem Maria até ao nascimento do Menino no Presépio de Belém, os acontecimentos que preparam e celebram o Natal do Senhor acontecem em casa. No Natal, celebramos esta vinda surpreendente de Jesus, o Filho de Deus, a Palavra eterna do Pai, que Se faz Homem e vem habitar entre nós (Jo 1,14). Mas em Belém – anota o evangelista São Lucas – “*não havia lugar para eles na hospedaria*” (Lc 2,7). E o quarto evangelho deixa a mesma nota, noutro registo: “*Veio ao que era seu e os seus não O receberam*” (Jo 1,11). Somos nós, aqui e agora, no hoje da história, a Casa do Seu Nascimento. A Estrela do Oriente, que vai à nossa frente, indica que é em nossa Casa, que Ele hoje quer nascer, crescer, viver e conviver. A celebração do mistério do Natal desafia-nos, pois, a tornar cada vez mais «familiar» esta presença de Jesus em nossa casa, de modo que Ele não se torne uma *visita anual* e decorativa do Presépio, mas uma presença real e permanente nas nossas casas, como Ele mesmo nos prometeu: “*onde dois ou três se reunirem em Meu Nome, Eu estarei no meio deles*” (Mt 18,20). Deixemos que nas nossas famílias, também Jesus se torne um de nós, Alguém “*de casa*”, a Luz da nossa própria Casa, a lâmpada acesa sobre a mesa, que ilumina e aquece tanta dor e tanta escuridão, que atravessam, neste Natal, o nosso coração.

2. ***Todos irmãos.*** Não é esta afinal a mensagem universal do Natal? O Natal diz-nos que Deus é um *Pai bom* e nós somos todos *irmãos*. O Natal celebra o mistério pelo qual Deus Se fez Homem e, em Jesus Cristo, Se faz nosso Irmão e nos faz *todos irmãos* e *irmãos de todos*. O rosto de Deus manifesta-Se num rosto humano. E assim, com a sua Encarnação, o Filho de Deus indica-nos que a salvação passa através da *fraternidade*entre nós, da *amabilidade*no trato, da *santidade*dos pequenos gestos, da *proximidade* com os feridos, da *solidariedade* quer procura o bem do outro, da *identidade* radical que partilhamos como filhos de Deus, da *hospitalidade*com que recebemos os outros como irmão e irmã *de casa,* da *unidade* fundamental do género humano, da *universalidade* do amor sem fronteiras, enfim, desta igualdade radical, que brota do Natal, pelo qual nos tornamos todos filhos de Deus, todos irmãos e irmãos de todos. Cantemos e entoemos, sem cessar, esta bela melodia do Natal.

3. Como cristãos, não podemos esconder que, *se a música do Evangelho [do Natal] parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação […] Se a música do Evangelho [do Natal] deixar de se repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia [natalícia] que nos desafia a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher* (FT 277).

4. Por isso, as minhas boas-festas natalícias são *votos de fraternidade*. Fraternidade entre pessoas, de bom ou de mau feitio, de qualquer convicção ou prática religiosa, mas capazes de se respeitar e ouvir umas às outras. A experiência lá de casa no-lo ensina: irmãos e irmãs são diferentes um do outro e nem sempre estão de acordo, mas há um laço indissolúvel que os une, e o amor dos pais ajuda-os a quererem-se bem. O mesmo se passa com a grande família humana, mas, nesta, é Deus o «Pai», o fundamento e a força da nossa fraternidade. Somos todos *irmãos em humanidade*!

5. Que este Natal nos faça redescobrir os laços de fraternidade que nos unem. O Menino pequenino e com frio, que hoje contemplamos na manjedoura, proteja as crianças e os mais frágeis, os indefesos e descartados, as vítimas, feridas e mortais, desta terrível pandemia da covid-19 e os afetados e infetados pelo vírus da indiferença. Possamos todos nós, sobretudo os mais idosos e sós, os lutadores e os enlutados desta pandemia, receber paz e conforto do nascimento do Salvador. Sentindo-nos todos amados pelo único Pai celeste, possamos, neste Natal, *reencontrarmo-nos e vivermos como irmãos*: *todos irmãos, todos de casa.*

**Homilia na Solenidade do Natal 2020** (2.ª versão)

**1. *Todos de casa!***

Irmãos e irmãs: celebramos hoje o tão sofrido, esperado e desejado Natal de 2020, este ano mais do que nunca, em nossa casa e, na maior parte dos casos, apenas com ***os de casa***. E assim nos identificamos e aproximamos, *em modo* real e *viral,* desse Natal primeiro e original. No Natal, celebramos a vinda surpreendente de Jesus, o Filho de Deus, a Palavra eterna do Pai, que Se faz Homem e vem habitar entre nós (Jo 1,14). Mas em Belém – anota o evangelista São Lucas – “*não havia lugar para eles na hospedaria*” (Lc 2,7). E o quarto evangelho deixa a mesma nota, noutro registo: “*Veio ao que era seu e os seus não O receberam*” (Jo 1,11). Somos nós, aqui e agora, no hoje da história, a Casa do Seu Nascimento. A Estrela do Oriente, que vai à nossa frente, indica que é em nossa Casa, que Ele hoje quer nascer, crescer, viver e conviver. A celebração do mistério do Natal desafia-nos, pois, a tornar cada vez mais «familiar» esta presença de Jesus em nossa casa, de modo que Ele não se torne uma *visita anual* e decorativa do Presépio, mas uma presença real e permanente nas nossas casas. Deixemos que nas nossas famílias, também Jesus se torne “*de casa*”, a Luz acesa sobre a mesa, que ilumine e aqueça tanta dor e escuridão, que atravessam, neste Natal, o nosso coração inquieto.

**2. *Todos irmãos!***

Irmãos e irmãs: qual é afinal a mensagem universal do Natal? O Natal diz-nos que Deus é um *Pai bom* e nós somos todos *irmãos*. O Natal celebra o mistério pelo qual Deus Se fez Homem e, em Jesus Cristo, Se faz nosso Irmão e nos faz *todos irmãos* e *irmãos de todos*. O rosto de Deus manifesta-Se num rosto humano. E assim, o Natal do Filho de Deus indica-nos que a salvação passa através da *fraternidade* entre nós, da *amabilidade* no trato, da *santidade* dos pequenos gestos, da *proximidade* com os feridos, da *solidariedade* que procura o bem do outro, da *identidade* radical, que brota deste mistério do Natal, pelo qual nos tornamos todos filhos de Deus, todos irmãos e irmãos de todos. Por isso, as minhas boas-festas natalícias são *votos de fraternidade*. Fraternidade entre pessoas, de bom ou de mau feitio, de qualquer convicção ou prática religiosa, de perto ou de longe! Que este Natal nos faça redescobrir os laços de fraternidade que nos unem.

**3. Na harmonia desta melodia do Natal**

Irmãos e irmãs: cantemos e entoemos, sem cessar, esta bela melodia, este hino da alegria de irmãos e irmãs, que vivem em harmonia (Sl 133/121,1), honrando o santo dia de Natal. Na verdade, “*se a música do Evangelho [do Natal] parar de vibrar nas nossas entranhas, perderemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança, a capacidade da reconciliação […] Se a música do Evangelho [do Natal] deixar de se repercutir nas nossas casas, nas nossas praças, nos postos de trabalho, na política e na economia, teremos extinguido a melodia que nos desafia a lutar pela dignidade de todo o homem e mulher* (FT 277). Mas não. Nós unimo-nos à multidão do exército celeste, que dá glória a este Deus (cf. Lc2,13), que nos faz e nos quer irmãos.

**4. A graça deste Natal: vivermos como irmãos**

Irmãos e irmãs: o Menino Deus, o Primogénito de muitos irmãos, proteja as crianças e os mais frágeis, os indefesos e os descartados, as vítimas desta terrível pandemia e todos os afetados e infetados pelo vírus mortal da indiferença. Possamos todos, mas sobretudo os mais idosos e sós, os lutadores e os enlutados desta terrível pandemia, receber luz, paz e conforto do Nascimento do Salvador. Peçamos ao Senhor, neste Natal de 2020, nada mais e nada menos que a graça de nos *reencontrarmos e de vivermos como irmãos e irmãs*: *todos irmãos, todos de casa.*

**Homilia na Solenidade do Natal 2020** (última versão)

1. ***Todos de casa!***

Irmãos e irmãs: celebramos hoje o tão sofrido, esperado e desejado Natal de 2020, este ano mais do que nunca, em nossa casa e, na maior parte dos casos, apenas com ***os de casa***. E assim nos identificamos e aproximamos, *em modo* real e *viral,* desse Natal primeiro e original. No Natal, celebramos a vinda surpreendente de Jesus, o Filho de Deus, a Palavra eterna do Pai, que Se faz Homem e vem habitar entre nós (Jo 1,14). Mas em Belém – anota o evangelista São Lucas – “*não havia lugar para eles na hospedaria*” (Lc 2,7). E o quarto evangelho deixa a mesma nota, noutro registo: “*Veio ao que era seu e os seus não O receberam*” (Jo 1,11). Somos nós, aqui e agora, no hoje da história, a Casa do Seu Nascimento. A Estrela do Oriente, que vai à nossa frente, indica que é em nossa Casa, que Ele hoje quer nascer, crescer, viver e conviver. A celebração do mistério do Natal desafia-nos, pois, a tornar cada vez mais «familiar» esta presença de Jesus em nossa casa, de modo que Ele não se torne uma *visita anual* e decorativa do Presépio, mas uma presença real e permanente nas nossas casas. Deixemos que nas nossas famílias, também Jesus se torne “*de casa*”, a Luz acesa sobre a mesa, que ilumine e aqueça tanta dor e escuridão, que atravessam, neste Natal, o nosso coração inquieto.

2. ***Todos irmãos!***

Irmãos e irmãs: qual é afinal a mensagem universal do Natal? O Natal diz-nos que Deus é um *Pai bom* e nós somos todos *irmãos*. O Natal celebra o mistério pelo qual Deus Se fez Homem e, em Jesus Cristo, Se faz nosso Irmão e nos faz *todos irmãos* e *irmãos de todos*. O rosto de Deus manifesta-Se num rosto humano. E assim, o Natal do Filho de Deus indica-nos que a salvação passa através da *fraternidade* entre nós, da *amabilidade* no trato, da *santidade* dos pequenos gestos, da *proximidade* com os feridos, da *solidariedade* que procura o bem do outro, da *identidade* radical, que brota deste mistério do Natal, pelo qual nos tornamos todos filhos de Deus, todos irmãos e irmãos de todos. Por isso, as minhas boas-festas natalícias são *votos de fraternidade*. Fraternidade entre pessoas, de bom ou de mau feitio, de qualquer convicção ou prática religiosa, de perto ou de longe, de fora ou de casa! Que este Natal nos faça redescobrir os laços de fraternidade que nos unem.

**3. A graça deste Natal: vivermos como irmãos**

Irmãos e irmãs: o Menino Deus, o Primogénito de muitos irmãos, proteja as crianças e os mais frágeis, os indefesos e os descartados, as vítimas desta pandemia e todos os afetados e infetados pelo vírus mortal da indiferença. Possamos todos, mas sobretudo os mais idosos e sós, os lutadores e os enlutados, receber do Nascimento do Salvador uma luz suave, uma paz duradoira e um conforto consolador.

Que o Deus Menino, neste Natal de 2020, nos conceda, nada mais e nada menos, do que a graça e a alegria, de nos reencontrarmos e de vivermos como irmãos e irmãs, em melodiosa harmonia (cf. Sl 133/121,1). Guiados pela Estrela do Oriente, eis-nos, todos de joelhos e todos de mãos dadas, dentro do Presépio de Belém. Este é o lugar mais belo do mundo, onde nascemos e nos tornamos *todos irmãos, todos de casa.*

**Homilia na Solenidade do Natal do Senhor 2019**

*Todos aqui nascemos!*

*Todos aqui nascemos!* Contemplemos o mistério do Natal, nestas três palavras:

1. “***Todos***” é a primeira palavra. Esta é, aliás, uma palavra recorrente em toda a Liturgia do tempo do Natal: “*Todos os confins da Terra viram a salvação do nosso Deus*” (*Sl* 98,3). O Natal diz respeito a todos, porque o facto de Deus Se fazer Homem n’Aquele Menino de Belém põe em evidência a dignidade e a grandeza de cada pessoa humana, de todos os homens e mulheres, de todos os tempos e lugares. O mistério da Encarnação conduz-nos a partilhar, como irmãos, esta dimensão comum da nossa natureza humana e esta vocação comum à filiação divina. Tu só podes receber Cristo se receberes a todos, sem exclusão de uma só pessoa que seja! Tu não podes nascer de novo neste Natal, sem teres nada a ver com os outros. És chamado a celebrá-l’O, saindo ao encontro dos irmãos, não apenas com palavras ou sentimentos, mas, sobretudo, através dos pequenos gestos de amor. Começa, então, por sair ao encontro daqueles que talvez te pareça não o merecerem, pois são aqueles que mais carecem hoje do teu amor gratuito. Lembra-te: “*Ninguém está excluído da participação nesta alegria (do Natal); a causa desta alegria é comum a todos, porque Nosso Senhor, não tendo encontrado ninguém isento de pecado, a todos veio libertar*” (São Leão Magno). Por isso, o Natal só é teu, se for dos outros. Se olhares bem para este Presépio, que tem como árvore uma videira, este «*todos aqui nascemos»* como filhos de Deus também significa: “*todos aqui crescemos*” como irmãos, unidos uns aos outros *“como ramos na videira*” verdadeira, que é Cristo.

2. “Todos ***aqui*** nascemos”. “*Aqui*” é a segunda palavra. Aqui, onde? Em primeiro lugar, é ***aqui* no Presépio**, no curral de Belém. Se estamos todos unidos a Cristo, como os ramos na videira, ou como membros do Seu Corpo, não podemos deixar de considerar que todos nascemos com Ele, neste Natal. E porque é que nascemos «aqui» no Presépio, com Ele, neste Natal? Porque este «*aqui*» do Presépio é também o «aqui» do Batistério. É aqui, na fonte batismal, que o pobre ser humano é mergulhado no oceano da divindade. O mesmo Espírito Santo, que gerou Jesus, no seio da Virgem Maria, atua aqui, nesta outra fonte de vida, para que esta água nos regenere a todos e nos faça nascer de novo (cf. São Leão Magno). Todos nós, que nascemos na fonte do Batismo, assim como fomos crucificados, sepultados e ressuscitados e glorificados com Cristo, também nascemos com Ele neste Natal.

3. *Todos aqui nascemos. “****Nascemos****” não é a última* palavra*,* mas a primeira, a mais bela de todas. *Nascer* é o verbo principal do Natal, a festa do Verbo de Deus, que Se fez Carne de criança, no Menino de Belém. Este “*nascemos*” é um verbo que se conjugará, sempre, para ti, no plural, *em modo* indicativo e em presente contínuo.

4. Irmão, irmã: entre o Natal de Jesus e o Batismo cristão há realmente uma afinidade de raiz: ambos celebram o *nascimento* pelo qual todos somos dados à luz, como filhos de Deus. Faço-te, pois, o convite, para que passes aqui pelo Presépio, construído por um grupo de jovens, no lugar do Batistério. Passa por aqui, para fazeres memória viva e agradecida do teu Batismo. *Sabes o dia desde que és batizado?* Se não, procura sabê-lo, quanto antes. E, ainda neste Natal, ou no dia de aniversário do teu Batismo, ou no domingo mais próximo, passa por aqui, para agradeceres ao Senhor essa admirável graça divina, que aqui te *faz* filho de Deus, que aqui te faz nascer de novo*.* Se não for possível, junto do Presépio, lá em casa, acende ao menos uma vela. Se a tiveres, acende a vela do teu Batismo.

5. *Todos aqui nascemos*! Todos aqui nos encontremos. E todos aqui rezemos, para nascermos de novo neste Natal:

“*Obrigado(a), Jesus, por nasceres em nós.*

*Obrigado(a), Jesus, por nasceres por nós.*

*Obrigado(a), Jesus, por teres nascido para nós”.*

Para todos, um santo e feliz Natal!

**Homilia na Solenidade do Natal do Senhor 2018**

fórmula mais breve

*Presépio, lugar de encontro para todos!*

**1.** É para todo o povo *a grande alegria* que ressoa neste Natal! Todos são convocados a ir até ao Presépio. Não se paga entrada para lá entrar! O Presépio é *Casa comum*, com porta aberta a todas as visitas, ponto de encontro de Deus connosco e de encontro entre todos os Seus filhos. Ninguém é marginalizado no Presépio, nem sequer os pobres animais. Foram os pastores, os marginalizados da época, os sem-abrigo, que viviam nas periferias dos campos, os primeiros convidados a ir ao Presépio. Mas o Presépio será também ponto de atração e de encontro para os Magos, que virão dos confins da Terra (cf. *Mt* 2,1-12) no encalço da Luz verdadeira, “*que, vindo a este mundo, a todos ilumina*” (cf. *Jo* 1,9). Ali, no Presépio, rebrilha a luz de Cristo, o Sol nascente e *invencível*, que quando nasce… nasce realmente para todos! Mesmo quem não é cristão, sente-se interpelado pela beleza daquela pobreza do Presépio, em que se manifesta toda a riqueza da graça e da bondade, na humanidade do nosso Deus! *“Da alegria trazida pelo Senhor, ninguém é excluído*” (EG 3).

**2.** Todavia, o mistério do Natal, festa do encontro para todos, traz já consigo um sabor de tristeza, uma vez que o amor não é acolhido, a vida é descartada. Assim acontece a José e a Maria, que encontraram as portas fechadas e puseram Jesus numa manjedoura, «*por não haver lugar para eles na hospedaria*» (*Lc* 2,7). “*Veio ao que era seu, mas os seus não O receberam*” (*Jo* 1,11). E a mesma indiferença pode reinar também hoje, se permanecermos insensíveis aos *três tristes tês* dos *sem-terra, sem trabalho e sem teto*. Por isso, o Natal comporta o desafio de tornar o nosso coração, a nossa família, a nossa terra, e assim, este nosso mundo, *um lugar para todos: imigrantes e refugiados, crianças rejeitadas e maltratadas, jovens pobres e explorados, idosos exilados dentro de casa ou* fechados em *reservas isoladas.*

**3.** Queridos irmãos e irmãs:

Estamos reunidos à volta do Presépio, em torno da manjedoura, no altar da Eucaristia. A partir daqui, queremos construir *o Presépio*, em casa, na Igreja e na rua, como *lugar de encontro para todos*. Não deixemos de sonhar e trabalhar por um mundo que seja verdadeira *Casa comum,* lugar para todos, onde não falte a ninguém uma *terra, um teto e um trabalho*. Porém, esta *Casa comum* só será de todos, se este desejo de construir o *Presépio, lugar de encontro para todos*, começar por habitar o coração da nossa vida, por assentar os alicerces da nossa casa e animar a célula básica da nossa família.

**4.** Num mundo tão competitivo, onde cada um pensa que tem de conquistar o seu lugar à custa do outro, o Natal vem ensinar-nos que, em família, ninguém é a mais nem de mais; pelo contrário, há sempre lugar para mais um na nossa casa e à nossa mesa; é preciso aprender do Presépio a dar lugar ao outro; a tornar-se um lugar do cuidado dos mais frágeis e do encontro para os outros, de modo que ninguém se sinta só ou de sobra. Deixemos que o Natal se sinta em casa.

**5.** Escreveu o poeta Daniel Faria: “*Não acredito que cada um tenha o seu lugar. Acredito que cada um é um lugar para os outros*”. Este é realmente o verdadeiro espírito do Natal, que torna possível fazer do “*Presépio, do nosso coração, da nossa família, da nossa comunidade, da nossa terra, do nosso mundo, um lugar para todos*”! Assim seja, para que hoje aconteça Natal.

**Homilia na Solenidade do Natal do Senhor 2018**

fórmula mais longa

*Presépio, lugar de encontro para todos!*

**1.** É para todo o povo *a grande alegria* que ressoa neste Natal! Todos são convocados a ir até ao Presépio. Não se paga entrada para lá entrar! O Presépio é *Casa comum*, com porta aberta a todas as visitas, ponto de encontro de Deus connosco e de encontro entre todos os Seus filhos. Ninguém é marginalizado no Presépio, nem sequer os pobres animais. Foram os pastores, os marginalizados da época, os sem-abrigo, que viviam nas periferias dos campos, os primeiros convidados a ir ao Presépio. Mas o Presépio será também ponto de atração e de encontro para os Magos, que virão dos confins da Terra (cf. *Mt* 2,1-12) no encalço da Luz verdadeira, “*que, vindo a este mundo, a todos ilumina*” (cf. *Jo* 1,9). Ali, no Presépio, rebrilha a luz de Cristo, o Sol nascente e *invencível*, que quando nasce… nasce realmente para todos! Mesmo quem não é cristão, sente-se interpelado pela beleza daquela pobreza do Presépio, em que se manifesta toda a riqueza da graça e da bondade, na humanidade do nosso Deus! *“Da alegria trazida pelo Senhor, ninguém é excluído*” (EG 3).

**2.** Todavia, o mistério do Natal, festa do encontro para todos, traz já consigo um sabor de tristeza, uma vez que o amor não é acolhido, a vida é descartada. Assim acontece a José e a Maria, que encontraram as portas fechadas e puseram Jesus numa manjedoura, «*por não haver lugar para eles na hospedaria*» (*Lc* 2,7). “*Veio ao que era seu, mas os seus não O receberam*” (*Jo* 1,11). E a mesma indiferença pode reinar também hoje, se permanecermos insensíveis aos *três tristes tês* dos *sem-terra, sem trabalho e sem teto*. Por isso, o Natal comporta o desafio de tornar o nosso coração, a nossa família, a nossa terra, e assim, este nosso mundo, *um lugar para todos.* Permitam-me recordar aqui aqueles grupos humanos, que hoje correm o risco de não encontrar o seu justo lugar:

**2.1.** *Pensemos nos imigrantes e refugiados* rejeitados. Neles revejo o doloroso caminho do exílio, de José, Maria e Jesus, em busca de refúgio no Egito (cf. *Mt* 2,13-15.19-23). *Será a Terra, verdadeira Casa Comum, ou apenas um teatro de guerra, se não os acolhermos, protegermos, promovermos e integrarmos?*

***2.2.*** *Pensemos nas crianças* rejeitadas antes de ver a luz ou desalojadas devido às guerras e perseguições. E pensemos nas crianças das nossas famílias. *Sabemos ouvi-las, defendê-las, rezar por elas e com elas? Temos tempo para brincar com os filhos, ou estamos sempre ocupados?* Brincar com os filhos é semear o futuro. Dar-lhes *lugar* é dar-lhes tempo, atenção e coração! *Há lugar para as crianças no Presépio ou o espaço está ocupado pelas prendas?*

**2.3.** *Pensemos nos jovens,* para quem há oferta a mais no mercado do consumo e lugar a menos no mercado de trabalho. Dar-lhes lugar no Presépio é dar-lhes voz e ouvidos, formá-los, empregá-los, caminhar com eles na busca da felicidade e do sentido da vida! *Têm os jovens lugar no nosso mundo, ou são apenas uma bandeira dos nossos discursos?*

**2.4.** *E pensemos, por fim, nos idosos*, «*exilados escondidos*» dentro das famílias, tratados como presenças incómodas, e quantas vezes, desprezados, abandonados ou fechados em *reservas isoladas*. É preciso superar a recíproca estranheza entre os mais velhos e os mais novos, para dar lugar a uma “*aliança de gerações”*, na certeza de que com os jovens andamos mais depressa, mas com os idosos iremos mais longe. Não podemos aceitar um Estado que despreza a riqueza social de tantos cuidadores informais, de familiares que acompanham com desvelo os seus idosos, em suas casas. Lutemos para que seja reconhecido o sue estatuto e os idosos encontrem cada vez mais na família o seu verdadeiro lar e lugar.

**3.** Queridos irmãos e irmãs:

Estamos reunidos à volta do Presépio, em torno da manjedoura, no altar da Eucaristia. A partir daqui, queremos construir *o Presépio*, em casa, na Igreja e na rua, como *lugar de encontro para todos*. Não deixemos de sonhar e trabalhar por um mundo, que seja verdadeira *Casa comum,* lugar para todos, onde não falte a ninguém uma *terra, um teto e um trabalho*. Porém, esta *Casa comum* só será de todos, se este desejo de construir o *Presépio, lugar de encontro para todos*, começar por habitar o coração da nossa vida, por assentar os alicerces da nossa casa e animar a célula básica da nossa família.

**4.** Num mundo tão competitivo, onde cada um pensa que tem de conquistar o seu lugar à custa do outro, o Natal vem ensinar-nos que, em família, ninguém é a mais nem de mais; pelo contrário, há sempre lugar para mais um na nossa casa e à nossa mesa; é preciso aprender do Presépio a dar lugar ao outro; a tornar-se um lugar do cuidado dos mais frágeis e do encontro para os outros, de modo que ninguém se sinta só ou de sobra. Deixemos que o Natal se sinta em casa.

**5.** Escreveu o poeta Daniel Faria: “*Não acredito que cada um tenha o seu lugar. Acredito que cada um é um lugar para os outros*”. Este é realmente o verdadeiro espírito do Natal, que torna possível fazer do “*Presépio, do nosso coração, da nossa família, da nossa comunidade, da nossa terra, do nosso mundo, um lugar para todos*”! Assim seja, para que hoje aconteça Natal.

**HOMILIA NA CELEBRAÇÃO DO NATAL 2017**

**1.** *Movidos pela Estrela que brilha no amor*, eis-nos chegados ao Presépio de Belém. Está tudo conforme o sinal dado pelo Anjo aos Pastores: *“um Menino recém-nascido, envolto em panos e deitado numa manjedoura*” *(Lc* 2,12). É uma família que traz gravada nas pegadas do caminho esta marca de origem: “*pobre de meios*”. Maria e José vêm de Nazaré, de uma pobre povoação, perdida na periferia de um grande império, e agora pernoitam num curral, em Belém, nos arrabaldes de Jerusalém. Este é *o sinal de sempre* para encontrar Jesus: a simplicidade frágil de um Menino recém-nascido numa família *pobre de meios*, mas onde não falta a mansidão do Menino deitado na manjedoura, envolto nas fraldas que O resguardam, no amor inexcedível de Maria e de José. Ali está Deus. O Salvador nasce num Presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres! O Verbo de Deus faz-Se Carne, *monta a sua tenda* (cf. *Jo* 1,14) no meio de nós e, neste empobrecimento, torna-nos ricos com os dons da vida eterna, da alegria plena, da paz verdadeira, da salvação.

**2.** E é com este sinal de “*Cristo que Se fez pobre, para nos enriquecer com a Sua pobreza*” (*2 Cor* 8,9), que o Evangelho nos desvenda o paradoxo do Natal: fala-nos do imperador, do governador, dos grandes de então, mas Deus não Se apresentou lá; não aparece no salão nobre de um palácio real, mas na pobreza de um curral; não nos faustos ilusórios, mas na simplicidade da vida; não no poder, mas numa pequenez tal que nos impressiona e surpreende. E, para O encontrar, é preciso ir aonde Ele está: é preciso inclinar-se, abaixar-se, fazer-se pequenino, fazer-se pobre. Compreenderam-no bem, naquela noite, os Pastores que se contavam entre os marginalizados de então. Foram eles os primeiros convidados do Natal. Quem se sentia seguro de si, autossuficiente, ficara em casa com as suas coisas; ao contrário, os Pastores «*foram apressadamente*» (*Lc* 2,16). Por isso, queridos irmãos e irmãs, continuam a ser os pobres o portal, a nossa porta principal de entrada no Presépio!

3. O Menino que ali nasce, *pobre de meios,* interpela-nos hoje a deixar as ilusões do efémero para ir ao essencial; a renunciar às nossas pretensões insaciáveis com coisas que enchem, mas não preenchem. O Menino, rejeitado e descartado, que Maria dá à luz num curral «*por não haver lugar para eles na hospedaria*» (*Lc* 2,7), sofre hoje a mesma indiferença quando o Natal se torna uma festa onde os protagonistas somos nós, em vez de ser Ele; quando as luzes do comércio deixam na sombra a Luz de Deus; quando só nos preocupamos com as ementas e as prendas de Natal e ficamos insensíveis aos pobres e sós. Esta mundanidade tornou refém o Natal; é preciso libertá-lo, para o vivermos no tempo presente “*com temperança, justiça e piedade*” (*Tt* 2,11-14). Só assim, em Jesus, saborearemos o verdadeiro espírito do Natal: a beleza de cada um ser e se saber amado por Deus.

4. Deixemo-nos mover e comover pelo brilho da Estrela que resplandece no rosto deste Menino nascido para nós em Belém, “*a Casa do* Pão”. Nasce como *pão para nós*; vem à nossa vida, para nos dar a Sua vida. Vem, não para devorar e comandar, mas para nos alimentar e servir. Esta é a linha que liga a *manjedoura, a Cruz e a Eucaristia*, onde Jesus Se faz *Pão repartido* para vida do mundo: é a linha direta do amor que Se dá e nos salva, que dá luz à nossa vida e paz aos nossos corações.

5. Irmãos e irmãs: “*Movidos pela Estrela que brilha no amor, / encontramos Maria, José e o Menino, / nosso único salvador! /// Pobre de meios, como uma tenda, / é neste Presépio que nasce a Luz. / E o nosso tesouro escondido é Jesus. /// Vinde, Senhor, e enriquecei-nos, / com os pobres pela casa adentro. // E brilharemos como Estrelas no firmamento”!*

**HOMILIA DO PAPA FRANCISCO**

Basílica Vaticana - Sábado, 24 de dezembro de 2016

*«Manifestou-se a graça de Deus, portadora de salvação para todos os homens»* (*Tt* 2, 11). Estas palavras do apóstolo Paulo revelam o mistério desta noite santa: manifestou-se a graça de Deus, o seu presente gratuito; no Menino que nos é dado, concretiza-se o amor de Deus por nós.

É uma *noite de glória*, a glória proclamada pelos anjos em Belém e também por nós em todo o mundo. É uma *noite de alegria*, porque, desde agora e para sempre, Deus, o Eterno, o Infinito, é *Deus connosco*: não está longe, não temos de O procurar nas órbitas celestes nem em qualquer ideia mística; está próximo, fez-Se homem e não Se separará jamais desta nossa humanidade que assumiu. É uma *noite de luz*: a luz, profetizada por Isaías e que havia de iluminar quem caminha em terra tenebrosa (cf. 9, 1), manifestou-se e envolveu os pastores de Belém (cf. *Lc* 2, 9).

Os pastores descobrem, pura e simplesmente, que «um menino nasceu para nós» (*Is* 9, 5) e compreendem que toda aquela glória, toda aquela alegria, toda aquela luz se concentram num único ponto, no *sinal* que o anjo lhes indicou: «Encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (*Lc* 2, 12). Este é *o sinal de sempre* para encontrar Jesus; não só então, mas hoje também. Se queremos festejar o verdadeiro Natal, contemplemos este sinal: a simplicidade frágil dum pequenino recém-nascido, a mansidão que demonstra no estar deitado, a ternura afetuosa das fraldas que O envolvem. Ali está Deus.

E com este sinal, o Evangelho desvenda-nos um paradoxo: fala do imperador, do governador, dos grandes de então, mas Deus não Se apresentou lá; não aparece no salão nobre dum palácio real, mas na pobreza dum curral; não nos fastos ilusórios, mas na simplicidade da vida; não no poder, mas numa pequenez que nos deixa surpreendidos. E, para O encontrar, é preciso ir aonde Ele está: é preciso inclinar-se, abaixar-se, fazer-se pequenino. O Menino que nasce interpela-nos: chama-nos a deixar as ilusões do efémero para ir ao essencial, renunciar às nossas pretensões insaciáveis, abandonar aquela perene insatisfação e a tristeza por algo que sempre nos faltará. Far-nos-á bem deixar estas coisas, para reencontrar na simplicidade de Deus-Menino a paz, a alegria, o sentido luminoso da vida. Deixemo-nos interpelar pelo Menino na manjedoura, mas deixemo-nos interpelar também pelas crianças que, hoje, não são reclinadas num berço nem acariciadas pelo carinho duma mãe e dum pai, mas jazem nas miseráveis «*manjedouras de dignidade*»: no abrigo subterrâneo para escapar aos bombardeamentos, na calçada duma grande cidade, no fundo dum barco sobrecarregado de migrantes. Deixemo-nos interpelar pelas crianças que não se deixam nascer, as que choram porque ninguém lhes sacia a fome, aquelas que na mão não têm brinquedos, mas armas. O mistério do Natal, que é luz e alegria, interpela e mexe connosco, porque é um *mistério de esperança e*simultaneamente*de tristeza*. Traz consigo um *sabor de tristeza*, já que o amor não é acolhido, a vida é descartada. Assim acontece a José e Maria, que encontraram as portas fechadas e puseram Jesus numa manjedoura, «por não haver lugar para eles na hospedaria» (*Lc* 2, 7). Jesus nasce rejeitado por alguns e na indiferença da maioria. E a mesma indiferença pode reinar também hoje, quando o Natal se torna uma festa onde os protagonistas somos nós, em vez de ser Ele; quando as luzes do comércio põem na sombra a luz de Deus; quando nos afanamos com as prendas e ficamos insensíveis a quem está marginalizado. Esta mundanidade fez refém o Natal; é preciso libertá-lo!

Mas o Natal tem sobretudo um *sabor de esperança*, porque, não obstante as nossas trevas, resplandece a luz de Deus. A sua luz gentil não mete medo; enamorado por nós, Deus atrai-nos com a sua ternura, nascendo pobre e frágil no nosso meio, como um de nós. Nasce em Belém, que significa «*casa do pão*»; deste modo parece querer dizer-nos que nasce como *pão para nós*; vem à nossa vida, para nos dar a sua vida; vem ao nosso mundo, para nos trazer o seu amor. Vem, não para devorar e comandar, mas alimentar e servir. Há, pois, uma linha direta que liga a manjedoura e a cruz, onde Jesus será *pão repartido*: é a linha direta do amor que se dá e nos salva, que dá luz à nossa vida, paz aos nossos corações.

Compreenderam-no, naquela noite, os pastores, que se contavam entre os marginalizados de então. Mas ninguém é marginalizado aos olhos de Deus, e precisamente eles foram os convidados de Natal. Quem se sentia seguro de si, autossuficiente, ficara em casa com as suas coisas; ao contrário, os pastores «foram apressadamente» (*Lc* 2, 16). Deixemo-nos, também nós, interpelar e convocar nesta noite por Jesus, vamos confiadamente ter com Ele, a partir daquilo em que nos sentimos marginalizados, a partir dos nossos limites, a partir dos nossos pecados. Deixemo-nos tocar pela ternura que salva. Aproximemo-nos de Deus que Se faz próximo, detenhamo-nos a olhar o presépio, imaginemos o nascimento de Jesus: a luz e a paz, a pobreza extrema e a rejeição. Entremos no verdadeiro Natal com os pastores, levemos a Jesus aquilo que somos, as nossas marginalizações, as nossas feridas não curadas, os nossos pecados. Assim, em Jesus, saborearemos o verdadeiro espírito do Natal: a beleza de ser amado por Deus. Com Maria e José, paremos diante da manjedoura, diante de Jesus que nasce como pão para a minha vida. Contemplando o seu amor humilde e infinito, digamos-Lhe pura e simplesmente obrigado: Obrigado, porque fizestes tudo isto *por mim*.

**Homilia na Noite de Natal 2016**

**Como os Pastores, guardadores do sonho de Deus!**

**1.** “*Com Maria e José, sonhar a alegria do Natal*”. Pelo sonho é que vamos! Pelo sonho viemos! Pelo sonho aqui chegámos! Estamos em festa. É Natal. Jesus nasceu! É certo que havia pobreza. A família estava longe de sua casa e não tinha alojamento confortável. Mas que grande alegria naquela família! Nasceu o filho tão esperado, o filho nove meses sonhado! Cumpriu-se o sonho de Maria e José! Deus entrou no mundo, por uma família. Mas esse Filho nasceu também para nós. Um Menino nos foi dado! Nasceu-nos o Messias prometido, o Salvador esperado.Começa a cumprir-se o sonho de Deus:o Seu sonho de estar connosco, de habitar no meio de nós, para fazer de todos os Seus filhos dispersos uma única família.

**2.** Mas para chegar aqui, passaram-se muitos séculos, numa história de salvação, manchada de sangue, de crimes, de guerras, ódios e escravidão. Mas Deus, que tinha semeado os Seus sonhos, na carne do homem, feito à Sua imagem e semelhança, continuava a esperar**,** sem desistir de sonhar, mesmo quando se abatiam, sobre o Seu povo amado, os mais obscuros pesadelos! Os sonhos de Deus, enraizados na Sua fidelidade, eram guardados pela Sua paciência! Deus, aliás, nunca renega os Seus sonhos para nós! O nosso Deus não conhece a impaciência; simplesmente espera, espera sempre! E sabemo-lo bem: da parte do Seu Povo, somente um pequeno resto, «*pobre e humilde, que se refugiava no nome do Senhor*» (Sf 3,12) acompanhava a Sua paciência, e guardava os Seus sonhos!

**3.** Neste andar pelo sonho, brilha uma grande Luz, no meio das trevas. Brilha a gloriosa luz do Deus Menino, na noite de Natal! “*Nasceu-vos um Salvador*”. E, de noite, é anunciado o Seu nascimento a «*uns pastores que viviam nos campos e guardavam os seus rebanhos*» (Lc 2,8)! Estes pastores eram uma espécie de máfia, de quem se tinha muito medo. Não eram como os pastorinhos de Fátima, que passavam o tempo no meio das suas ovelhinhas; os pastores de Belém matavam-nas, e por isso, na noite de Natal, também eles são convidados à conversão, à mansidão, à paz. E são estes marginais pastores, na noite de Natal, os verdadeiros guardadores de sonhos! Os pastores “*guardam*” o sonho da noite de Natal, porque se abeiram d’Ele, com o espanto dos simples, porque O conservam “puro” e “pobre”, porque O contemplam, despojado e sem ornamento, e porque deixam brilhar nos seus corações a notícia da grande alegria! Naquela noite, diante do Menino-Deus, parece-nos ouvir os pastores, ao chegar à pressa ao Presépio, devolver e oferecer a lã e o leite e rezar, “*comovidos e mudos*”, diante do Menino: «*Senhor,* *“não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim [tenho diante de mim], todos os sonhos do mundo”* (Álvaro de Campos)».

**4.** Irmãos e irmãs: estes sonhos de Deus, no coração humano, não têm mais lugar no palácio de Herodes, nem na grande cidade de Jerusalém. Estes sonhos estão guardados numa família, no coração de Maria e José! Deus não quis vir ao mundo senão através de uma família**!** Por isso, a partir do Presépio de Belém toda a família é sagrada. E nós, como Maria e José, cobiçando os sonhos de Deus, somos chamados a guardar este tesouro e a fazer de *“toda a vida da família um pastoreio misericordioso*” (AL 322), o lugar onde Deus possa nascer e aconchegar-Se!

**5.** Na alegria do Natal, rezemos por todas as famílias, que não desistem de sonhar, apesar de tantas dificuldades, desgostos e privações. E rezemos também pelas que desistiram do sonho, para que se reergam e se levantem. Rezemos pelas famílias que confraternizam felizes e pelas que sofrem abandono e solidão! Com a nossa ajuda, possam os mais frágeis e feridos, os sós e os pobres, sentir a proximidade de Jesus, que nasceu para todo o Povo! E assim se cumpra, na vossa família, e a partir dela, em todas as famílias, o fim da nossa caminhada: “*Com Maria e José, sonhar a alegria do Natal*”!

**HOMILIA NA SOLENIDADE DO NATAL 2015**

***Há mais alegria em dar (Se)!***

**1.** Desta alegria maior, que nos trouxe até este santo dia, faz o Anjo notícia, na noite de Natal: «*anuncio-vos uma grande alegria para todo o Povo: “nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo, Senhor”*» (Lc.2,11). Eis a alegria, que vislumbrara, desde os séculos antigos, o profeta Isaías: «*Um Menino nasceu para nós. Um Filho nos foi dado*» (Is.6,9). É a mesma alegria, que deslumbrou os pastores, guiados por este sinal: «*encontrareis um Menino, envolto em panos e deitado na manjedoura*» (Lc.2,12). Esta é a alegria maior, que nos assombra a todos: a alegria de um Deus, que Se dá todo a Si mesmo, dando-nos o Seu Filho único, dando-nos Aquele que é, desde toda a eternidade, a Sua razão de ser Pai, e, portanto, a razão de toda a Sua alegria! Jesus é o dom dos dons, o presente dos presentes, o inesperado e imerecido presente, que nos é dado por Deus, “*não pelas obras justas que praticámos, mas em virtude da Sua misericórdia*” (Tit.3,5)!

**1.1.** Irmãos e irmãs: «*há mais alegria em dar (Se)*». Quando trocamos os presentes, na noite de natal, dizemos que foi o Pai-Natal que no-los deu! Mesmo depois de perdermos a inocência, continuamos a atribuir os presentes, não a um rosto conhecido, mas a esse *pai bondoso e generoso, que bem podia ser pai do nosso pai,* com barbas de avô, e que, no nosso imaginário, vem de há muito… e de muito longe. Não poderá o Pai-Natal fazer-nos ver que o verdadeiro dom não nos pertence, não vem de nós? Vem de muito antes de nós; chegou, por outros, até nós; e foi-nos dado, por Outro, para ser dado a outros. **Este é primeiro desafio que vos deixo, neste Natal**: reaprender a arte do dom, para conhecermos a alegria de (Se) dar. Vede que depressa rasgamos os embrulhos das prendas que nos dão! Mas guardamos, para sempre, no coração, o verdadeiro dom: a atenção criativa, o cuidado do outro, a presença calorosa e disponível, a ternura de um olhar, de uma carícia, de uma mensagem. É verdade: ***Há mais alegria em dar (Se)!***

***Felizes os misericordiosos!***

**2.** Detenhamo-nos agora, na outra face da bem-aventurança, que nos reconduz, este ano, ao espírito do natal: “***Felizes os misericordiosos”!*** O Natal coloca-nos diante de um rosto, o rosto de um Menino, indefeso, inocente, pobre, exposto, diante do Qual, nos vemos e revemos, sem Lhe podemos ficar indiferentes. Naquele Menino, contemplamos o rosto da ternura e da misericórdia do Pai (cf. MV 1). Na verdade, Ele é a cara do Pai! Por isso, “*quem O vê, vê o Pai*” (Jo.14,9). Neste ano jubilar, é bom recordar, que o Natal é a festa da misericórdia infinita de Deus**,** como nos explicou Santo Agostinho: *Poderia haver, para nós, misericórdia maior, do que aquela que levou o Criador do Céu a descer do Céu, o Criador da Terra a revestir-se de um corpo mortal? Esta misericórdia levou o Senhor do mundo a revestir-Se da natureza de Servo, de tal modo que sendo Ele o Pão descido do Céu, teve fome; sendo a Água viva, que sacia para a vida eterna, teve sede; sendo o Deus forte, fez-Se fraco; sendo a nossa Cura, foi ferido; sendo a Vida verdadeira, viria a morrer. E tudo isto… para saciar a nossa fome, aliviar a nossa secura, dar força à nossa fraqueza, apagar a nossa iniquidade, inflamar a nossa caridade (Cf. Serm. 207, 1).*

**2.1.** Irmãos e irmãs: desde o primeiro Natal, em cada rosto humano está impressa a imagem e semelhança do Filho de Deus. **Este é o outro desafio, que vos deixo neste Natal**: Aprendamos, pois, a contemplar o rosto da misericórdia divina, no outro, em quem reconhecemos um irmão, sobretudo quando é o rosto do pobre. Que a misericórdia de Deus, nos aproxime dos mais pobres, dos sós, dos que sofrem, dos feridos da vida, dos descartados da família, dos rejeitados da sociedade, dos excluídos da Igreja, e sobretudo daqueles de quem temos medo de nos expor ao risco de dar e acolher: neles está Jesus. “*Se queres encontrar Deus, procura-O aí, na humildade, procura-O na pobreza, procura-O onde Ele está escondido”* (Homilia, [**18.12.2015**](http://w2.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2015/documents/papa-francesco_20151218_giubileo-omelia-porta-carita.html)). Estes pobres não nos podem pagar! Por isso, são eles que melhor nos podem ensinar: *Há mais alegria em dar-Se*!

***Feliz Natal. Felizes os misericordiosos!***

**Homilia na Solenidade do Natal do Senhor 2014**

*“Anuncio-vos uma grande alegria, para todo o Povo:*

*Nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo, Senhor”* (Lc.2,11)!

**1.** Esta é a Boa nova, que nos traz hoje o mensageiro divino! O evangelho do Natal é esta bela notícia, geradora de uma “*grande alegria para todo o povo*”. Nasce-nos um Menino, na Cidade de David, motivo bastante de suprema alegria humana, pois onde brota um rebento justo, renasce sempre a esperança de um Povo! Mas o Natal traz consigo a alegria maior, a “alegria completa” (Jo.3,29): este Menino, Deus feito Homem, é o Salvador, que vem assumir a nossa natureza humana, para a redimir; este Menino é o Messias, que vem para “*salvar o povo dos seus pecados*” (Mt.1,21). Deus faz-se Homem, volta-se para nós. Ele vem, na ternura de um Menino, para nos consolar e acariciar, para nos curar e salvar com a sua proximidade.

**2.** Por isso, o evangelho do Natal é um verdadeiro Hino da alegria: “*Nasceu-nos hoje um Salvador. Alegremo-nos, pois! Não fica bem dar lugar à tristeza, no dia em que nasce a Vida, a qual destruindo o temor da morte, nos enche com o gozo da eternidade prometida. Alegremo-nos todos! Pois ninguém é excluído da participação deste gozo; é comum a todos a mesma razão para a alegria, porque Nosso Senhor a ninguém encontrou isento de culpa e a todos veio libertar. Alegremo-nos, então! Exulte o santo, porque está perto da vitória; alegre-se o pecador, que é convidado ao perdão; anime-se o pagão pois é chamado para a Vida*”! (S. Leão Magno, 1º Sermão do Natal). É realmente *uma alegria, para todo o povo*, e por isso ela chega, em primeiro lugar, aos pastores, aos feridos e excluídos das muitas periferias sociais, religiosas ou existenciais. Na verdade, como nos diz o Papa Francisco, “*a alegria do evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo renasce, sem cessar, a alegria*” (EG 1).

**3.** Nesta noite (neste dia) de Natal, em que ressoa, como a mais bela melodia, este evangelho da alegria, partilhemos com todos a alegria do evangelho. Ela écomo a luz *imensa e intensa de um farol*, que se projeta, sobre as ruinas deste mundo, mas deve ser também a *luz frágil e próxima de uma candeia*, que nos acompanha, até aos cantos e recantos mais escuros da nossa vida, com as suas dificuldades e preocupações. Quem não se perguntará, hoje, se esta alegria, plena e duradoura, pela qual aspira o coração, não será uma ilusão que nos cega?! Na verdade, esta alegria “*não se vive da mesma maneira, em todas circunstâncias da vida, por vezes, muito duras. Adapta-se e transforma-se, mas permanece sempre, pelo menos, como um feixe de luz, que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados*” (EG 6). Naquele Menino, sei que sou querido por Deus, sei que tenho um lugar no mundo e na história. E se Deus me ama e aceita assim, sei, de maneira clara e certa, que é bom que eu esteja no mundo, é bom que eu exista!

**4.** Irmãos e irmãs: Não deixemos, por nada, que nos roubem a alegria do Natal! A melhor maneira de a guardar, em lugar seguro, é partilhá-la. Façamos da *alegria do evangelho* do Natal *a nossa missão*. Como? É tão simples como isto: o teu coração sabe que “*não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar às cegas, não é a mesma coisa poder adorá-l’O ou não*” (EG 266); “*o teu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele! Pois bem, aquilo que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, isso é o que deves comunicar aos outros*” (EG 121), neste Natal.

**5.** Esta é a notícia, este é o evangelho da alegria: “*Deus ama-te. Cristo veio por ti*”! Escreve-o numa mensagem, publica-o nas redes sociais, envia-o num simples *tweet*, di-lo pelo telefone. Mas, sobretudo, faz desta notícia uma carícia, uma visita, uma mão que reparte o pão e faz nascer o outro como irmão! Sejamos mensageiros desta alegria. Porque “*a alegria do Evangelho [do Natal] é [hoje] a nossa missão*”!

**HOMILIA DE NATAL 2013**

*“A glória do Senhor cercou-os de luz! (Lc 2,9)*”

**1.** Do Presépio de Belém irradia uma grande luz! Luz que se projeta, ao largo e ao longe, como a de um farol, que pode chegar, de uma à outra extremidade do mar! É uma *grande luz*, mesmo se o sinal dado é o rosto de «*um Menino recém-nascido, envolto em panos e deitado na manjedoura*» (Lc 2,12)! Na ternura daquele Menino-Deus “*brilha a luz nas trevas*”, pois n’Ele cada homem, desde o mais só e pequenino, é elevado e engrandecido! Na ternura daquele Menino, vem à luz a Luz de Deus, manifesta-se toda a ternura e a bondade do nosso Deus! É Ele a “*Luz verdadeira que, vindo a este mundo, ilumina todo o homem*” (Jo.1,9)!

**2.** Mas perguntemo-nos, sem receio da resposta: *aonde* chega primeiro esta luz? *A quem* chega primeiro esta luz? Tal como a luz alta de um farol, a luz do Presépio chega, em primeiríssimo tempo e lugar, aos de longe, aos da periferia, aos que estavam, nas margens da sociedade e da religião. A luz do Natal chega primeiro às periferias geográficas de Belém, a terra-natal de Jesus, ou às periferias sociais dos pastores marginais ou às periferias interiores, dos que andavam nas trevas. E são estas periferias, dos pobres, dos excluídos, das sobras, dos resíduos, o verdadeiro centro da atenção de Deus. É sobre elas que incide, em primeiro lugar, a luz do Natal.

**3.** Assim sendo, permitam-me puxar, hoje e aqui, por dois pequenos fios de luz, para vos propor duas atitudes natalícias:

**3.1.** Primeira atitude: coloca-te diante do Presépio e assume, dentro de ti mesmo, a tua própria “marginalidade”, isto é, descobre, dentro do teu coração, quais são as tuas periferias, quem são aqueles (as), que estão à margem da tua atenção; vê, dentro do teu coração, algum lugar mais frio, algum sítio mais escuro ou obscuro, algum buraco negro, sobre o qual a luz de Deus deverá incidir, para te aquecer, iluminar e curar! Se não te sentires, “*um certo marginalizado*”, se não te sentires carente da luz de Deus, da sua ternura, do seu perdão, não terás entrada nesta Casa de Luz. É verdade que aí não se paga entrada para encontrar Jesus. Mas a senha, para lá entrar, é a humildade! Se abrires o coração ao Menino, poderás contemplar *o milagre da luz*, no meio das trevas, o milagre da força de Deus na fragilidade, o milagre da suma grandeza, na pequenez de um Menino! Deixa-te acariciar por Deus e entenderás melhor o que é a simplicidade, a mansidão e a paz!

**3.2.** Segunda atitude: imita os pastores, mensageiros da grande alegria! Quando encontraram o Menino, começaram a contar tudo «*o que lhes tinham anunciado a seu respeito*» (cf. Lc 2,17). Também tu tens algo para contar sobre este Menino; a tua fé terá algo a dizer àqueles *que hoje “caminham nas trevas e nas sombras da morte*” (Is 9,2). Oxalá, os mais afastados, os que vivem nas "*periferias da vida*", aqueles a quem faltam a *luz, a vida e a alegria* do evangelho (cf. E.G. 30) encontrem, na tua proximidade, uma luz de presença, que lhes fale deste Deus que os ama, deste Deus que é ternura, que te acaricia, sem cessar.

**4.** Uma e outra atitude não dispensam que nos abeiremos do Presépio. Com José e Maria, aprendamos a beijar a Luz do Mundo! E rezemos, baixinho: *“Emanuel, Deus connosco, ilumina-me para saber reconhecer-Te em todos os sinais da Tua presença e faz de mim mensageiro da Tua alegria! Deus da luz, ilumina-me e faz de mim um farol para os que Te procuram. Deus, feito criança, imagem viva da ternura do Pai, faz-me viver com fé o teu evangelho, como José e Maria”, para que a Tua luz chegue, em primeiro lugar, às periferias deste mundo e todo o povo conheça a serena paz e alegria deste santo dia de Natal!*

**Homilia no Natal de 2012**

*“Isto vos servirá de sinal: encontrareis um Menino recém-nascido,*

*envolto em panos e deitado na manjedoura” (Lc.2,12)*

**1.** O sinal de Deus é o Menino! O Menino é a brilhante Estrela da Manhã, o Sol nascente, que irrompe na noite santa, com o seu enorme clarão de luz. O sinal de Deus - anuncia o Anjo aos Pastores - é que Ele faz-Se pequenino, por nós. Este é o seu modo de nascer e de ser; este será o seu modo de estar e de viver, de morrer e de reinar. Ele não vem, com enorme poder e grandeza. Ele vem como Menino, inerme e necessitado da nossa ajuda. Não nos quer dominar, com a força do bastão. Tira-nos o medo da sua grandeza. Ele simplesmente pede o nosso amor: por isso, faz-se Menino, para que O possamos ver e tocar, conhecer e reconhecer, acolher, abraçar, beijar e amar! Por isso olhavam-n’O todos, os Pastores, Maria, José, com o mesmo pasmo e espanto da fé!

**2.** Mas, afinal, - perguntaremos ainda - por onde andam *o boi mudo e o burro de carga*, que figuram nos nossos presépios, a afagar o Menino? Em boa verdade, nenhum dos evangelhos do natal refere estas amáveis criaturas. Mas a meditação dos cristãos, guiada pela fé, soube religar o Antigo e o Novo Testamento, e não tardou a preencher esta lacuna! Para isso, se deitou mão de um velho texto do profeta Isaías, que dizia: “*o boi conhece o seu dono, e o jumento, o estábulo do seu senhor; mas Israel, meu Povo nada entende*” (Is 1,3). A par desta, há ainda outra antiga profecia a insinuar: “*No meio de dois seres vivos, tu serás conhecido; quando vier o tempo tu aparecerás*” (Hab 3,2). Estes dois seres vivos designam, com certeza, os querubins, que cobriam a arca da aliança e encobriam a presença misteriosa de Deus *(cf. Ex.25,18-20)*. Pelo que, juntando estas passagens bíblicas, pôde bem imaginar-se, ao lado da manjedoura, o boi e o burro! São Francisco de Assis, autor da primeira representação do presépio, em Greccio, no ano de 1223, não hesitou em fazê-lo. E doravante “*nenhuma representação do Presépio dispensará o boi e o burro*” (cf. J. RATZINGER-BENTO XVI, *Jesus de Nazaré. A infância de Jesus*, Ed. Principia, 2012, 62.)

**3.** E assim a mensagem torna-se mais clara: chegou, para o boi e para o burro, - e sem ofensa - chegou, para nós, para a humanidade inteira, a hora do conhecimento de Deus! Na verdade, por si mesma, a humanidade estaria sempre desprovida de compreensão, no que toca ao mistério de Deus. Mas, na pobreza de tal nascimento divino, a luz é dada a todos, e a todos ensina a ver e a compreender. O Menino, no presépio, abre-nos os olhos, de modo que agora todos podem conhecer o rosto e reconhecer a voz e a presença do seu Senhor, *tal como “o boi conhece o seu dono e o burro o estábulo do seu senhor”* (Is.1,3). Afinal, bem vistas as coisas, estamos todos, diante do mistério deste Deus, feito menino, mudos como o boi diante do palácio, e humildes, como o burro, prostrado, no curral de Belém!

**4.** Se quisermos, hoje, encontrar Deus, manifestado como Menino, então devemos descer do cavalo da nossa razão «iluminada», e tomar o lugar humilde do burro. Devemos depor a nossa soberba intelectual, que nos impede de perceber a proximidade de Deus: um Deus que Se esconde na humildade de um Menino acabado de nascer!

**5.** Desejo a todos um santo Natal! Que o Menino Jesus, Estrela da Manhã, brilhe no coração e na família de cada um, e desperte em nós a mesma humildade e obediência da fé, dos pastores, de Maria e José. Pela fé, possamos todos contemplar, na força indefesa daquele Menino, a luz do Sol Nascente e invencível, a iluminar-nos o rosto, de paz, de amor, de esperança e de alegria. Fazei ecoar este anúncio de Natal: “*Deus ama-te, Cristo veio por ti*”! (João Paulo II, CL, 34)! O Deus, feito Menino, é a notícia! Afaga-o, com os teus beijos. Faz-lhe uma carícia!

**HOMILIA DE NATAL 2011**

“*Envolveu-O em panos e deitou-O numa manjedoura,*

*porque não havia lugar para eles na hospedaria*” (Lc.2,7)!

**1.** O Filho de Deus vem ao mundo e não encontra abrigo, nos palácios e nas hospedarias do seu tempo, nem sequer tem a sorte de nascer em casa própria ou alugada! Na verdade, só por amor, o Deus Altíssimo, podia sujeitar-se ao desconforto de um sem-abrigo!Maséisto mesmo, a sua nua e crua fragilidade humana, que servirá de sinal, aos pastores, ao grupo social dos «*sem-abrigo*» daquela época: “*encontrareis um Menino recém-nascido, envolto em panos e deitado numa manjedoura*” (Lc.2,12). Ele não se impõe; jamais entra à força, mas, como uma criança, pede para entrar, ser ouvido, acolhido, cuidado com amor!

**2.** Primeiras testemunhas do nascimento de Cristo, os pastores encontram-se não só diante *do Menino Jesus, mas de uma pequena família: mãe, pai e um filho recém-nascido*. Sem lugar na hospedaria, Jesus encontra, no calor humano e divino de Maria e José, o seu refúgio mais seguro, a sua verdadeira tenda de abrigo, para “*acampar*” (Jo.1, 14) no meio de nós! O Filho de Deus entrou na história dos homens através da família! Deste modo consagrou-a como caminho primário e efetivo, do seu encontro com a humanidade. Fez da família, o primeiro abrigo, da vida e do amor!

**3.** O Natal – dizemo-lo vezes sem conta – é, por excelência, «*a festa da família*»! Mas não o é tanto, nem sobretudo, porque as famílias se reúnem nesta época, mas primeiramente porque Jesus quis nascer e crescer numa família humana. Por um lado, é uma família como todas e, como tal, é modelo de *fidelidade e de perseverança, de silêncio orante e de diálogo paciente, de pureza de coração e de atenção concreta, comunhão de vida e amor*! Em suma, é modelo de todos aqueles valores que guardam a família como “*abrigo*”, que nos guarda a nós. Mas, ao mesmo tempo, a Família de Nazaré é única, é «sagrada», porque absorvida pelo desejo de cumprir a vontade de Deus. Precisamente por isso, ela indica às famílias cristãs, que a luz e a presença do Deus Menino devem guiar e acompanhar a construção da família humana, como “*abrigo*” sagrado!

**4.** Sem Deus, sem o influxo e o reflexo do seu amor, a construção desta Casa de abrigo ameaça ruínas (cf. Sal.127,1)! Estas ruínas são hoje as ruínas da fome, disfarçada de bem vestir, e da pobreza súbita ou envergonhada; são as ruínas do crédito mal parado e da usura dos mercados; são as ruínas da ganância bancária e da arrogância das agências de rating; são as ruínas do desemprego, da droga, da injustiça, da corrupção; e são as ruínas mais interiores de cada um, que nos bloqueiam: amarguras, maus humores, individualismos, ruturas e solidões. Ruínas que nos levam a fecharmo-nos sobre nós mesmos, e que não nos deixam ver a luz do Salvador! Mas é tão grande e feliz, tão inaudito, o anúncio deste dia de Natal, que até as ruínas de Jerusalém - dizia-nos o profeta Isaías (Is.52,9) - são convidadas a entoar gritos de júbilo, a irromper em cânticos de alegria!

**5.** Queridos irmãos e irmãs: neste Ano diocesano da família, nesta noite (neste dia) de Natal, a que nos desafiará a ternura deste Menino «*sem abrigo*», envolto em panos, deitado numa Manjedoura? Ouvíamo-lo há pouco: “*ensina-nos a renunciar à impiedade”* de uma vida sem Deus, sufocada *“pelos desejos mundanos! E a vivermos, no tempo presente, com temperança, justiça e piedade*” (Tit.2,12). O mesmo é dizer, desafia-nos a vivermos com equilíbrio, a ter um Natal, com bem menos, para ter um Natal melhor! Ensina-nos, a vivermos com sobriedade, a *vivermos simplesmente*, para que outros possam *simplesmente viver*! É este o verdadeiro espírito do Natal! Não esqueça: «*A felicidade vem de dentro de casa. Neste Natal, viva mais a sua Casa*», para que seja verdadeiramente Natal, «*a festa da família*»!

**Homilia na Noite de Natal de 2010**

(Liturgia da Palavra: textos da Missa da Meia-noite)

***Isto vos servirá de sinal: encontrareis um Menino recém-nascido***

***envolto em panos e deitado na manjedoura!*** (Lc.2,12)

**1.** Aí está o primeiro Natal, o verdadeiro Natal, sem os adornos típicos da época, em simplicidade extrema, em humilde pobreza! Um cenário real que, de alguma forma, está forçosamente, de volta à vida de muitas famílias, no contexto da grave crise, que a todos nos toca. Não há aqui, no Natal primeiro, o exagero das prendas, mas o excesso do dom! Não há aqui no Natal original a troca de presentes, mas uma excecional permuta de dons, entre Deus e a humanidade: Ele dá-nos o que é Seu e toma o que é nosso! Neste sentido, as dificuldades, as incertezas da própria crise económica, podem ser um estímulo, para descobrir o calor da simplicidade, da amizade e da solidariedade, valores típicos do Natal! Despojado dos excessos do consumo, o Natal de 2010 pode converter-se numa oportunidade para acolher, como presente pessoal, a mensagem, que emana do mistério do nascimento de Cristo: a simplicidade e a sobriedade, e a pobreza que é parente da humildade!

**2.** Na verdade, o Natal mostra-nos que o sinal de Deus é a simplicidade. O sinal de Deus é o Menino! O sinal de Deus é que Ele faz-se pequeno por nós. Este é o seu modo de reinar! Ele não vem com o poder e as grandezas deste mundo. Ele vem como Menino - inerme e necessitado da nossa ajuda. Não nos quer dominar com a força. Tira-nos o medo da sua grandeza! O sinal de Deus é a sua humildade! O sinal de Deus é que Ele faz-Se pequeno; torna-Se Menino; deixa-Se tocar e pede o nosso amor. Nada mais quer de nós, senão o nosso amor, mediante o qual aprenderemos a entrar nos seus sentimentos, no seu pensamento e na sua vontade. Deus fez-se pequeno, a fim de que nós pudéssemos hoje compreendê-Lo, acolhê-Lo, amá-Lo!

**3.** Quanto desejaríamos nós, um sinal diverso, um sinal imponente e irrefutável do poder de Deus e da sua grandeza! Mas o seu sinal convida-nos à fé e ao amor, e assim nos dá esperança! Este Menino possui o poder e é a Bondade. Convida-nos a tornarmo-nos semelhantes a Ele. E tornamo-nos filhos de Deus, semelhantes a Ele, se nos deixarmos plasmar por este sinal; se aprendermos, nós mesmos, a humildade e, deste modo, a verdadeira grandeza; se “*renunciarmos à impiedade e aos desejos mundanos, para vivermos, no tempo presente, com temperança*” (Tit.2,11-14), se em vez da violência usarmos as armas da verdade e do amor; se aprendermos a viver com Ele, e a praticar com Ele, a humildade da renúncia e da sobriedade, que faz parte da essência do amor!

**4.** Vivemos este Natal, como nos refere o Bispo do Porto, “entre dificuldades acrescidas na vida económica e profissional. Mas, quando celebramos o nascimento de Jesus, reforçamos a convicção de que Ele continua connosco, nascendo em cada ato de atenção aos outros. Natal é isso mesmo: presença de Deus no mundo, como uma criança que nasce, um gesto que aproxima, um sorriso que anima: entre familiares que se reúnem, sem esquecer nenhum; entre vizinhos que se saúdam e vencem indiferenças... É também assim que Jesus gosta de ser reconhecido no mundo. Só pode haver Natal na nossa vida, desde que o façamos também na vida dos outros! ” (Dom Manuel Clemente, Mensagem para o Natal de 2010). A todos e a cada um desejo, do coração de Deus, um Santo e feliz Natal!

**Homilia no Dia de Natal de 2010**

(1ª e 2ª leitura: Missa da Meia-noite; Evangelho do dia: Jo.1,1-18)

*«Para os que habitavam na terra da escuridão,*

*uma luz começou a brilhar»!* (Is.9, 1)

**1.** A palavra «*luz*», que o profeta já vê brilhar sobre a escuridão, permeia toda a liturgia da Palavra, desta Missa de Natal. Aparece um outro aceno à luz, no texto da carta de São Paulo a Tito: «*Manifestou-se a graça de Deus*» (2, 11). Na verdade, a palavra grega do novo testamento «*manifestou-se*» diz a mesma coisa que as palavras hebraicas do antigo testamento «*uma luz brilhou*»: trata-se, sempre e em todo o caso, da «manifestação», da irrupção da luz divina, num mundo cheio de escuridão e de problemas insolúveis. Por fim, o Evangelho diz-nos que «*o Verbo era a luz verdadeira, que vindo a este mundo, ilumina todo o homem*» (Jo.1,9). Ontem escutávamos que «os pastores foram cercados por uma grande luz» (Lc.2,9)! Por outras palavras: onde aparece a glória de Deus, aí irradia a luz pelo mundo. «*Deus é luz e n’Ele não há trevas*», dirá mais tarde São João (*1 Jo* 1, 5). A luz é, pois, fonte de vida. Mas luz significa sobretudo conhecimento e verdade, em contraposição à escuridão da mentira e da ignorância. Deste modo, a luz faz-nos viver, indica-nos a estrada e o sentido da própria vida. Além disso, enquanto gera calor, a luz significa também amor. Onde há amor, levanta-se uma luz no mundo; onde há ódio, o mundo permanece na escuridão!

**2.** É verdade: no estábulo de Belém, apareceu a grande luz que o mundo espera. Naquele Menino deitado na manjedoura, Deus mostra a sua glória – a glória do amor, em que Ele mesmo Se entrega em dom e Se despoja de toda a grandeza, para nos conduzir pelo caminho do amor. Esta luz de Belém nunca mais se apagou. Ao longo dos séculos, envolveu homens e mulheres, «cercou-os de luz». Onde despontou a fé naquele Menino, aí desabrochou também a caridade – a bondade para com todos, a carinhosa atenção pelos débeis e os doentes, a graça do perdão. A partir de Belém, um rasto de luz, de amor, de verdade atravessa os séculos. Se olharmos os Santos vemos esta corrente de bondade, este caminho de luz que se inflama, sempre de novo, no mistério de Belém, naquele Deus que Se fez Menino!

**3.** O verdadeiro mistério do Natal é o esplendor interior da luz de Deus, que irradia deste Menino. Deixemos que se comunique a nós esse esplendor interior, que acenda e incendeie no nosso coração a chama da bondade de Deus; e assim todos nós levemos, com o nosso amor, a luz ao mundo! Não deixemos que esta chama luminosa se apague por causa das correntes frias do nosso tempo! Guardemo-la fielmente e demo-la aos outros!

4. Acolhamos, então, o Natal de Cristo, como um acontecimento capaz de renovar a nossa existência hoje. Que o encontro com o Menino Jesus nos transforme em pessoas, que não pensam só em si mesmas, mas que se abrem às expectativas e às necessidades dos irmãos. “*Natal é isso mesmo: presença de Deus no mundo, como uma criança que nasce, um gesto que aproxima, um sorriso que anima: entre familiares que se reúnem, sem esquecer nenhum; entre vizinhos que se saúdam e vencem indiferenças... É também assim que Jesus gosta de ser reconhecido no mundo*” (Dom Manuel Clemente, Mensagem para o Natal de 2010). Desta forma nos converteremos também em testemunhas da luz, que o Natal irradia sobre todos nós!

**5.** Irmãos e irmãs: “*Só pode haver Natal na nossa vida, desde que o façamos também na vida dos outros!*” (Ibidem). A todos e a cada um desejo, do coração de Deus, um Santo e feliz Natal!

**HOMILIA NO NATAL DE 2009**

**“Manifestou-se a ternura de Deus!”** (*Tt* 2,11; 3,4)

**1.** Acontece Natal, o nascimento de Deus no mundo! Vemos, ouvimos e lemos, e já sabemos, de há muito, como tudo se passou! Mas, no princípio, quando, pela calada da noite, tudo se deu, e assim sucedeu, ninguém o previa ali ou o fazia assim! Nem profetas, nem magos, nem sábios, nem escribas, podiam adivinhar e, menos ainda, suportar a luz intensa daquela noite, tal o excesso de humildade e de novidade, de graça e de surpresa, com que Deus viera a este mundo! Mas quis Deus, à sua maneira, naquela família pobre e desconhecida, naquela terra, sem nome e sem lugar para Ele, fazer-se um de nós, e dizer assim, de um modo tão breve como intenso, a palavra terna e eterna, do Seu imenso amor por nós!

Por isso, pese embora a repetição anual, ou mesmo a sobrecarga comercial de cada Natal, há de ser com admiração, sempre nova, que nos aproximamos do mistério do nascimento de Deus! Foi afinal tão único e tão original, aquele primeiro Natal de Jesus, que verdadeiramente o Natal nunca mais acabará! Porque o Natal não é um simples sentimento ou ornamento; é fermento, é “*um impulso divino, que irrompe pelo interior da história****.*** *Uma expectativa de semente lançada****.*** *Um alvoroço que nos acorda*” (Tolentino Mendonça) para esse modo humano, tão simples e tão terno, de Deus se dizer a este mundo!

**2.** O Natal é assim a festa do nascimento deste Deus “*humanado*”, que se oferece às nossas mãos, como a mais frágil prenda, que alguma vez podíamos acolher! Deus atrai-nos, precisamente assim, pela **graça desta sua ternura**. Na verdade, o Natal é ***um mistério de ternura***! No Menino de Belém «*manifesta-se a ternura de Deus, fonte de salvação para todos os homens*”! (Tit.2,11-14). *A ternura* é mesmo o principal atributo do amor de Deus, por nós!

**3.** A ***ternura*** – queridos irmãos – é, por isso, um dos caminhos mais belos do nosso encontro com o mistério do Natal. Seguindo a Estrela da Missão, vivamos este Natal, como **um desafio à ternura**: ternura na relação conjugal, ternura no afeto filial, ternura intergeracional. Ternura em cada relação pessoal. Onde não houver ternura, dificilmente haverá amor, na medida em que a ternura exprime algumas das qualidades mais belas do amor: a bondade e a misericórdia.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Jesus, continua a oferecer-se, na sua ternura, tão divina quanto humana, mas continua também hoje a suplicá-la, numa correspondência ao amor, “*em cada pessoa, em cada circunstância, sobretudo em tudo aquilo que haja de mais discreto, de mais desprovido, de mais pobre, e que, por isso mesmo, requeira mais a nossa atenção. É aí que o Natal acontece*”, diz-nos o Bispo do Porto, na sua mensagem. E concretiza: “*A começar nas famílias, que neste momento mais se sentem na dificuldade do dia a dia ou se ressentem de circunstâncias mais dolorosas, em tudo aquilo que a condição humana tem de mais frágil e inseguro. Pois exatamente aí, é que Jesus nasce, como nasceu há dois mil anos. Aí é que Jesus está, para ser reconhecido! E isso requer, da nossa parte, ajuda, presença, companhia, correspondência total”. Aí é que o Presépio continua*”. Aí se verá, em, toda a luz, que “*o Natal não é ornamento, é fermento. Dentro de nós recria, amplia, expande”* a nossa própria humanidade, na ternura do amor!

**5.** “*O nascimento de Deus no mundo, é, assim, uma oferta da sua parte, para que na correspondência dos nossos corações, a festa autêntica possa acontecer. Neste Natal de 2009, gostaria de desejar o Natal que o próprio Deus desejou ter connosco! Um Natal que nunca mais acabe*”! (Dom Manuel Clemente)!

Irmãos e irmãs, meus queridos:

“*O Natal não é ornamento.*

*É movimento.*

*Teremos sempre de caminhar para o encontrar!*

*Entre a noite e o dia,*

*entre a tarefa e o dom,*

*entre o nosso conhecimento e o nosso desejo,*

*entre a palavra e o silêncio que buscamos,*

*uma Estrela nos guiará!*”

Tolentino Mendonça

**HOMILIA DE NATAL 2008**

**“*O Natal é a maior festa do mundo. Dê-lhe uma estrela*”!**

Espantosamente, este feliz anúncio de Natal não tem qualquer fim religioso ou pastoral. Faz parte de uma, entre muitas, dessas campanhas de vendas, da época do Natal, promovida por uma operadora de telemóveis! Mas seria difícil dizer tanto, e tão bem, numa frase tão curta e bem pensada - quem sabe?! - para uma “*sms*”, uma mensagem escrita, tão no goto e ao gosto da nova geração polegar! Mas, - passe a publicidade - procuremos agora responder a tão breve mensagem, com o alegre anúncio do Natal cristão!

**1.** “*O Natal é a maior festa do mundo”.* Sim. Pelo clima que o caracteriza, o Natal é uma festa universal! Mesmo sem o olhar da fé, como não sentir, nesta celebração cristã anual, algo de tão extraordinário e transcendente, algo de tão íntimo e tão comovente, que fala ao coração de todos os homens e mulheres de boa vontade? Basta pensar que o Natal é a festa que canta o dom da vida! Ora, o abraço de um recém-nascido suscita normalmente sentimentos de atenção e de prontidão, de comoção e de ternura, ou não fosse um bebé a expressão mais tocante da «*dependência*» total: nove meses de escuridão no seio materno, as fraldas, a higiene diária repetida, a chupeta, a alimentação, os cuidados médicos, o frio, o gatinhar, o soletrar e a aprendizagem gradual das palavras. Só o amor é capaz de sustentar a sua carência radical!

**2.** Mas isto tudo ou por si só, não basta para assimilar plenamente o valor da festa do Natal. Nós celebramos um acontecimento central da nossa história: Deus fez-se Homem. Este recém-nascido é o Filho de Deus! Não nos limitamos a comemorar o nascimento de um grande personagem; não celebramos, em abstrato, o mistério do nascimento do Homem ou, em geral, o nascimento da vida; muito menos celebramos o princípio de uma grande estação! No Natal, recordamos algo de essencial para a fé cristã, uma verdade, que São João resume, no evangelho da Missa deste dia, nestes termos: «*O Verbo fez-Se carne*» (Jo.1,14).

[Por outras palavras, Aquele que é o «*Sentido eterno*» do mundo, tornou-se sensível e compreensível, visível e audível, aos nossos sentidos e à nossa inteligência: agora podemos tocá-lo, ouvi-lo e contemplá-lo. O *Verbo* não é a explicação lógica da vida ou uma simples lei universal, que explica a origem, a harmonia e a beleza do mundo]. O Verbo, a Palavra do Sentido da Vida do Homem e do Mundo, é Alguém, é uma Pessoa divina, que se interessa por cada pessoa humana: é o Filho do Deus vivo, que se fez homem em Belém!

**3.** Estamos, portanto, diante de um acontecimento histórico, que São Lucas situa num contexto muito preciso: *nos dias em que saiu o decreto do primeiro censo de César Augusto, quando Quirino já era governador da Síria* (cf. Lc. 2, 1-7). Esta é uma noite, datada historicamente, na qual se verificou um acontecimento de salvação, que Israel esperava há séculos. Na escuridão da noite de Belém, acendeu-se realmente uma grande luz: o Criador do universo fez-se Carne, fez-se pessoa, unindo-se indissoluvelmente à natureza humana, até ser realmente «*Deus de Deus, luz da luz*» e ao mesmo tempo homem, «*verdadeiro homem*»!

**4.** Um recém-nascido, que chora numa gruta miserável! Pensai: *Deus sujeito a isto!* Será digno de Deus tornar-se assim uma criança indefesa? Numa cultura orgulhosa de si própria, quase achamos normal que Deus se faça Homem. Mas não assim, ao tempo do nascimento de Jesus. A simples hipótese de Deus se revestir da carne humana, era muito mal vista, quer pela cultura grega, que desprezava o corpo como miserável, quer pelos judeus, para quem a ideia do Deus Altíssimo habitar no meio de nós, era um escândalo de todo insuportável. Todavia, na gruta de Belém, Deus revela-se, como humilde «infante», vencendo assim a nossa presunção intelectual. Talvez nos tivéssemos rendido mais facilmente, frente ao poder ou frente à sabedoria deste mundo! Mas Deus não quer a nossa rendição; ele não nos esmaga com a potência ou prepotência de uma falsa divindade; antes apela ao nosso coração e à nossa decisão livre de aceitar o seu amor por nós.

**5. Meus queridos irmãos e irmãs**:

Voltemos então ao princípio: «***O Natal é a maior festa do mundo. Dê-lhe uma estrela***”! E que Estrela podemos oferecer ao Natal, para que seja de Cristo?

Podia ser a Estrela da ternura, que luz e produz a energia alternativa do amor, para vencer as correntes frias do nosso tempo?!

Podia até ser a Estrela cadente, que luz, mas não reluz, pois se inclina, para o chão e se desfaz, silenciosa, no serviço humilde aos mais pequeninos?!

E porque não havia de ser a Estrela Polar deste ano, São Paulo?! Como Ele, recebamos o dom daquela intensa luz que nos cria e recria em Cristo! E levemo-la por esse mundo fora, a arder bem dentro do nosso coração!

Uma Estrela assim irá reencaminhar, com sentido novo, a mensagem já por todos sabida e recebida: **“*O Natal é a maior festa do mundo. Dê-lhe uma estrela*”!**

**Homilia nas Missas de Natal 2007**

**“Hoje sobre nós resplandece uma grande luz: nasceu o Senhor”!**

(Is.9,2; Lc.1,33)

**1.** As luzes do Natal cintilam, mais uma vez, sobre as nossas aldeias e cidades. É tudo lindo demais: lá fora as luzes, a música, o rosto das pessoas que têm fé e a boa vontade dos não crentes, e, aqui, na Casa do Pão, o incenso e o pregão, tão melodioso daquela misteriosa e antiga mensagem de um Menino nascido em Belém: *“Hoje sobre nós resplandece uma grande luz: nasceu o Senhor”* (Is.9,2; Lc.1,33)! Isto comove-nos tanto, e ainda hoje. Mas, ao mesmo tempo, surge-nos a pergunta inquietante: será que o nosso mundo tem ainda ouvidos, para palavras tão fortes, como “redenção” e “salvação”? Será que há ainda lugar, neste nosso tempo, para “a grande esperança”, de um Deus Salvador?!De facto, o mundo onde nasceu a festa do Natal era dominado por um sentimento muito próximo do nosso. Os deuses antigos, de repente, deixaram de existir, desapareceram. Os homens deixaram de acreditar, naqueles que, para antigas gerações, tinham sido luz e dado sentido à vida. Apagadas as velhas estrelas, tinha de encontrar novos luzeiros. Mas onde?

**2.** Um grande movimento corrente ofereceu-lhes o culto da “luz invencível”, o culto do Sol. O homem primitivo que, nas longas noites do Outono, assistia ao enfraquecimento gradual da força do Sol e à chegada do Inverno, interrogava-se, cheio de medo: será que o Sol doirado vai mesmo desaparecer? Será que vol­tará? Não será vencido pelas forças da escuridão, num destes anos, para não mais voltar? Assistir todos os anos ao reaparecimento do sol do Verão cimentava-lhes a cer­teza da vitória sempre renovada, do regresso sempre anun­ciado. É a festa que celebra a esperança, ou melhor, a cer­teza de que a luz deste mundo era invencível. Os cristãos apropriaram-se do 25 de Dezembro, ani­versário do nascimento da luz invencível, para festejar o nascimento de Cristo, ver­dadeira Luz do mundo. Com isto, diziam aos pagãos: o Sol é bom e nós temos tanta alegria nas suas vitórias como vós. Mas não tem nenhum poder em si mesmo. Ele existe e tem força, porque Deus o criou. Ele é um sinal da verda­deira luz, que é Deus. Mas ainda não vos destes conta, de que há uma escu­ridão e um frio, contra os quais o Sol é impotente? Aquela escuridão e aquele frio que vêm das trevas que habitam o coração do homem: o ódio, a injustiça, a mentira, a cruel­dade e o desrespeito pelo homem?!...

**3.** Sentimos, de repente, como tudo isto é atual. É verdade que já não nos apoquenta *o medo pri­mitivo* de podermos ficar sem a luz do Sol. Mas desapareceu o medo em si? Houve algum período da humanidade, em que o ser humano sen­tisse tanto medo do futuro como hoje? Não temos nós medo da escuridão, que vem do próprio homem, da escuridão terrível do último século, que per­mitiu tão grandes desumanidades?! Aparecem hoje novos medos, com o risco do aquecimento global ou com a ameaça de uma guerra química. Temos medo que o bem se torne impotente no mundo. Receamos que não faça mais sentido tentar a via da verdade, da transparência, da jus­tiça, do amor. Reina a sensação de que aumenta o poder das forças das trevas, e que o bem se torna cada vez mais impotente! Mais de perto e de modo pessoal, há ainda medos vizinhos: o medo assustador de não encontrar emprego ou o medo tremendo de o vir a perder, a qualquer hora; o medo de perder a esposa ou o marido, a qualquer momento; o medo de não ter quem venha a tomar conta de nós, na doença e na velhice, enfim, o medo terrível do abandono familiar. No fundo, é um sentimento algo idêntico àquele que teriam os homens primitivos, quando, no fim do Outono, assistiam à luta que o Sol travava contra a morte. Conseguirá vencer? Será que o bem conserva o sentido e a força no mundo?

**4.** A resposta é «sim». No presépio de Belém, temos o sinal que nos responde com alegria e que ressoa no evangelho desta noite de Natal: “*Não temais, porque vos anuncio uma grande alegria para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo Senhor*”!

De facto, não podemos recusar a esperança, diante do mistério de um Deus, que se faz Menino. Este Menino, o Filho de Deus, é colocado como sinal e garantia, de que no fim de tudo, Deus tem a última palavra, Ele que é a verdade e o amor no meio dos homens. Por causa deste Deus, e só por causa d'Ele, que, por amor, se fez Homem, eu posso levantar-me, “eu posso continuar a esperar, ainda que, pela minha vida, ou pelo momento histórico que estou a viver, aparentemente não tenha qualquer motivo para esperar. A grande esperança e certeza vêm somente disto: não obstante todos os fracassos, a minha vida pessoal e a história do mundo estão conservadas no poder indestrutível do Amor de Deus” (*Spe Salvi*, 35). Dito de outro modo, «eu sou definitivamente amado(a) e aconteça o que acontecer, eu sou esperado(a) por este amor” (Ibidem, 3). Se Deus, nos deu o seu próprio Filho, como não há-de dar-nos com Ele todas as coisas? “*Só uma tal esperança, pode dar-nos a coragem de agir e de continuar*” (Ibidem, 35) a amar, a sofrer e a lutar, neste mundo. É bem verdade, que os mais singelos sinais de amor oculto e sacrificado, algum progresso humano ou científico no nosso mundo, pequenos êxitos e consolações na vida, servem de “pequenas esperanças”. Mas “sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir. Precisamente o ser gratificado com um dom, faz parte da esperança. Deus é o fundamento da esperança. Não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: a cada pessoa e à humanidade, no seu conjunto” (*Spe Salvi*, 31): o Deus, que, por amor de nós e para nossa salvação, se fez Homem, no Menino de Belém!

**5.** Irmãos e irmãs: Com o Menino de Belém, entrou no mundo este poder frágil mas invencível do amor divino. Nesse sentido, o Deus feito Menino é a única espe­rança do mundo. Que a sua Luz brilhe, não de modo intermitente, mas permanente, em todo o seu fulgor e esplendor, no coração e na vida de cada um de vós!

**Homilia na Missa de Natal 2007 – Missa do Dia (alternativa breve)**

**1.** “O Verbo fez-se Carne e habitou entre nós” (Jo.1,14). Podíamos dizer, de maneira talvez mais simples, usando uma antiga expressão do profeta Isaías: **«*Deus tornou breve a sua Palavra, Ele abreviou-a* para nós» (*Is* 10,23; *Rom* 9,28). Sim. Deus tornou breve a sua Palavra!** A palavra eterna de Deus foi abreviada, porque o próprio Filho de Deus é a Palavra que se faz Carne, o Verbo, a razão amorosa que funda o sentido da vida e do mundo; esta Palavra eterna fez-se pequena, tão pequena, a ponto de caber numa manjedoura, a ponto de se exprimir no rosto simples de um Menino. Dito de outro modo, Deus fez-se menino, para que a sua Palavra possa ser compreendida por todos nós.Deus não está mais longe. Não é mais um desconhecido. Não é inalcançável, para o nosso coração e para a nossa mente. Fez-se Menino por nós e, com isto, dissolveu toda a ambiguidade acerca de Deus, do que é para nós e do que faz por nós. É o Filho de Deus. Fez-se nosso próximo.

**2.** Eu gostaria, talvez, de maneira também breve, de vos oferecer hoje uma imagem muito simples do que é, no fundo, o mistério do Natal. Para isso, recorro a uma pequena narração do grande escritor russo Leon Tolstoi. Ele descreve-nos a história de um certo Imperador, que pediu aos seus sacerdotes e sábios que lhe mostrassem Deus, para que O pudesse ver. Os sábios não foram capazes de satisfazer o seu desejo de “ver a Deus”. Então *um pastor*, que estava a regressar do campo, ofereceu-se prontamente para assumir a dificílima tarefa dos sacerdotes e dos sábios. O Imperador aprendeu do Pastor, que os seus olhos não podiam, por si mesmos, ver a Deus. Mas então o soberano quis pelo menos saber o que é que fazia Deus. "Para poder responder a esta sua pergunta - disse o pastor ao soberano - devemos trocar as vestes". Com hesitação, mas estimulado pela curiosidade, o Imperador concordou; entregou as suas vestes reais ao Pastor e fez-se vestir com o hábito simples de um homem pobre. E eis que chega a resposta do pastor: "*É isto mesmo que Deus faz*". De facto, o Filho de Deus verdadeiro deixou o seu esplendor divino:  como diz São Paulo "...despojou-Se de Si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens; aparecendo com a forma humana, humilhou-se a si mesmo... até à morte de cruz"

**3.** Deus realizou connosco uma espécie “troca sagrada”:  assumiu o que era nosso, para que pudéssemos receber o que era seu, e deste modo tornar-nos semelhantes a Deus». É no fundo esta a mensagem do Natal. Ela traz-nos alegria e esperança. Santo Agostinho tirou a conclusão “*Levanta-te, ó Homem, pois por ti, Deus Se fez Homem*”!

**Homilia - Mensagem de Natal 2007**

**“Hoje sobre nós resplandece uma grande luz: nasceu o Senhor”!**

(Is.9,2; Lc.1,33)

**1.** A festa do Natal coincide, no nosso hemisfério, com os dias do ano em que o sol termina a sua parábola descendente e começa a aumentar gradualmente o tempo de luz diurna, segundo o recorrente suceder-se das estações. Isto ajuda-nos a compreender melhor o tema da luz que antecipa as trevas. É um símbolo que recorda uma realidade que atinge o íntimo do homem: refiro-me à luz do bem que vence o mal, do amor que supera o ódio, da vida que derrota a morte.

Não por acaso, os cristãos apropriaram-se do 25 de Dezembro, ani­versário do nascimento da luz invencível, para festejar o nascimento de Cristo, que eles reconhecem como a ver­dadeira luz do mundo. Com isto, diziam aos pagãos: o Sol é bom e nós temos tanta alegria nas suas vitórias como vós. Mas não tem nenhum poder em si mesmo. Ele existe e tem força, porque Deus o criou. Ele é um sinal da verda­deira luz, que é Deus. Este Astro de luz, que não conhece ocaso, comunica-nos a força para seguir sempre o caminho da verdade, da justiça e do amor! Jesus Cristo é a Luz por excelência, o Sol erguido sobre todas as trevas da história. Essa Luz de Cristo não brilha, como as do Natal, de modo intermitente! É uma luz sempre nascente e sempre permanente! Devemos, por isso, festejar o Deus verda­deiro, a fonte de todas as luzes, e não as criaturas, que sem Ele não teriam força.

**2.** Mas isto não é tudo, nem o mais importante. Ainda não vos destes conta que há uma escu­ridão e um frio, contra os quais o Sol é impotente? Aquela escuridão e aquele frio que vêm das trevas que habitam o coração do homem: o ódio, a injustiça, a mentira, a cruel­dade e o desrespeito pelo homem... O Natal faz pensar nesta luz interior, na luz divina, que nos volta a propor o anúncio da vitória definitiva do amor de Deus, sobre o pecado e a morte.

**3.** Ao ver estradas e praças da cidade enfeitadas com luzes, resplandecentes, recordemos que estas luzes evocam outra luz, invisível aos olhos, mas não ao coração. Enquanto as admiramos, ao acendermos as velas nas igrejas ou a iluminação do presépio e da árvore de Natal nas casas, o nosso ânimo se abra à verdadeira luz espiritual, trazida a todos os homens de boa vontade.

Mas porque “a vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota”, para alcançar esta Luz de Cristo, “*precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia. Ora, as verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança*” (*Spe Salvi*, 49). Como gostaria que os filhos fossem a luz dos olhos dos pais! E como seria belo se fossem, em primeiro lugar, os pais, essas “estrelas de esperança” a conduzir para a Luz de Deus, os seus filhos! E o Presépio estaria iluminado pela luz do amor, sem intermitências, em cada família.

**4.** Mas, “sem a grande esperança que deve superar tudo o resto, aquelas não bastam. Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir. Precisamente o ser gratificado com um dom, faz parte da esperança. Deus é o fundamento da esperança, não um deus qualquer mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: a cada pessoa e à humanidade, no seu conjunto” (*Spe Salvi*, 31).

Com o Menino de Belém entrou no mundo este poder invencível do amor divino. Nesse sentido, o Deus feito Menino é a única espe­rança do mundo. Que a sua Luz brilhe, sem ocaso, e em todo o seu fulgor, no coração e na vida de cada um de vós!

**Homilia de Natal 2006**

**“*Uma família. Uma viagem. Uma criança, que mudaria o mundo. Para sempre”.*** A publicidade ao mais recente filme sobre a História do Natal, não podia dizer, nem em mais, nem em melhores palavras, o essencial deste magnífico e prodigioso acontecimento que celebramos hoje, nesta(e) noite (dia) de Natal. Permitam-me seguir, de perto, as frases curtas de tão sugestiva publicidade, para vos conduzir, por outro guião, à verdadeira história do Natal, de modo que, «*contemplando a Deus, visível aos nossos olhos, aprendamos a amar o que é invisível*»!

**1. Uma família…** O acontecimento do Natal toca as cordas mais belas do coração humano. Aqui se fala do mistério do menino, da simplicidade, da humildade, da ternura e da pobreza. Mas a imagem de marca do Natal é a de uma família simples, unida por um amor profundo e original entre Maria e José, tocada pelo dom e pelo mistério divinos, visitada pela surpresa de um Menino, que é o Filho de Deus. A família humana tornou-se, desde o Natal de Jesus, o lugar por excelência da manifestação da Vida e do Amor que vêm de Deus. Assim o Natal é, para nós todos, a Festa da Família e uma bela Família torna-se para nós o maior presente de Deus!

**2.** Uma família… **Uma viagem…** O Natal é a história de uma grande viagem, que faz Deus descer do Céu à Terra. O amor de Deus, por nós, vence todos os obstáculos do orgulho humano: o Deus Altíssimo acampa em Israel, que não passava de um grão de pó, no meio das nações; escolhe um povo dominado, para o converter num pilar da história. Prefere Belém, a mais pequena das cidades de Judá, fora do povoado, para o nascimento do Filho, e volta-se depois para Nazaré, um lugar desprezível. Mas esta viagem abissal de Deus, das suas alturas, até à nossa pequenez, percorre outros caminhos humanos, de noite e de luz. Os humildes pastores vêm primeiro e à pressa a Belém, mas os sábios não ficarão excluídos. A Sagrada Família, que fez a Viagem até Belém, logo depois do parto, terá de partir, em fuga, para o Egipto. O Natal é assim a história de uma viagem que nos abre novos caminhos. Deus veio do alto, para ficar connosco. Doravante, Ele já não está num longínquo além. Deus está muito próximo, Homem feito igual a nós, Alguém que nos toca e a Quem podemos tocar, Alguém que nos acolhe e que nós podemos acolher... numa criança!

**3.** Uma família…Uma viagem… **Uma criança…**

Deus é tão grande que Se pôde fazer pequeno! Deus é tão poderoso que Se pôde fazer inerme e vir ter connosco, como menino indefeso, para que O possamos amar. Assim, o Deus Todo-Poderoso, o Deus da Criação e da História, tornou-Se um de nós, para que nós pudéssemos viver com Ele, tornarmo-nos semelhantes a Ele. Como sinal, escolheu o Menino no Presépio. Doravante, em todo o menino brilha a luz daquela proximidade de Deus, que devemos amar e à qual nos devemos submeter – em todo o menino, mesmo na criança ainda não nascida.

**4.** (Uma família… Uma viagem…Uma criança) **que mudou o mundo…**

Se é verdade que n’Aquele Menino acontece a perfeita união de Deus com o Homem e do Homem com Deus, então tudo se transforma radicalmente. Há aqui, no Natal, uma erupção, um ato pessoal de Amor divino, a partir do qual se abrem novos horizontes para o Homem. Deus está presente e é bom. O mundo é belo. Viver é bom. E ser pessoa é muito bom. Se “*um só coração humano a bater vale mais que todo o universo visível em expansão”* (Pascal) então o nascimento deste Menino, que é o Filho Deus, é um acto divino, de grandeza superior ao da Criação do Mundo. Deus excedeu-se na loucura do seu amor. E onde despontou a fé naquele Menino, aí desabrochou também a caridade, a bondade para com todos, a carinhosa atenção pelos débeis e pelos doentes, a graça do perdão.

**5.** Uma família… Uma viagem…Uma criança que mudou o mundo, **para sempre!**

A partir de Belém, um rasto de luz, de amor, de verdade e de salvação, atravessa os séculos, os mais tenebrosos e os mais luminosos. Mas esta salvação começa hoje e sempre em cada ser humano que nasce; está sujeita à liberdade do Homem e, portanto, é algo indexado à nossa humana fragilidade.

Mas apesar de tudo e acima de tudo, está este Jesus, que vem até nós. Contra a violência espetacular deste mundo visível, Deus opõe e propõe-nos, à volta daquele Menino, uma nova família, um caminho humilde de regresso a Deus, como nossa casa, para mudar este mundo, com a força invisível do seu imenso amor, por nós!

**Homilia brevíssima ou mensagem de Natal 2006**

Caríssimos:

O acontecimento do Natal toca as cordas mais belas do coração humano. Aqui se fala do mistério do menino, da simplicidade, da humildade e da ternura.

Mas a imagem primordial do Natal é a de uma família simples, unida por um amor profundo e original entre Maria e José, tocada pelo dom e pelo mistério divinos, visitada pela surpresa de um Menino, que é o Filho de Deus.

A família humana tornou-se, desde o Natal, o lugar por excelência da manifestação da Vida e do Amor que vêm de Deus.Assim o Natal é para nós a Festa da Família e a Família o mais belo presente de Deus!

O nosso esforço humano é apenas o de acolher, como Maria e José, a presença de Deus, que por meio deles nos é dado a todos e para sempre.

Que neste Natal de 2006 o amor, a unidade, a paz e a alegria na família, sejam o teu maior presente de Deus.

Votos de Santo Natal em família. E nesta família que somos. Quando celebramos a Eucaristia, encontramo-nos em Belém, na «casa do pão». Cristo dá-Se a nós, e assim nos une a todos, no seu Amor, na sua Alegria e na sua Paz.

**Homilia na Solenidade do Natal 2005**

**«Paz na terra aos homens que Deus ama!»**

**1.** «*Paz na terra aos homens, que Deus ama*»! *(Lc* 2,14). Este é o feliz anúncio, entoado pelos Anjos quando, há mais de 2000 anos, nasceu Jesus Cristo. Ouvimo-lo ressoar, nos nossos corações, sentimo-lo vibrar na alma, de modo único e jubiloso, nesta noite santa de Natal. É este o *Evangelho da Paz*, que nos chega da gruta de Belém. Esta é a mensagem que vos queremos, mostrar e oferecer, no dom e no rosto de um Menino: Deus ama todos os homens e mulheres da terra, e dá-lhes a esperança de um tempo novo, um tempo de graça e de paz! O amor de Deus, pelos Homens é-nos revelado, vê-se estampado na ternura e na graça deste Menino, «o Verbo que se fez Carne» (Jo.1,14). É Cristo o fundamento da Paz Universal, da fraternidade entre os Homens. Pois no Filho Único de Deus, cada um redescobre a sua dignidade de filho do Único Pai, e por consequência, a sua condição de irmão de todos os homens.

Acolhida no mais íntimo do coração, essa filiação divina, reconcilia cada um com Deus e consigo mesmo e gera aquela sede de fraternidade, de amor e de paz, que é capaz de afastar do coração do homem toda a tentação da violência e da guerra. O Natal está, desde as origens, e por natureza, indissoluvelmente ligado a esta mensagem de amor e de reconciliação; não por acaso, ano após ano, esta quadra natalícia reinventa, para fiéis e homens de boa vontade, as mais autênticas aspirações da humanidade, que se resumem, no anseio profundo pela Paz.

***Jesus, dom de Paz***

**2.** Ao ouvirmos, novamente, o anúncio feito pelos Anjos nos céus de Belém (cf. *Lc* 2, 14), celebramos e vivemos, hoje e aqui, em Eucaristia, no abismo da mesma pobreza e do mesmo escondimento, o mistério da Encarnação, com a certeza de que este Jesus, Deus feito Homem, «*é, de facto, a nossa paz*» (Ef.2, 14). Jesus é um Dom de paz, oferecido a todos os homens, desde os pastores aos Magos, para os de perto e para os de longe. Desceu do Céu à Terra, para restabelecer a íntima comunhão do divino com o humano, despertando na humanidade, a altíssima vocação de ser uma *única família de irmãos*.

**A Paz de uma única família humana**

**3.** Neste [dia (noite) de] Natal, iluminados pelo esplendor da glória de Deus, que se reflecte no rosto de Cristo, a todos declaramos, uma vez mais, que a Paz é possível! Apesar de uma humanidade ferida pelo pecado do ódio e da violência, está aberta, no Presépio de Belém, a porta de uma casa comum, de uma humanidade nova, chamada por Deus, a comer do mesmo pão, a formar *uma única família* de irmãos.

***Empenhar-se generosamente pela paz***

**4.** A Paz é, desde sempre e também hoje, para a humanidade inteira, a grande expectativa do Natal que celebramos; é a prenda mais desejada. Corresponde a nós crentes, anunciar o evangelho da Paz, renunciando à impiedade de uma vida, sem Deus, abraçando a ternura do Menino, multiplicando gestos de Paz. Demos cara e corpo, vida e movimento, alma e coração, cor e harmonia, à sinfonia da Paz!

**Votos de Paz**

**5.** Deste modo, não teremos dúvidas de que a chama luminosa da paz percorrerá a sua estrada, acendendo a alegria, e derramando a luz e a graça no coração dos homens, sobre toda a superfície da terra. Nestes dias, de encontro, de visita à família, aos amigos, dai passos firmes no caminho da Paz. «*Como são belos, sobre os montes, os pés do Mensageiro que anuncia a Paz*» (Is.52,7)! Fazei descobrir, para além de todas as fronteiras, rostos de irmãos, rostos de amigos. Possais vós todos, iluminados pelo Príncipe da Paz, ver em cada um e fazer descobrir em todos, rostos de irmãos e rostos de amigos! A todos renovo cordialmente os meus votos natalícios de Paz.

**HOMILIA NA MISSA DE NATAL 2004**

***“O Povo que andava nas trevas viu uma grande Luz!”***

(*Is* 9,1-7: Missa da Noite)

**1.** A notícia chega em primeira mão aos Pastores da Judeia. Cercados pela luz da glória do Senhor, vencem o medo daquela magnífica noite e vão até Belém, cheios de alegria, à procura do rosto do Salvador. Eles aceitam, sem estranheza nem protesto, a pobreza manifesta de um sinal: *“encontrareis um menino recém-nascido, envolto em panos e deitado na manjedoura*” (Lc.2,1-14: Missa da Noite). E, à medida que o som da turba angélica celeste se dissipa, cresce neles o desejo e a pressa de chegar ao Presépio. Dizem uns para os outros: “*Vamos a Belém, para vermos o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer. E para lá se dirigiram apressadamente e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura*» (Lc.2,15-20: Missa da Aurora). Viram com os seus próprios olhos o que primeiro ouviram. “*A Palavra fez-se Carne”!* (Jo.1,14: Missa do Dia). No Presépio, a *imagem* do Menino era conforme à *Palavra* que lhes tinham anunciado! *“*Viram *a sua glória; a glória que lhe vem do Pai, como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade” (Jo.1,1-17: Missa do Dia)*. Deitado na manjedoura, envolto em panos, Jesus é afinal “*o Filho de Deus, o esplendor da sua glória e a imagem visível” (Heb.1,1-6: Missa do Dia)* do ser e da razão de ser… desse Deus, *que jamais alguém viu!* Jesus é Deus no meio de nós. É Deus connosco. É Deus para nós*. «Jesus é verdadeiramente a realidade nova que supera tudo quanto a humanidade possa esperar»* (Inc. Myst. 1).

**2.** Caríssimos irmãos: Eis-nos chegados a Belém, pelos caminhos da Família de Nazaré. Viemos e chegamos a Belém, porque hoje, como há dois mil anos, a luz do Natal, nos chama e nos atrai também a nós. A Luz do Menino Jesus, filho de Maria e de José, “*o Filho Unigénito de Deus*, *cheio de graça e de verdade” (Jo.1,17: Missa do Dia)* brilha sobre as nossas trevas*,* chama-nos, para O ver, para O ouvir e para o poder tocar e sentir (I Jo.1,1-4), como chamou outrora os pastores, ao fazê-los **percorrer aquele longo caminho**, até Belém.

**3.** Ele atrai-nos pela **graça da sua ternura**. Porque em Belém, na sua carne tão débil, no seu rosto de criança, que ainda não aprendeu a olhar o mundo, nós vemos reflectido todo o amor de Deus, *a plenitude da graça e da verdade (Jo.1,1-17: Missa do Dia)*. Na sua Carne, que se pode tocar, está aquele amor, ***aquela ternura***, aquela esperança confiada que só Deus é capaz de dar.

Na verdade, - caríssimos irmãos - o Natal é ***um mistério de ternura***. «*Manifestou-se a ternura de Deus, fonte de salvação para todos os homens*”! (Tit.2,11-14: Missa da Noite). Como São João, também o Apóstolo Paulo vê o Presépio, não apenas com os olhos da fé, que *contemplam a sua glória*, mas também pela ternura das suas próprias mãos, que *tocam* o mistério da “*vida que estava junto do Pai*” que palpam, sentem e pressentem já “*como são belos os belos pés do mensageiro que anuncia a Paz*” (Is.52,7-10: Missa do Dia).

**4.** A ***ternura*** – queridos irmãos - é assim um dos caminhos mais belos do nosso encontro com a Família de Nazaré. Caminho que é preciso percorrer, neste Natal, que queremos *em Família e da Família*, sem medo do tacto e do contacto, com o rosto e o corpo frágil de um recém-nascido. Vivamos este Natal, como **um desafio à ternura**. Porque a ternura exprime, de facto, uma das qualidades mais belas do amor: a bondade e a misericórdia. É por isso que *a ternura* é o principal atributo do amor de Deus por nós. “*Ao manifestar-se a ternura de Deus nosso Salvador e o seu amor para com os homens, Ele salvou-nos*” (Tit.3,4-7: Missa da Aurora).

**5.** Neste Natal, pedimos a Maria e José, que ajudem os nossos casais a não descuidar esta ternura, nas suas relações pessoais. Porque a ternura, entre as pessoas, é contemplação do ser amado, é entrega generosa, é revelação do coração, é abertura à intimidade. A ***ternura*** exprime o encantamento pelo outro. Onde não houver ternura, dificilmente haverá amor.

Neste Natal, pedimos ao Menino Jesus, que todas as crianças e todos os filhos experimentem a ternura dos seus pais e dos seus avós, capazes de lhes dizer num toque de amor: «*Tu és Meu Filho, eu Te gerei*» (cf. Heb.1,1-6: Missa do Dia). Neste Natal pedimos ao Menino Jesus, o «*Príncipe da Paz, Conselheiro Admirável*» (Is.9,1-7; Missa da noite), que quebre o *jugo da opressão*, todos os gestos da violência e todas os sinais da *dureza do nosso coração*, com aquela ***ternura,*** que só as crianças nos dão, nos pedem e nos ensinam!

Menino Jesus, dá-nos o calor da tua ternura! Enche a nossa casa e o mundo inteiro, com a graça do teu amor. Ámen.

**Homilia de Natal 2003**

«*Não temais. Anuncio-vos uma grande alegria para todo o povo:*

*Nasceu-vos hoje na cidade de David, um Salvador, que é Cristo, Senhor!*

(*Lc* 2,9-10: Missa da Noite)

**1.** A notícia encheu de temor, de maravilha e de espanto, de encanto e de surpresa, os pobres pastores da Judeia. Eles eram afinal “*os primeiros convocados*”, testemunhas de um acontecimento grande e único, cuja notícia chegaria «*aos confins da Terra*» (Sal.97,3: Missa do Dia). Correram, pressurosos, para o Presépio, escoltados pela multidão do exército celeste. E viram confirmado o sinal: «*Um Menino, recém-nascido, envolto em panos e deitado na manjedoura! Quando O viram, começaram a contar o que lhes tinham anunciado sobre Aquele Menino. E todos os que ouviam admiravam-se do que os Pastores diziam*» (*Lc* 2,16-18: Missa de Aurora)!

**2.** As palavras dos pastores, pobre gente e marginal, sem prática religiosa, suscitaram a “admiração” dos ouvintes. Estas palavras soariam hoje a muitos dos nossos gastos ouvidos, como um conto de fadas, a embalar meninos, com palavras de veludo. O quadro antigo do presépio parece-nos hoje mais um idílio, do que um drama. Mais uma poesia generosa de sentimentos, do que um encontro real e comprometedor entre Deus e os Homens.

E, talvez por isso, nos resulte cada vez mais incómodo, falar hoje do Presépio, com a velha manjedoura. Falar de um Deus, que não acontece segundo os parâmetros da nossa lógica medida e sabida. Falar de uma Mãe que é Virgem. De uns Anjos que se encontram, pela noite, com os Pastores. De um homem como José, que sacrificou o romance do noivado pela loucura de uma Promessa. Tudo nos soa a um cenário virtual, de lenda ou de mistificação, de que hoje temos **mais medo do que temor**, em nos abeirarmos. Mas são realidades que têm tanto de humano, como de divino; desenhadas, é certo, numa linguagem antiga, mas que os mais novos e os mais simples bem e melhor entendem. Deste modo, os evangelhos nos dizem o Natal, como acontecimento, ocorrido em rude pobreza, em surpreendente humildade, em profunda humanidade. E, por isso mesmo, “*manifestação da graça de Deus*” (*Tt* 2,11: Missa da Noite; *Tt* 3,4: Missa da Aurora), Natal que não nos foi devido, nem merecido, mas que nos foi dado e realizado por Deus, quando, e como Ele próprio quis.

**3.** O Presépio, com o boi e o burro, os Anjos, a Nossa Senhora, o São José e o Menino, os Magos e os camelos, as luzes e a Estrela, é afinal o quadro vivo e real de um “*excêntrico mundo*”, que, em Belém, regressa finalmente à paz original, ao equilíbrio ecológico, à pureza das coisas, à ternura dos afectos, à beleza do amor, à dádiva presente da vida eterna. E é o Menino, por ser verdadeiro Deus, o centro, o «Verbo», (Jo.1,1-18: Missa do dia) a «Palavra» e o sentido de todas as coisas!

**4.** Desde aí, desde o Natal do Senhor, tudo muda. Dentro de nós e à nossa volta. E nada mais está perdido. Está tudo salvo, redimido… uma vez que Aquele Jesus, não era um menino qualquer, nem um Deus “feito por medida”. Era Cristo, Senhor (*Lc* 2,10)! Desde então e para sempre, no Menino Jesus, Deus mostra-se amante do nosso mundo, a eternidade abraça e desenlaça o nosso tempo, a nossa humana condição ganha grandeza e dimensão divina. São efeitos extraordinários e revolucionários, activos e retroactivos, do Natal de Jesus, que resistem a todos os defeitos do mundo e ao desgaste do tempo e que alcançam todos os imperfeitos humanos, a começar por «*aqueles que não O receberam*» (Jo.1,11). O Natal, o dom divino do Menino Deus, não nos é, nem nunca nos será negado, por coisa alguma, por pecado nenhum, por tristeza maior que ela seja. Pois não acontece Natal, por nossas mãos. Mas pelo “dedo de Deus”. E os efeitos daquele “admirável mistério”, pelo qual «o Verbo se fez Carne e habitou entre nós» (*Jo* 1,14) são, de todo e para sempre, irreversíveis. Por isso «*Não temais. Anuncio-vos uma grande alegria para todo o povo:* *Nasceu-vos hoje na cidade de David, um Salvador, que é Cristo, Senhor!*

**5.** Irmãos e irmãs**:** Nós acreditamos assim. Que o Natal é a Festa de Deus que se fez Homem, para fazer, aqui e agora, o que sempre quis de nós: que fôssemos homens autenticamente, filhos seus, irmãos uns dos outros. Só a partir daqui se poderá dizer, sem *invocar o santo nome de Deus em vão,* tudo o mais, de que é comum falar-se antes e no tempo de Natal. Neste Menino é possível a alegria. N’Ele o Amor torna-se a Palavra do Sentido. E a Paz, o dom que se faz dever.

Tomai conta do Menino Deus. Sem medo dos afectos. Sem medo do excesso na troca de carícias, de beijos e abraços, dos meninos, com os meninos. E o Menino de Belém tornará reais e actuais os efeitos do seu Natal, no Natal feliz e santo de cada um.

**Homilia no Natal de 2002**

*«Disse-lhes o Anjo: Não temais. Anuncio-vos uma grande alegria, para todo o Povo: nasceu-vos* ***hoje****, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo Senhor. Isto vos servirá de* ***sinal****: encontrareis um Menino recém-nascido envolto em panos e deitado numa manjedoira»* (*Lc* 2,10-12; Ev. Missa da Noite)

**1.** Aos pobres Pastores, é dirigida a Palavra de um Anjo, que os ilumina com a glória deslumbrante de Deus. Ao serem cercados por uma grande Luz, eles enchem-se, pois, de grande temor. Este enorme resplendor da luz divina, certifica o anjo como mensageiro do céu. E é com esta autoridade indiscutível, que o Anjo lhes recomenda que não temam, mas que experimentem, jubilosos, a alegria que se lhes anuncia. E enquanto o Anjo se dirige a esta pobre gente atemorizada, imediatamente se une a Ele «*uma multidão do exército celeste*», que canta um hino de louvor, que glorifica «*a Deus nas alturas e proclama a Paz na terra, aos homens por Ele amados*». Logo depois, diz o evangelho, «*os anjos afastaram-se dos pastores, em direcção ao céu*» (*Lc* 2,15; Ev. Missa da Aurora).

[Este canto – imaginamos - foi provavelmente tão belo e os pastores gostaram tanto de o ouvir, que terão ficado com pena de o concerto ter acabado e os intérpretes terem desaparecido por trás da cortina do céu. Mas talvez se sentissem agora um pouco mais aliviados interiormente. Desaparecera a luz anormal da glória divina, já não se ouve o som extraordinário da música celestial, encontram-se de novo na obscuridade normal da terra].

**2.** Para trás, deixam todos os sinais da manifestação da glória celestial e dela só fica agora a pequena semente da **palavra do anjo**, que lhes tocara o coração e começa já a crescer neles, como expectativa, curiosidade e esperança. «*Vamos a Belém, para ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer*» (Ev. Missa da Aurora), dizem eles, os pastores. Eles querem ver não já a palavra do Anjo, com seu resplendor inicial, mas o conteúdo dessa palavra, a palavra que já não é apenas algo dito, mas algo feito e acontecido, algo que se pode já não apenas ouvir, mas também ver: o «*Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura*».

Mas – meu Deus – chegados lá, que pobreza de sinal! Nem sequer é «o menino», mas simplesmente «*um menino*». Como um qualquer. Não um especial. Não uma criança que irradia uma luz de glória, como o representaram tantos piedosos pintores. Não. Um Menino que lhes aparece o menos glorioso possível. Envolto em panos, de modo, que nem se pode mover. Está ali, como que atado, aqueles panos, com que o quiseram proteger. O presépio, no qual está deitado, tão pouco é qualquer coisa de berço majestoso, nada que lhes recorde, nem de perto nem de longe, a glória celestial, que os anjos cantavam. Praticamente, ali não há nada digno de ser visto. Afinal a meta de toda aquela caminhada nocturna é o que há de mais comum: *Um Menino*. Chega mesmo a desiludir, tal é a sua pobreza. Algo verdadeiramente humano e tão profano, que nem se distingue por nada; sem auréola, nem estrela na testa. Vale-lhes, aos pastores, o facto desse menino corresponder exactamente ao sinal prometido. E o sinal estava certo. Ali está, conforme o anunciado, «*um menino recém-nascido, envolto em panos e deitado numa manjedoira*».

E é porque se põem a caminho, da luz para a obscuridade, do extraordinário para o normal, da experiência excelsa de Deus, para o contacto delicado com o humano, da riqueza de lá do alto, para a pobreza de cá de baixo, que eles recebem a confirmação do sinal e encontram o Deus vivo e verdadeiro. Que não é apenas esplendor e majestade. Mas humildade e proximidade. Que não é apenas glória e divindade. Mas pobreza e humanidade.

**3.** E porque chegaram os pastores a perceber e a reconhecer este «**sinal**»? Porque o Senhor, o Deus das alturas, fez precisamente o mesmo caminho ao nascer: deixa para trás a sua glória divina e caminha para o mundo obscuro, para a pouca vistosidade daquele menino, para a pobreza daquele presépio. Atrás de si, o Filho de Deus deixa o luminoso panorama divino. E diante de si, tem a perspetiva sombria do pecado e da morte. Para trás, fica a bem-aventurança da Vida que estava junto do Pai. Pela frente, a difícil solidariedade com todos os que não conhecem a Deus, ou que não o querem conhecer, ou negam a sua existência. Até pelo simples facto deste Deus desaparecer na Sua glória divina, ao aparecer na nossa fragilidade humana.

**4.** Esta é portanto a verdade do Natal de Deus e do Natal do Homem: para encontrar Deus, o cristão é posto nas ruas e nas bocas do mundo, é convidado a ser e enviado a estar com os pobres e simples. É com estes que tem de se identificar. Com estes, os pobres, que vivem, porta a porta, com Deus. Com eles, é bem mais curto o nosso caminho para Belém.

[Se não tivermos o coração destes pobres e celebrarmos o natal, *sem renunciar à impiedade* de uma *vida sem Deus*, seduzidos pelos *desejos mundanos* (cf. *Tt*.2,11-14: Missa da Noite) esgotados num Natal comercial e digestivo, sem justiça nem moderação, faremos nascer hoje Jesus no Palácio de Herodes]!

Irmãos e irmãs: Apesar de toda a algazarra, que porventura nos possa desviar do caminho de Belém, **hoje**, **25 de Dezembro**, **é Natal**. E é Natal tão real e tão verdadeiro, como há 2002 anos. Porque desde então, Deus, empreendeu um caminho que O trouxe até nós e de uma vez para sempre. Agora, nada e ninguém, impedirá Deus de vir e permanecer junto de nós. Mesmo, se há algumas janelas cerradas, para a Luz, Jesus entra pela nossa casa dentro, até de portas fechadas. Põe-se no nosso meio. E, sem falar ainda, e tão pouco sem se mexer, diz-nos, do berço de Belém, neste primeiro dia de Natal, como outrora na tarde de Páscoa: *A paz está convosco»!*

**5.** Este é o Natal que desejo a cada um de vós. Um Natal em Paz, de modo que a contemplação do Menino Jesus, abra os corações e nos ensine a todos, a perceber em cada instante, a presença deste Senhor Jesus, que enche e preenche a nossa vida, com a sua Luz e a sua Paz, a sua graça e a sua verdade!

Homilia inspirada em algumas reflexões de HANS URS VON BALTHASAR, *Tú coronas el año com Tu gracia*, Encuentro Ediciones, Madrid 1997, 244ss.

**ORAÇÃO DE NATAL**

*(Este texto pode concluir a Homilia ou ser declamado noutro momento: durante o beijo ao Menino no ofertório; ou até em vez da Oração dos Fiéis...)* Invoquemos, pois, a Jesus, para que venha e nos salve, para que tenhamos um Natal muito feliz, ainda que os tempos, por vezes, não sejam nada alegres. Quisera invocá-lo com as palavras de um poeta – David Maria Turoldo, que num poema escrito para o Natal dizia assim:

Vem de noite,

Sabes bem que em nosso coração sempre é de noite;

Vem, portanto, sempre e não deixes nunca de vir, Senhor!

Vem no silêncio,

Pois já não sabemos sequer o que dizer;

Vem, portanto, sempre e não deixes nunca de vir, Senhor!

Vem na solidão,

Pois cada vez estamos mais sós;

Vem, portanto, sempre e não deixes nunca de vir, Senhor!

Vem, Filho da paz;

Pois não sabemos o que é a paz;

Vem, portanto, sempre e não deixes nunca de vir, Senhor!

Vem consolar-nos,

Pois cada vez estamos mais tristes;

Vem, portanto, sempre e não deixes nunca de vir, Senhor!

Estamos longe, desencaminhados,

Não sabemos o que somos nem o que queremos;

Vem, portanto, sempre e não deixes nunca de vir, Senhor!

**Homilia na noite de Natal 2001**

*Is* 9,1-6; *Tt* 2, 11-14; *Lc* 2,1-14: e/ou *Lc* 2, 15-20

(da Missa da Noite e/ou Aurora)

**1.** Guardavam de noite os rebanhos. Eram pastores, sentinelas de vela, à espera de muito pouca coisa. Nada sabiam das profecias que falavam do Messias e não tinham, por isso, grandes expectativas, para aquela noite de Natal! É a esses, os mais simples e pobres de entre o Povo, que é feito o anúncio de uma grande alegria. Uma alegria extraordinária, que vai ao encontro das mais profundas aspirações do coração. Uma alegria que é destinada a todos. «*Uma alegria para todo o Povo*». Uma alegria que é total. Que supera as pequenas satisfações imediatas e ultrapassa, de longe, as mais legítimas necessidades básicas. Esta alegria tem um nome extraordinário: «*Na cidade de David, nasceu-vos um Salvador*». A alegria é, de facto, o coração do Evangelho do Natal!

**2.** Surpreende-nos, todavia, a enorme desproporção entre a grandeza deste anúncio de alegria e a pobreza do sinal que se dá: «*isto vos servirá de sinal: encontrareis um Menino recém-nascido, envolto em panos e deitado numa manjedoura*»... Um Menino, um ser frágil, que não pode andar, nem mover-se, que precisa de tudo e de todos, que depende também dos seus pais. Um Menino que está num presépio e não num berço, porque nascido fora de sua casa, na pobreza mais extrema. E, todavia, este menino é sinal de um Dom imenso. «*Um Menino nasceu para nós, um Filho nos foi dado*». E, como se isto não bastasse para que abríssemos nossos olhos e nosso coração às maravilhas de Deus, o texto acrescenta: «*e de repente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste que louvava a Deus dizendo: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados*». Que fazem os pastores diante da desproporção entre a enormidade do anúncio, que abarca o céu e a terra, e a pequenez do sinal, um Menino pobre, indefeso, que está num Presépio? Eles vão e vêm. Vão depressa até ao presépio e regressam a contar que lhes tinham anunciado sobre aquele Menino. Não discutem. Não duvidam. Não são incrédulos. Não encolhem os ombros. Não protestam por não entenderem, mas escutam o coração. Seu coração diz-lhes que se passa algo de anormal, algo que ultrapassa a inteligência humana e creem na surpresa de Deus: «*Vamos a Belém, para vermos o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer*». Uma gente tão simples, como os Pastores, sabem que Deus é maior do que nós, que Deus sempre nos surpreende. E depois de ver o Menino «*regressaram glorificando a Deus*», por lhes ter aberto os olhos do coração.

**3.** Também a nós nos pode surpreender, nesta noite de Natal, a desproporção que há entre a grandeza do anúncio religioso que ressoa na Igreja e a nossa vida diária, sempre tão monótona, que parece não mudar nada, e que voltará, pela certa, aos problemas de sempre, uma vez passadas as festas natalícias. E ainda que, por momentos, nos deixemos encantar pela mágica atmosfera do Natal, não nos livraremos nunca do temor, da dúvida e do medo. Que significa então este anúncio para uma realidade quotidiana tão complexa, tão retorcida e tão mesquinha?

Os pastores dizem-nos: Vinde. Dai um passo adiante. Ide e vede. Tende a coragem de crer, deixai-vos guiar pelo coração e escutai-o para que possais exclamar: “Meu Deus, como sois grande no sinal deste Menino, como sois grande na minha vida, como sois grande, em tantos minúsculos sinais da minha história. Abri os meus olhos para que seja capaz de perceber estes pequenos sinais da minha fé, do meu escondido caminho na Igreja, da minha simples caminhada na paróquia. Abri meus olhos para que leia em tudo a vossa salvação, que sai ao meu encontro. Sei muito bem, Senhor, que a vossa grandeza sem fronteiras está aqui e vem precisamente agora nesta Eucaristia, no sinal pobre desta Hóstia que comungo, no Pão eucarístico que é sinal da vossa presença viva, que enche o meu coração de Paz”.

4. Abramos, pois, de par em par, nossos corações à fé, à esperança e à caridade, que fazem que leiamos nos pequenos sinais de cada dia, o Dom infinito de Deus que vem até nós! E faz presépio no coração ferido de cada um! É aí precisamente que há-de reinar o Príncipe da Paz!

**Homilia na Missa do Dia de Natal 2001**

*Is* 52,7-10; *Heb* 1,1-6; *Jo* 1,1-5.9-14 (da Missa do Dia)

Como são belos os pés do Mensageiro que anuncia a Paz, que traz a Boa Nova, que proclama a salvação!

**1.** A Liturgia que estamos a celebrar é como o canto da sentinela que alça a voz e grita de alegria, diante do Menino, sinal do Deus que veio acampar junto de nós e iluminar as trevas deste mundo. A glória de Deus que Moisés tanto queria ver, o rei que o Povo idealizou, o Messias por que tanto esperou, é simplesmente «*um Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura*», um ser frágil, que não pode andar, nem mover-se, que precisa de tudo e de todos, que depende também dos seus pais. Um Menino que está num presépio e não num berço, porque nascido fora de sua casa, na pobreza mais extrema. «*Veio ao que era seu e os seus não O receberam*». E, todavia, este menino é sinal de um Dom imenso. «*Um Menino nasceu para nós, um Filho nos foi dado*». São João di-lo de outro modo: «*O Verbo fez-se Carne*»! A Palavra, que é o próprio Deus, pela qual tudo foi criado, fez-se Homem, assumiu a nossa carne, a nossa fragilidade, a nossa debilidade, assumiu tudo aquilo que nós não gostaríamos de ter. Esta é a grande notícia, que vem da grande noite, na qual se faz ouvir o grito das sentinelas, que levantam a voz. E todas juntas soltam brados de alegria!...

**2.** Mas nós não podemos nem queremos, caríssimos irmãos, deixarmo-nos enganar pela magnificência deste canto de alegria e de gozo. Esta atmosfera especial que cada ano se renova no Natal, não quer, ainda assim, negar a trágica espessura da nossa história presente; nem tão pouco a dureza das situações que nos oprimem e nos tentam a perder a esperança. Faz-nos impressão seguir, por estes tempos, a história de Jesus e acompanhar, de alma magoada, a desolação que atravessa a sua pátria de origem, a Palestina. Parece que todas as profecias de maldição lhe caíram em cima e se tornou assustadoramente o epicentro da violência no mundo. Por estes dias, ao olhar Belém, a poucos quilómetros da Cidade Santa, deparamos com um lugar vazio e nostálgico do Príncipe da Paz. O presépio foi assaltado pelos violentos e o seu chão sagrado está coberto de sangue, lembrando Raquel que chorava inconsolavelmente os seus filhos. Não foi ainda no primeiro Natal do Terceiro Milénio que O encontrámos na Paz plena e na alegria de todos os que n’Ele crêem. Ainda O vemos como em um espelho, alimentados, todavia, pelo incansável hino da Esperança que Ele não deixa de nos segredar.

Não estamos aqui – insisto – a celebrar o Natal para esquecer, para deixar, por um instante, a tristeza, a angústia que acompanha os nossos dias, a recordação da guerra no Afeganistão, na Palestina, a fome e o sofrimento na Somália, os problemas do nosso país, do nosso mundo e da nossa sociedade. Não estamos aqui como se à nossa volta e também dentro de nós não houvesse um montão de obscuridade e vazio. Estamos aqui, sim, para escutar, na noite, o grito da alegria, para ouvir o que os sentinelas da história viram, escutaram e falaram muito antes de nós; reunimo-nos aqui para ver, como os pastores, que “*a Luz brilha nas trevas*”.

**3.** Neste dia pede-se-nos que escutemos os gritos de alegria, que vejamos a incrível mensagem do Natal, notícia de um Deus para nós, connosco e em nós. Vivamos o Natal muito para além de uma qualquer emoção passageira, mais do que a habitual troca de palavras vazias, ou de presentes, por muito bonitos que eles sejam. Pede-se-nos que vamos mais longe, muito para além disto, que transcendamos todas estas coisas, para escutar e contemplar Deus que assumiu a nossa Carne. Deus partilha, no Menino, a nossa dificuldade de viver, para nos dar a todos a grande esperança, de que há algo que pode mudar, e que só Ele o poderá fazer connosco de forma radical. Sabemos que na vida de tantos povos e de tantas pessoas a tristeza prevalece sobre a alegria e a angústia sobre a esperança. Mas, é precisamente a estes homens e mulheres que se dirige o anúncio natalício, pois foi aos pastores, e foi aos pobres, que Cristo anunciou, em primeiro lugar, o Evangelho da Salvação.

**4.** Se quisermos, queridos irmãos, Jesus entra hoje na nossa vida. E nós, como sentinelas na noite do mundo, podemos anunciar a mensagem da alegria e da paz e da esperança pelos inquietos caminhos da nossa Terra. Deus quer pôr-se em nossas mãos. É preciso que saibamos abri-las conjuntamente com o nosso coração.

*Como são belos os pés do Mensageiro que anuncia a Paz, que traz a Boa Nova, que proclama a salvação!*

De facto, “a paz é hoje para a humanidade a grande expectativa do Natal. A humanidade aspira hoje sobretudo à alegria da paz. Corresponde a nós crentes, com a eloquência daquele amor feito de obras, convertermos cada dia em fermento profético de um mundo reconciliado pelo amor e vivificado pela alegria divina” (João Paulo II). Então sim, o Menino, na sua fragilidade, aparecerá diante de todos os povos, como Deus forte e Príncipe da Paz.

**Homilia na Noite de Natal do ano 2000**

*Is* 52,7-10; Tit. 2,11-14; Lc.2,1-14

**1.** Nesta noite, mais clara que o dia, deixamos o aconchego do lar familiar, atravessamos a fria luz das ruas, para nos encontrarmos agora juntos, aqui à volta da manjedoura do Presépio, a evocar dois mil anos do nascimento de um Menino. E a provocar, à volta do altar, novo parto de Cristo, nascido hoje para nós, no mistério escondido da Eucaristia. Aqui nos reunimos, vindos de muitos lados a esta Igreja, como anjos a dar glória a Deus, como pastores que caminham para Belém, *a Casa do Pão*.

**2.** São Lucas, em traços bem definidos, situa o nascimento do Menino, no quadro da história universal dos povos, “*por altura do recenseamento decretado por César Augusto*” (Lc.2,1). Não diz o dia, mas enquadra o Natal do Senhor, no preciso tempo em que “*Quirino era governador da Síria*” (Lc.2,2). Com um nome, dado por José, Jesus nasce de Maria, na manjedoura de Belém, *envolto em panos, por não haver lugar para eles na hospedaria* (Lc.2,7). É sóbrio, como vemos e ouvimos, o relato do nascimento de Jesus. E, todavia, o acontecimento aparece depois carregado de luz, pintado de anjos, acompanhado de pastores, cercado de medos logo dissipados, envolto em alegrias inesperadas. Nasceu um Menino, de Maria e José. Mas é para nós. Um Filho foi dado à luz, como Primogénito de Maria. Mas a Luz é dada ao Mundo, para todos. Pois Ele é o Salvador.

**3.** É esta a novidade e a surpresa de Jesus. Ele não é apenas um homem bom. É o Homem novo, o homem no seu melhor, a vida do homem na sua plenitude. Ele não é apenas um profeta. É a Palavra eterna de Deus, vinda a este mundo, é o *Verbo feito Carne* viva (Jo.1,14) e em pessoa, no meio de nós. Ele não é apenas e tão só o melhor exemplo de virtudes. É o Messias, o Salvador do Mundo. Jesus não é, nem sequer, um especial mensageiro divino, é mesmo o próprio Filho de Deus vivo (Mt.16,16). Jesus é Deus no meio de nós. É Deus connosco. É Deus para nós*. «Jesus é verdadeiramente a realidade nova que supera tudo quanto a humanidade possa esperar»* (Inc. Myst. 1).

**4.** Desde o seu nascimento que tudo mudou! Se naquele Menino se «*manifestou a ternura e a bondade de Deus*» (Tit.2,11), então tudo o que Ele humanamente tocou,

viveu, sentiu, assumiu e experimentou, se tornou grandioso e divino. A partir d’Ele, de Jesus Cristo, o Filho de Deus, sabemos que as nossas coisas não são pequenas, nem inúteis. Sabemos que os nossos cansaços não são um vão suspiro, desde o momento em que o próprio Jesus os viveu e assumiu, ao nascer em Belém. Sendo Deus aquele Menino, Deus na nossa terra, Deus na nossa vida, Deus com um coração de carne, a bater segundo o ritmo humano, então toda a terra que pisamos, toda a dor que sentimos, toda a angústia em que mergulha o nosso coração, toda a alegria que vivemos e esperamos, estão divinizadas em Cristo, eternizadas em Deus, salvas por Jesus, «*fonte de salvação para todos os Homens*» (Tit.2,11). O coração do Homem, a vida do Mundo estão (a) salvo(s) neste *comércio admirável* em que Deus assume o humano e nos dá o divino.

**5.** A esta luz do Natal, entendemos bem melhor o convite à alegria, tão insistente na primeira leitura: *Rompei todas em brados de alegria, ruínas de Jerusalém* (Is.52,9)!» Essas ruínas que vemos em nós, e à nossa volta, as ruínas causadas pelo mal e pelo pecado, que são a desonra dos povos e das nações, as ruínas do sentido da vida que tantas pessoas terão perdido e não são capazes de recuperar, as ruínas internas da angústia, do medo, da desconfiança e da tristeza, essas ruínas podem entoar cânticos de alegria, porque Deus vem, está presente no seu Reino, com a consolação e a alegria que só Ele nos dá.

E também nós entoamos, nesta noite, cânticos de alegria porque a luz de Natal reconstrói as nossas ruínas. Ainda que julguemos estar perdidos, Jesus encontra-nos. E ainda que nos sintamos muito longe d’Ele, Ele continua a vir para nós.

Hoje. Precisamente «*hoje, nasceu o nosso Salvador, Jesus Cristo, Senhor*»! (*Lc* 2,11)

**Homilia no Dia de Natal 2000**

*Is* 52,7-10; *Tt* 2,11-14; *Jo* 1,1-5.9-14

**1.** Sem dia certo e hora marcada, o grande acontecimento que mudou a história - e hoje *solenemente* celebramos - não tem data precisa. Mas tem lugar concreto e tempo definido. São Lucas situa o nascimento do Menino, na cidade de Belém, por ocasião do recenseamento, decretado por César Augusto, e quando Quirino era governador da Síria. Sabemos, com toda a certeza, que há dois mil e tal anos Jesus foi gerado, acolhido e amado, e que Maria e José lhe deram um nome. Neste dia, celebramos o começo histórico do nascimento de Jesus Cristo. Tudo o que haveria de suceder depois, começou nessa noite, em Belém, quase como começa ou deve começar qualquer vida humana: uma pequena e frágil criatura que se acolhe com alegria e que é chamada amorosamente pelo seu nome. *«Duas tábuas e era um berço! Estaria Deus lá dentro? Tudo escuro e alumiava. Fomos ver e lá estava*», diz Pedro Homem de Mello.

**2.** O acontecimento do Natal, inscrito e descrito no tempo, é desenhado e projectado, por São João, no largo horizonte da hora de Deus e da sua eternidade. O Evangelista «das alturas» fala-nos de uma outra origem, mas ainda assim do mesmo Menino. Fala-nos daquela origem que remonta «*ao princípio*» absoluto. Aquele que assumira a nossa carne, e é Jesus, estava desde sempre, «*desde o princípio*, *junto de Deus*» (Jo.1,2) e ele mesmo era Deus. João transmite-nos hoje o relato da origem por excelência, do princípio de todas as coisas, porque tudo explica e é razão de tudo quanto existe: «*Tudo se fez por meio d’Ele e sem Ele nada foi feito*» (Jo.1,3). Exclamava. Podemos dizer que se o nascimento de Belém faz que celebremos *o aniversário de Jesus*, o prólogo de São João apresenta-nos *o aniversário do mundo*, o seu carácter de mundo salvo, de mundo novo, aberto a um sentido, destinado à plenitude, porque provem d’Aquele que é o *Logos*, que é *o Sentido*, a *Palavra*, *o Verbo* de Deus. A alegria pelo Menino que nasce em Belém evoca em João a alegria e o assombro por tudo que nasce, e por tudo o que nasceu desde o princípio do mundo, alegria por tudo o que foi criado e existe na terra e no céu. Como no princípio, «*Deus viu que tudo era bom* (*Gn* 1,10)»!

**3.** Se naquele Menino se «*manifestou a ternura e a bondade de Deus*» (*Tt* 2,11), se Ele era *o Verbo de Deus e se fez Carne*, então tudo o que Ele humanamente tocou, viveu, sentiu, assumiu e experimentou, se tornou grandioso e divino. A vida humana tornou-se uma aventura divina. A partir d’Ele, o Filho de Deus, sabemos que as coisas da nossa vida não são pequenas, nem inúteis, nem os nossos cansaços não são um vão suspiro, porque o próprio Jesus os viveu e assumiu, ao nascer em Belém.

Sendo Deus aquele Menino, - Deus na nossa terra, Deus na nossa vida, Deus com um coração de carne, a bater segundo o ritmo humano, - então toda a terra que pisamos, toda a dor que sentimos, toda a angústia em que mergulha o nosso coração, toda a alegria que vivemos e esperamos, estão divinizadas em Cristo, eternizadas em Deus, salvas por Jesus, «*fonte de salvação para todos os Homens*» (*Tt* 2,11). O coração do Homem, a vida do Mundo estão (a) salvo(s) neste *comércio admirável* em que Deus assume o humano e nos dá o divino.

**4.** A esta luz do Natal, entendemos bem melhor o convite à alegria, tão insistente na primeira leitura: *Rompei todas em brados de alegria, ruínas de Jerusalém* (Is.52,9)»! Essas ruínas que vemos em nós, e à nossa volta, as ruínas causadas pelo mal e pelo pecado, que são a desonra dos povos e das nações, as ruínas do sentido da vida que tantas pessoas terão perdido e não são capazes de recuperar, as ruínas internas da angústia, do medo, da desconfiança e da tristeza, essas ruínas podem entoar cânticos de alegria, porque Deus vem, está presente no seu Reino, com a consolação e a alegria que só Ele nos dá.

**5.** E também nós entoamos, neste dia, cânticos de alegria porque a luz de Natal reconstrói as nossas ruínas. Ainda que julguemos estar perdidos, Jesus encontra-nos. E ainda que nos sintamos muito longe d’Ele, Ele continua a vir para nós.

Hoje. Precisamente hoje, «*o Verbo se fez Carne e habitou entre nós!*» (*Jo* 1,14)

**Homilia de Natal - Missa do Dia – 1999**

**(Jubileu do Ano 2000)**

Rompei todos em brados de alegria! Dois mil anos de Cristo vivo, no Mundo e na História dos Homens são, para cristãos e homens de boa vontade, uma boa notícia. Ou, como dizia o Evangelho, na noite santa de Natal, «uma grande alegria para todo o Povo» (*Lc* 2,10)! Para todo o povo, porque - como diz São João - «o Verbo era a luz verdadeira que vindo a este mundo, ilumina todo o Homem»! Alegria, portanto, para todos, todos os homens, para cristãos e homens de boa vontade!

1. Alegria, diria, antes de mais, para nós, os cristãos. Uma enorme e profunda e divina alegria, porque temos a experiência de um Deus que deixou de ser imaginável e surpreendentemente se fez à nossa medida. Temos e levamos connosco a notícia de um Deus que não se envergonhou de nós. Que se fez um de nós: «O Verbo fez-se Carne». Ou se quiserem, a notícia de um Deus que se “desfez” da sua grandeza, para chegar até nós e nos levar e elevar até Ele. De um Deus que é Palavra eterna e se deixou dizer neste nosso tempo e nesta nossa pobre linguagem humana. De modo que o Seu abaixamento das alturas da sua divindade, à pobreza da nossa pequenez, serviu ao engrandecimento e exaltação da nossa humanidade. Deus preferiu a nossa natureza humana à dos Anjos. «A qual dos anjos disse Ele alguma vez: “Tu és Meu Filho? Eu hoje te gerei”! E ainda “Eu serei para Ele um Pai e Ele será para mim um Filho”». De modo que, naquele preciso momento e lugar, há dois mil anos e em Belém, o Verbo se fez Carne, o Pai nos enviou o seu Filho. E «àqueles que O receberam e acreditaram no seu nome deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus». E somo-lo, de facto! O que é uma grande alegria para nós!

2. Alegria também para todos os “homens de boa vontade”, mesmo para aqueles que entendem o Natal como um passe de magia ou como uma história de embalar meninos. Ainda assim o Natal, que, apesar das dúvidas mais cegas, nada deve ao rigor da História, é uma óptima notícia. Porque, mesmo fora do âmbito da fé, a aparição do Salvador tornou-se fonte de mais humanidade, de maior sentido da nobreza e dignidade desta nossa condição humana. Ainda assim, «a luz brilha nas trevas». O Menino, ainda que só plenamente acolhido na luz da fé, pode tornar-se também para os não crentes um dom inestimável de fraternidade, referência obrigatória do pensamento e dos valores, quando se deseja e espera uma Humanidade reconciliada no amor.

3. O Natal é, por isso, uma boa notícia, uma grande alegria para todo o Povo. Para o Povo de há dois mil anos. E para o povo do ano **2000**. Porque o Natal não é uma espécie de retorno à infância, mas sim um acontecimento que nos toca e interpela, precisamente «hoje». Não somos nós que, agora, no esforço da memória ou na luz da nossa imaginação, conseguimos chegar devotamente ao presépio de Belém de há dois mil anos. Mas, ao invés, é Belém, é Jesus, que desde há dois mil anos nasce, e nasce hoje para nós, e hoje chama à nossa porta e nos toca e abençoa no seu amor. Assim como o Sol, ao nascer cada dia, se torna contemporâneo do homem, voltando a iluminá-lo, a aquecê-lo e tornando o homem mais agradecido, assim Cristo, o Sol nascente, nos ilumina e aquece, desde aquele dia e em cada dia, também em cada noite, da nossa vida humana, para descerrar as trevas do nosso coração.

4. Jesus menino nasce para nós hoje! Hoje, Jesus quer nascer no meio de nós, hoje e não há vinte séculos! O menino quer nascer na vida interior de cada homem, na história da nossa cidade e de toda a humanidade, e este (re)nascimento é, por certo e hoje o acontecimento mais importante da nossa vida! Só faz falta que abramos os olhos, que nos fixemos neste Menino que, em silêncio, sem fazer ruído, sem se impor, com a indiferença simples das crianças, vem até nós para nos manifestar o esplendor do rosto de Deus.

Há um enorme júbilo, entre os Anjos, no Céu. É Natal. Haja alegria para todos! Porque hoje é Natal. Abri as portas, porque Deus está connosco. É isso o Natal, hoje!

**Homilia no Natal do Senhor de 1998**[[1]](#footnote-1)

(princípios do ano de Deus Pai)

*Um Menino nasceu para nós. Um Filho nos foi dado! (Is.9,5)*

Esta é a notícia que torna a noite mais clara que o dia! Esta é a novidade que desperta o Anjo do Senhor para a exultação suprema, que acorda pastores temerosos e multiplica a alegria entre o povo simples. Esta é a surpresa que move coros de anjos e comove a terra inteira. E afinal que graça tamanha, para um tão simples Dom. Que desmedido contentamento, por uma tão desconcertante surpresa. «*Um Menino nasceu para nós. Um Filho nos foi dado»!*

«*Um Filho nos foi dado*»! Dado, no presépio, a Maria e a José. Dado, na noite de Natal, «*para todo o povo*», dado, desde agora e para sempre, ao mundo, dado hoje a nós. «*Nasceu-vos, hoje, um Salvador, que é Cristo, Senhor*». Não é um Filho apenas. Nem um filho mais. É o Filho, simplesmente. E o Filho Único. É o Filho de Deus: Jesus, o Salvador.

E este Jesus, não é um Filho que Deus teve, como se antes não existisse. É um Filho que Deus nos dá, porque no Pai existe e é gerado eternamente! Desde sempre, outro não é o rosto de Deus, senão o de Pai, que se reflete no Filho. De tal modo, que ninguém é tão e só Pai como Deus é. Porque desde sempre, no amor eterno e paterno de Deus, o Pai gera uma Vida, que é o Filho. E o Filho acolhe uma vida que é o Pai. Desde sempre, Deus diz uma só Palavra: *querido Filho*. E o Filho tem uma só resposta: *Abba,* *Pai querido*. Desde sempre, Deus tem um só amor: o Filho. E o Filho vive de um mesmo amor: o Pai. De tal modo que o Pai eternamente diz: «*Tu és meu Filho: eu hoje te gerei*» (Sal.2,7) e o Filho exclama: «Eis-me aqui, ó Pai, para a fazer a tua vontade» (He.10,7-9). Desde sempre, este Amor de Pai gera o Filho e o Filho é gerado eternamente no seio do Pai.

E agora, chegada a *plenitude dos tempos*, por *graça* deste eterno Amor, o Filho gerado eternamente no seio do Pai, faz-se Carne humana nas entranhas de sua Mãe. Um Menino, criado pelo leite da Mãe. O Filho, alimentado pela Palavra do Pai. «*Jesus é verdadeiramente a realidade nova que supera tudo quanto a humanidade pudesse esperar*» (IM 11). «*Manifestava-se*» assim, no menino frágil, a bondade do *Deus Forte*. «*Manifestava-se*», na história dos homens, o Amor do *Pai Eterno* para com os seus filhos (cf. Tit.3,4-7; Is.9,5). Na verdade, uma só é a força, a chave e o poder da encarnação: «*Deus amou de tal modo o mundo que lhe enviou o seu Filho Único*» (Jo.3,16). Outro não era o desejo de Deus, no Natal do Filho, senão o de revelar o seu amor de Pai, por nós. De tal modo que quem o vê o Filho, vê o Pai (Jo.14,8). Este é o sentido do Natal, desde há dois mil anos. Esta é, por isso, a festa da glória de Deus... que se reflecte em Cristo, «*Filho Único, cheio de graça e de verdade*» (Jo.1,14). Alegrai-vos pois, e acolhei este Amor do Pai no Filho. Porque «*àqueles que O receberam e acreditaram no seu nome, deu-lhes o poder se tornarem filhos de Deus*» (Jo.1,12). Alegrem-se o pai e a mãe. E alegrem-se os filhos. Alegremo-nos todos. Porque o Filho de Deus é gerado no seio do Pai e dele nasce como nós de uma Mãe. E, desde então, somos todos, nesse seio de amor infinito, filhos de um Deus Maior... que podem balbuciar, como o Filho, Menino recém-nascido em Belém: *«Abba, Pai querido»...*

**Homilia no Natal do Senhor 1997 ([[2]](#footnote-2))**

**E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez Homem!**

1. Sei que a frase não soa aos ouvidos, com a ternura sentimental de tantas das melodias desta quadra natalícia. Sei que, dita assim, a novidade não serviria nunca para anúncio de boas-festas, em nenhuma loja ou programa de televisão. Sei que poucos a escolheriam para mensagem no cartão de Natal. E todavia, esta é a novidade mais surpreendente da História. Esta é toda a verdade do Mistério do Natal do Senhor: o Filho de Deus, a Palavra Eterna do Amor do Pai, desceu das alturas “*e encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez Homem”!* Fez-se Menino*. Deus-Menino.* Eis, portanto, a notícia que verdadeiramente

faz o Natal de ontem, de hoje e de sempre.

**E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez Homem!**

2. Urge, então, compreender o mistério do Natal como a «*encarnação*» de Deus no nosso mundo, se queremos salvar a mística humano-divina deste acontecimento, isto é, se queremos manter acordada a fé de um Deus assim: que, se fosse apenas Menino, não podia nunca ser o Salvador. E se fosse apenas Deus, sem ter tocado a carne Humana, tão pouco nos poderia salvar... Na verdade, se a esfera deste mundo caduco que habitamos não foi tocada pela presença humana de Deus, que futuro lhe seria reservado? Se a estatura de barro deste Homem que somos não foi assumida pelo Verbo de Deus, que redenção poderíamos ainda esperar? Em Jesus, Deus veio até nós, carregando às costas o pesado fardo da nossa história e a desgraçada herança da nossa pobre humanidade. Ele veio até nós, vestindo a pele e revestindo a carne frágil deste Homem que somos. Não veio Deus a este mundo para deixar apenas uma mensagem humanista de que nos compreendia e nos pedia para sermos melhores, (outros o fizeram e fazem ainda) nem tão pouco para exprimir votos de condolência pela desgraça que sofremos. Mas veio, Deus feito Homem, solidarizar-se connosco, oferecendo toda a riqueza divina da sua pessoa a esta condição pobre do homem. Já fomos criados à imagem e semelhança d’Ele. Agora, somos recriados pelo sopro da vida divina, que nos é dada de graça e de uma vez para sempre, “*pelo baptismo da regeneração e renovação do Espírito Santo*” (2ª leit.).

**E encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez Homem!**

3. É o Espírito Santo o artífice desta obra admirável da Encarnação. Os relatos dos evangelhos são claros ao referirem a encarnação de Deus, como «obra do Espírito», quer dizer, como o *ápice da doação de Deus ao mundo*, como o máximo inimaginável da expressão amorosa de Deus na nossa história. *O Natal não é, neste sentido, quando um homem quiser.* Não é o Natal que depende de nós. Somos nós, a nossa vida, o nosso futuro que depende do Natal, desse excesso e dessa loucura de Deus, que abraçou e tomou a nossa condição para a libertar e redimir. Desejamos que, neste ano dedicado ao Espírito, o Natal seja acolhido, vivido e celebrado como festa da absoluta gratuidade de Deus. Deus olhou para nós e viu que precisávamos d’Ele. E sem lho pedirmos nem o merecermos, fez-nos a Visita. Entrou no nosso mundo e fez-se Dom num encanto de Menino. “*Um Menino nasceu para nós. Um Filho nos foi dado*” (Is.9,5). Ao nascer, rompeu a noite de todos os medos e fez brilhar a esperança do futuro novo que n’Ele começou. Santo Natal.

**Homilia de Natal – Missa da Meia-Noite 1996**

Inspirada em C. Martini

«Anuncio-vos uma grande alegria para todo o Povo; nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo, Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino recém-nascido deitado numa manjedoura» (Lc.2,10-11).

**1.** Há dois mil anos o acontecimento não foi notícia. Mas a notícia é, para Lucas, um grande acontecimento. Tem data precisa, lugar determinado, pessoas identificadas. Foi por altura do recenseamento de César, quando Quirino era governador da Síria; José subiu a Belém, para se recensear, com Maria, que estava para ser Mãe. «Enquanto ali se encontravam, chegou o dia de ela dar à luz e teve o seu filho primogénito». Hoje a notícia já não será acontecimento. Os pormenores da gruta, do encanto dos pastores, da multidão dos anjos e «do menino deitado na manjedoura», correm o risco de tornar este acontecimento mais uma «história de embalar meninos», uma fantasia de crianças, um sonho de pequenos, um toque de magia, no dobrar de cada ano. Talvez andemos todos esquecidos de que, há dois mil anos, a história da gruta e dos panos, da manjedoura e dos pastores, servia a frio a verdade da nossa indiferença e da nossa recusa, face ao calor da luz divina.

**2.** Sem querer estragar a poesia daquela noite, gostaria de ir convosco mais longe na contemplação do presépio de Belém:

- Olhar para os panos que envolvem o menino e ver neles o sudário do Crucificado, como se ao nascer, Jesus nos dissesse: «Nasci hoje para vós e morrerei por vós»...

- Olhar para a gruta, onde o Menino nasceu e gemeu, «por não haver lugar para eles na hospedaria» e ouvir o grito do Menino que nos parece dizer: «Chamo por ti, estou à tua porta, quero entrar dentro de Ti. E mesmo que Me tenhas recusado tantas vezes, bato mais uma vez e hoje... precisamente hoje, peço-te que Me abras a porta do teu coração».

- Olhar para cima e ouvir os anjos, como quem escuta uma notícia que vem do alto. Uma alegria que a voz humana não poderia nunca conter, contar ou cantar. «Nasceu-vos hoje, na Cidade de David, um Salvador, que é Cristo, Senhor». Esta é a mensagem que se ressoa hoje em todo o mundo e que acolhemos uma vez mais com alegria, com reverência, com submissão e confiança, porque ilumina a nossa noite e derrete o gelo da nossa vida.

- Olhar para a imagem singela do pobre «Menino deitado na manjedoura» não como uma luz de inspiração para poetas e pintores, mas como o único sinal que Deus dará sempre de si mesmo. O nascimento «do Menino» é a nossa salvação, porque nasceu para nós e é o nosso Salvador!

- Olhar, enfim, para a multidão do exército celeste que louvava a Deus dizendo: “Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens por Ele amados”», e entrar neste coro da paz oferecida a todos quantos se deixam amar por Deus...

**3.** Afinal, irmãos, o cenário do presépio não nos permite «fantasiar» ou relegar o Natal de Cristo, para as calendas do passado. Ele torna-se, por apelo eterno, um acontecimento de hoje. Hoje, «nasceu-vos o Salvador». Hoje, Jesus quer nascer no meio de nós, hoje e não há vinte séculos! O menino quer nascer na vida interior de cada homem, na história da nossa cidade e de toda a humanidade, e este (re)nascimento é, por certo e hoje o acontecimento mais importante da nossa vida!

Jesus chama, uma vez mais, à nossa porta e hoje pede-nos que lhe arranjemos um sítio na nossa vida. Chama com todo o seu amor, mas também valendo-se da insatisfação que, tantas vezes, percorre a nossa existência vazia, superficial e contraditória; Jesus também hoje nos chama, através da pena sentida dos nossos pecados. Chama-nos, mediante essa nostalgia que sentimos do Natal, de quando éramos ainda crianças; Jesus chama-nos também pelo nosso desejo fundo de perdão, de limpeza, de transparência, de honestidade; e chama-nos, enfim, através do nosso desejo de sermos melhores, de rezarmos mais, de nos abrirmos a todos os irmãos, de amar a todos os povos...

Se lhe abrimos a porta, Ele se tornará para nós «porta da vida e da salvação». Então seremos homens e mulheres autênticos, capazes de amar, de perdoar e de transmitir também nós aos outros este alegre anúncio de salvação! «Nasceu-vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é Cristo, Senhor!» (Lc.2,11).

**Homilia de Natal – Missa do Galo 1995**

***«Um Menino nasceu para nós. Um Filho nos foi dado»!***

No silêncio da noite, um parto de luz! Ali estava um bebé. E o Messias que se esperava encontrar entre raios e trovões, estava entre panos e reclinado numa manjedoira. Maria e José olhavam para ele e nada entendiam. Era aquilo, - aquele bebé de carne branda - o que anjo anunciara e que o Povo havia esperado durante séculos? Rilke dirige-se num belíssimo poema a esta Virgem da Noite de Natal e pergunta-lhe: *Tinha-l’O imaginado maior? Mas o que é ser grande? Através de todas as medidas que Ele percorre, vai a magnitude do seu destino...* A imensidade de ser Deus. *Sim, o Deus que ecoa nas nuvens faz-se benigno e, em ti, vem ao mundo!*

Mas eles não O entendiam. Adoravam-n’O mas não O entendiam. Era Aquele bebé o enviado para salvar o mundo? Deus era Omnipotente «o Deus forte» e o Menino só fragilidade! O Filho esperado era a Palavra, aquele Bebé não sabia falar! O Messias prometido era o Caminho, mas este não sabia andar. O Messias viria como «Conselheiro admirável», mas esta criatura, nem sequer sabia encontrar o peito da mãe. Ele ia ser a Vida, mas morreria se a Mãe não O alimentasse. Era a Luz das Nações mas tiritava de frio...

Como podiam entendê-l’O? Maria olhava para Ele, como se o segredo estivesse escondido debaixo da pele. Mas debaixo da pele nem uma palavra de explicação. Havia só uma Carne mais débil que a pele, e, atrás dos olhos só havia lágrimas, as pequeninas lágrimas de recém-nascido. Se Deus queria descer ao mundo, porque ousava entrar por esta porta estreita da pobreza? Se vinha salvar a todos, porque nascia nesta imensa solidão? Afinal nem anjos, nem luzes, nenhum milagre espetacular acompanhara o prodígio daquela noite de silêncio e mistério! Apenas um sinal*: envolto em panos e reclinado numa manjedoura, um Menino!* Assustam-nos a gruta e o estábulo? Mas que é isto frente ao outro *salto* da infinitude ao tempo, da plenitude de Deus à mortalidade do Homem? Sim, porque era homem, homem verdadeiro! Um bebé! Um Menino! Um Menino que ria e chorava, mas que era Deus, a plenitude de Deus. O mundo que esperava dos seus lábios a revelação recebeu como primeira palavra um sorriso e o estalido de uma bolha em seus lábios rosados! Esta era na Verdade, a sua grande Palavra!

Sim. Um Menino Deus! Para escândalo de inteligentes e gáudio dos simples! Era Deus, o «nosso Deus», o «Deus connosco», o «Deus para nós»! Era sobretudo o único Deus a quem os homens podiam amar. *Ninguém pode amar uma coisa que não possa abarcar com os seus braços!* (Fulton Sheen). Era Deus em pessoa, um Deus acessível, tocável! O único que nos humilhava com a sua grandeza, mas que nos fazia grandes com a sua pequenez. *Se Deus se fez Homem, ser Homem é a maior coisa que se pode ser*. (Ortega e Gasset)

Desde o Silêncio daquela noite em que a Palavra se fez Carne humana é possível proclamar que *a glória de Deus é o Homem vivo e que a Vida do Homem é a contemplação de Deus.* (Sto. Ireneu) Do Deus Menino! “Vinde, adoremos”!

**Homilia de Natal – Missa do Dia 1995**

**(a partir dos textos da Missa do Galo)**

***«Um Menino nasceu para nós. Um Filho nos foi dado»!***

No silêncio da noite, um parto de luz! Na gruta de Belém, uma Virgem deu *à luz o seu Filho primogénito e envolveu-O em panos e reclinou-O numa manjedoura*! Ali estava um bebé. E o Messias que se esperava encontrar entre raios e trovões, estava entre panos e reclinado numa manjedoira. Maria e José olhavam para ele e nada entendiam. Era aquilo, - aquele bebé de carne branda - o que anjo anunciara e que o Povo havia esperado durante séculos? Rilke dirige-se num belíssimo poema a esta Virgem da Noite de Natal e pergunta-lhe: *Tinha-l’O imaginado maior? Mas o que é ser grande? Através de todas as medidas que Ele percorre, vai a magnitude do seu destino.* A imensidade de ser Deus. *Sim, o Deus que ecoa nas nuvens faz-se benigno e, em ti, vem ao mundo!*

Mas eles não o entendiam. Adoravam-n’O mas não O entendiam. Era Aquele bebé o enviado para salvar o mundo? Deus era Omnipotente «o Deus forte» e o Menino só fragilidade! O Filho esperado era a Palavra, aquele Bebé não sabia falar! O Messias prometido era o Caminho, mas este não sabia andar. O Messias viria como «Conselheiro admirável», mas esta criatura nem sequer sabia encontrar o peito da mãe. Ele ia ser a Vida, mas morreria se a Mãe não O alimentasse. Era a Luz das Nações mas tiritava de frio...

Como podiam entendê-l’O? Maria olhava para Ele, como se o segredo estivesse escondido debaixo da pele. Mas debaixo da pele nem uma palavra de explicação. Havia só uma Carne mais débil que a pele, e, atrás dos olhos só havia lágrimas, as pequeninas lágrimas de recém-nascido. Se Deus queria descer ao mundo, porque ousava entrar por esta porta estreita da pobreza? Se vinha salvar a todos, porque nascia nesta imensa solidão? Afinal nem anjos, nem luzes, nenhum milagre espetacular acompanhara o prodígio daquela noite de silêncio e mistério! Apenas um sinal: *envolto em panos e reclinado numa manjedoura, um Menino!* Um Menino que ria e chorava, que era Deus, a plenitude de Deus. O mundo que esperava dos seus lábios a revelação recebeu como primeira palavra um sorriso e o estalido de uma bolha em seus lábios rosados! Esta era na Verdade, a sua grande Palavra!

Sim. Um Menino Deus! Para escândalo de inteligentes e gáudio dos simples! Era Deus, o «Deus connosco», o «Deus para nós»! Era Deus em pessoa, um Deus acessível, tocável!

Todavia, se Jesus fosse somente um Homem, mesmo que tivesse sido o maior e o mais puro dos filhos de Homem, ele não nos teria salvado, não nos teria dado a Vida que vem do alto e que é destinada a não ter fim. Somente no caso de se ter realizado n’Ele o inaudito encontro da terra e do céu, é que é dada resposta à necessidade universal da salvação e nos é restituída a dignidade de homens novos, a graça de sermos n’Ele filhos de Deus.

Hoje, que a Palavra se fez Carne humana, podemos proclamar que *a glória de Deus é o Homem vivo e que a Vida do Homem é a contemplação de Deus.* (Sto. Ireneu) Do Deus Menino! “Vinde, adoremos”!

**Homilia na Noite de Natal – 1994**

«**Não temais! Anuncio-vos uma grande alegria para todo o Povo:**

**nasceu-vos hoje, um Salvador, que é Cristo, Senhor**»!

«*Não temais*»! Não vos tomeis de susto, mas de espanto! Não vos perturbeis, mas deixai-vos maravilhar! Não vos escondais, mas voltai-vos para a Luz! «Nasceu-vos hoje um Salvador»! «*Não temais*»! Deixai-vos antes inebriar pela alegria do Dom. «*Um Menino nasceu para nós, um Filho nos foi dado*». Saboreai o gozo supremo da mais inaudita surpresa. Numa manjedoira, envolto em panos, em Belém, a Casa do Pão, há um Menino. É Cristo, o Senhor, é o Salvador do Homem. A notícia ecoa, por isso, lá do alto, e ressoa no mais profundo do coração dos humildes. É a boa nova de salvação. Na frágil humanidade, Deus dignou-se manifestar o seu Amor. Na carne sempre débil, o nosso Deus quis habitar-nos. Ele não se envergonhou de nós. Não nos deixou entregues à nossa perdição. Na humildade do Presépio Deus fez-se Menino. Na sua manifestação de Amor, Deus nem podia ter ido mais longe. Fez-se um de nós, um connosco, um para nós! E, no Menino, despido de todas as coisas, o mundo contemplou o rosto de um Deus à mercê dos Homens. É o rosto de um Deus feito homem como nós, afeito aos nossos limites de espaço e tempo, de calor e frio, de fome e satisfação, de alegria e de choro. Mas é o rosto de um homem que é Deus, o rosto de uma humanidade divinizada, de um homem «próximo» que vem de longe, partiu do Eterno e abraçou a nossa história, tocou a nossa carne. É um homem tão homem, tão pleno de humanidade, que só podia ser Deus. É um Deus tão Deus, tão rico de amor, que para salvar o Homem só podia ser Homem...

Se ali estivesse apenas o homem, estaria ainda e tão só o rosto da nossa indigência. Seria ainda um sinal e uma esperança para o Homem, mas não uma presença de Graça nem uma plenitude de salvação. É o homem. Sim. É verdadeiramente homem. Mas verdadeiramente Deus. Por isso ele detém em si todo o mundo íntimo da divindade, todo o mistério da Trindade, todo o mistério do tempo e da Eternidade. É verdadeiramente homem. N’Ele o divino não se confunde com o humano. Permanece algo de essencialmente divino. Mas Cristo, ao mesmo tempo é tão humano! Graças a isso, todo o mundo dos homens, cada um de nós, encontra n’Ele a sua expressão diante de Deus. Quer dizer, ali está um Deus que se compraz no Homem, que se manifesta na Carne e dá plenitude de vida e amor à nossa humanidade. Mas também ali está um Homem que é Deus, um homem que tocando a nossa humana condição, a introduz na plenitude da vida divina! E por isso está o homem diante de Deus. Não diante de um Deus longínquo, inacessível, mas de um Deus que está n’Ele: mais ainda, que é Ele próprio.

Não temais. Que diante do presépio, o «excesso» do Mistério que se faz Luz, nos liberte do medo e nos encha de alegria. Deus viu a nossa dignidade tão ferida pela fragilidade que a preencheu da sua plenitude.

No Menino estamos em Deus. E Deus está em nós! «Ele é a Luz verdadeira, que vindo a este mundo ilumina todo o Homem»! Vinde, adoremos!

**Homilia no Dia de Natal 1994**

«*Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que traz a boa nova, que proclama a salvação*»! (Is.52,7)

Como são muitas e belas as palavras que dizemos, as mensagens que escrevemos, os votos que anunciamos!

Como são de paz e esperança as vozes que levantamos no coração do mundo em ruínas!

Como as palavras e os gestos raros puderam quebrar o silêncio deste Inverno!

São de muitas palavras os dias que vivemos! Ficam os desejos e sobra a esperança.

Inventamos a alegria e estamos em festa.

Afinal, só Deus nos parece calado e distante, proibido ou esquecido de falar, no ruido da Cidade, ou mudo e quieto na sua paciência.

Só Deus parece preferir neste Natal o silêncio aos gritos, os gestos às palavras. Mas Deus não se queda na sua eternidade nem é mudo no seu silêncio.

Do eterno silêncio de Deus, brotou a Palavra criadora do seu Amor, a palavra de esperança dos profetas, e por último, o esplendor da sua glória, Jesus Cristo, seu Filho. «*Muitas vezes e de muitos modos Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias que são os últimos falou-nos por seu Filho*»! (Heb.1,1-6)

É Ele que tem a Palavra! É Ele a Palavra! Esse de quem fizemos quase e tão só um «Menino de Presépio», uma «graça para crianças», Esse que nos é dado ver, tocar e sentir na humana fragilidade de um bebé acabado de nascer, esse é o Filho de Deus.

Ele próprio é a Boa Nova da parte de Deus. Por Ele, o Amor se fez Palavra e n’Ele a Palavra se fez Carne. Do Eterno silêncio de Deus, brotou a Palavra do Amor. Fez-se Menino e fez-se Homem. Na sua manifestação de Amor, Deus nem podia ter ido mais longe. Fez-se um de nós, um connosco, um para nós! E, no Menino, despido de todas as coisas, o mundo contemplou o rosto de um Deus à mercê dos Homens.

Mas é o rosto de um homem que é Deus, o rosto de uma humanidade divinizada, de um homem tão «próximo» que vem de longe, que saiu do Eterno e abraçou a nossa história, tocou a nossa carne. «*E o Verbo se fez Carne e habitou entre nós*»! É um homem tão homem, tão pleno de humanidade, que só podia ser Deus. É um Deus tão Deus, tão rico de amor, tão pleno de Vida, tão cheio de graça, que só podia ser Homem como o Homem e Deus para salvar o Homem.

Ele é verdadeiramente Deus. «*Pois n’Ele estava a Vida e a Vida era a Luz dos Homens*». Por isso o Menino de Belém detém em si todo o mundo íntimo da divindade, todo o mistério da Trindade, todo o mistério do tempo e da Eternidade. Deus revelou-se ao homem no que tem de mais divino, no que é a sua Vida íntima; revelou-se no seu próprio mistério.

Mas revelou-se na nossa humanidade. «*Fez-se Carne*». Graças a isso todo o mundo dos homens, toda a história da humanidade encontra n’Ele a sua expressão diante de Deus! Quer dizer, no Presépio, está um Deus que se compraz no Homem. Ali está também um Homem que é Deus. Tocando a nossa humana condição, Deus revelou-nos o mistério do Homem, pôs a descoberto a nossa verdade mais profunda. Eis o homem diante de Deus.

É esta a espantosa maravilha de um Deus que fala e se revela na Encarnação do Filho de Deus. Deus não olhou ao facto de tal revelação o ir de certo modo ofuscar aos olhos do Homem, porque o homem não é capaz de suportar o excesso do mistério: o homem não quer ser invadido e subjugado. Por isso muitos o recusaram. O Homem nunca poderia imaginar um Deus assim. Queria-o o ver, e protestou pelo silêncio de Deus. Mas quando Deus fala na medida do Homem, o Homem recusa-o porque o queria-o «como Deus», sem um rosto tão verdadeiramente humano. «*Veio ao que era seu e os seus não o receberam*». Viram os olhos da Carne. Não contemplaram o Verbo de Deus.

Que diante do presépio, o «excesso» do Mistério que se faz Luz, nos liberte do medo da nossa fragilidade e nos encha de alegria pela nossa grandeza. A todos ilumine na Verdade. Deus viu a nossa frágil humanidade tão ferida que a preencheu da sua plenitude. Que da sua plenitude todos recebamos graça sobre graça!

**Homilia de Natal 1993**

**Missa do Dia de Natal (19h00)**

**Na Missa do Galo e das 19h00**

**“O Povo que andava nas trevas, viu uma grande Luz”!** Nesta noite fria e densa, viemos em busca de uma Luz, como peregrinos cercados de nevoeiro. Mergulhados na incerteza e atraídos pela esperança fixamos o olhar sobre a Luz. Com dificuldade, pois não faltam aqui, acolá e além sinais de uma noite que parece interminável. As trevas parecem querer dominar o mundo sob signo da injustiça, da violência, da desesperança, da angústia e do desnorte. À nossa volta e dentro de nós o medo, a angústia e a incerteza tentam submergir na escuridão.

**\*\*\*\* Na Missa do dia de Natal \*\*\*\***

Em busca da Luz, viemos até ao Presépio de Belém contemplar a maravilha de um Deus feito Menino. Viemos para colocar a nossa humanidade sob o olhar de Deus e descortinar na pequenez do menino a grandeza de cada Homem. Deus fez-se Carne. O Eterno assumiu o nosso tempo e a divindade abraçou a nossa fragilidade humana. Doravante o homem peregrino, cercado pela noite do medo e pelo nevoeiro da incerteza, tem diante de si a Luz do Mundo, à sua medida, para caminhar na esperança e na alegria, para se libertar da escuridão em que se via mergulhado.

**\*\*\*\* Em ambas \*\*\*\***

Encheu-se, hoje, de Luz o nosso Templo, como sinal d’Aquela Luz que preenche de vida e de ternura, de claridade e de esperança o coração e a história de cada um de nós. Essa Luz, é Cristo. Esse sim, que vindo a este mundo, ilumina todo o Homem. Deus quis fazer connosco o caminho, revestir-se da nossa humanidade. No Menino de Belém contemplamos a verdade da nossa Humanidade, põe-se a descoberto o lado bom, terno e meigo e belo que há no mais profundo de cada um. Só à Luz deste Deus feito Menino nós podemos avaliar o mistério da imensa dignidade com que a nossa Humanidade se revestiu.

A nossa cultura e o nosso tempo ainda não perderam este sentido humano do Natal. Nestes dias, uma **“onda de humanidades”** varre os nossos comportamentos e desperta novas atitudes. Explode de ternura o nosso mundo, abrem-se caminhos de solidariedade, rasgam-se novos motivos de alegria e de esperança. Porquê? Porquê... o Natal, mesmo para os mais indiferentes, afina a sensibilidade humana e desencadeia este sentido de partilha, do afeto, da família e do amor? Porque uma Luz brilha no Alto e o fascínio desta Luz toca a todos. O Natal é um acontecimento de Luz que põe a descoberto a nossa verdade mais profunda. Se Deus se fez homem no Filho Jesus, deu a cada Homem uma dignidade ímpar e fez de todos os Homens seus filhos e por isso irmãos. Olhando o presépio, o homem vê que a sua humanidade tem a medida de Deus. E a medida de Deus no homem é a do amor, da doação, da partilha, da solidariedade, da ternura e da paixão por cada Homem. É esta a verdade mais profunda que se descobre ao abrigo de um tão grande clarão de Luz. Jesus Cristo. Que esta “onda de humanidade” ultrapasse a época natalícia e germine no coração de todos os filhos de Deus em atitudes novas. Que este dia e este tempo de plenitude animem a construção de uma humanidade diferente. Que a intensidade desta Luz nos faça ver quanto falta ainda a cada homem para ser Homem.

Muito desejaria que neste Natal se apagassem as luzes que encandeiam e cegam. E se erguesse então, como Astro da manhã, no Alto da vida de cada um, a verdadeira Luz do Mundo que é Cristo. **Guiados por esta Luz, se multiplique em nós a alegria e aumente o nosso contentamento.** É Natal! Deus aí está vestido de humanidade. Eis o homem inebriado de Deus. Alegrai-Vos! Nesta noite a Luz venceu as trevas! Aleluia. Porque um menino nasceu para nós, um Filho nos foi dado! Vinde, adoremos!

**Missa do Galo – Noite de Natal 1992**

1. “Venho trazer-vos uma Boa-Nova, que será de grande alegria para todo o Povo: nasceu-Vos hoje, na cidade de David, um Salvador, que é o Messias, Senhor”! Que maravilha, neste mundo cansado da tragédia e do fracasso, ouvir-se hoje, da parte de Deus, a notícia jubilosa do nascimento do Salvador! Que alegria, para esta humanidade, já tão perto do desespero e do sem-sentido, poder acolher a boa-nova da salvação, que eternamente se realiza, no “*hoje*” de cada instante, cada vez que a humanidade se abre à contemplação de tão grande mistério!

Faz-nos bem ouvir boas notícias! Sobretudo quando elas nos dão uma certeza e uma esperança. A certeza de que Deus está tão próximo do Homem que quis ser humano. A esperança de que o Homem, em Jesus Cristo, participa da Vida de Deus.

Esta é afinal a grande notícia. Talvez não tenha honras de primeira página, nesta Terra de letrados e bons pensadores. Mas ressoa no coração dos pobres e dos humildes como a maior novidade de sempre na história da nossa humanidade. Deus, tão perto do Homem, apaixonou-se pelo Homem, quis ser como Ele e com Ele, assumir as suas dores e alegrias, as suas angústias e esperanças, ao deixar-se fazer um de nós, na humildade provocante do presépio de Belém. E o homem, cada Homem, mesmo sepultado na sua miséria ou prisioneiro da sua pobreza, é templo de Deus, espelho do Menino pobre, predileto de Deus, amado por Ele, procurado em primeiro lugar como objeto do seu amor imenso! Por isso este dia é de alegria! “Não fica bem dar lugar à tristeza no dia em que nasce a Vida.

Ninguém é excluído da participação deste gozo; é comum a todos a mesma razão para a alegria, porque Nosso Senhor, como a ninguém encontrou isento de culpa, assim a todos veio libertar. Exulte o santo porque está perto da palma; goze o pecador, que é convidado ao perdão; anime-se o gentio, pois é chamado para a Vida”! (S. Leão Magno).Deus tem Natal para todos!

**2. “Manifestou-se a graça de Deus que traz a salvação para todos os Homens”!**

Caríssimos amigos: o Natal é este acontecimento de graça, de encontro de Deus com o Homem, do Homem com Deus. Mistério de Comunhão em que Deus nos dá o que é d’Ele e recebe o que é nosso, e assim nos une a si e entre nós, num amor ímpar e indissolúvel, que jamais alguém podia conceber!

O Senhor Jesus não se envergonhou de nós! Quer-nos, como a mais ninguém, e a ninguém exclui do seu Amor. Todos os homens, perto ou longe de Deus, próximos ou afastados da Igreja, foram tocados pela vida de Deus, desde a encarnação de Jesus, e por isso, foram salvos no seu Amor. Todos, sem exceção! Todos! Porque o mesmo Deus que tudo criou, nos salvou, ao vestir a nossa pele, ao carregar a nossa condição e ao elevá-la à dignidade divina, que O fez abraçar a nossa humanidade.

Gostaria, por isso nesta Noite, a primeira noite convosco, como pároco, abrir o mistério do amor de Deus a todos os homens de boa vontade e a todos anunciar esta predileção louca de Deus por cada um de nós. Loucura tal que fez descerrar nas trevas do mundo o brilho e a glória da Luz que vem do Alto.

**Hoje é Natal!** Hoje. Hoje mesmo! Não celebramos, à maneira de recordação, um acontecimento do passado, que ocorreu uma vez e passou; é algo presente que é, ao mesmo tempo, começo de um futuro eterno que de nós se avizinha! (K. Rahner)

**Graças ao Natal** temos acesso ao mistério desse gigantesco salto de Deus no seio da Humanidade. No rosto visível do Menino, que nos foi confiado como DOM, espelha-se o amor de Deus por cada um de nós: Num gesto de arrojo divino, o Filho de Deus fez-se homem e nós podemos ver um Homem que é Deus. E um Deus tão solidário com o Homem. E isso é Natal!

3. Que ninguém se julgue excluído desta Boa Nova e a ninguém falte a alegria. Talvez, os mais pobres e carecidos, talvez esses estejam mais perto da humildade do presépio do que alguns de nós, demasiado grandes para contemplar o mistério da pobreza de Deus que nos enriqueceu ao fazer-se um de nós. Alegrai-Vos! Nesta Noite a Luz venceu as trevas! Aleluia! Vinde, adoremos! Nasceu o nosso Salvador: Cristo, Senhor!

**Homilia no Dia de Natal 1992**

1. “No princípio era o Verbo, o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus... E o Verbo fez-se Carne e habitou no meio de nós. E nós vimos a sua glória, glória que lhe vem do Pai, como Filho Único, cheio de graça e Verdade”!

Caríssimos: Deus é Palavra! Deus não é mudo, indiferente à nossa história, alheio ao nosso mundo. Deus é Palavra! Quer dizer, Deus fala, Deus comunica-se; Deus é, em si mesmo, diálogo de amizade, de amor, de salvação. Deus - Palavra fez-se Carne. Do silêncio eterno fez-se ouvir a Palavra, apesar das palavras e dos sinais, pelos quais Deus nos fora falando. Deus fez-se Carne. O Eterno assumiu o nosso tempo e a Divindade abraçou a nossa fragilidade humana. Deus, Palavra eterna, fez-se Homem, para que compreendêssemos a sua linguagem, e o mistério da nossa pequenez mergulhasse na grandeza eterna do amor divino.

No princípio da Criação, a Palavra de Deus tudo criou e dispôs em harmonia. A Palavra Criadora de Deus continuou na História. Deus falou a Abraão e Moisés. Falou pelos profetas. Foram apenas balbucios que prepararam o “acampamento” da Palavra de Deus no coração da nossa Humanidade. Na plenitude dos tempos, quando a história estava amadurecida, segundo os desígnios de Deus, Deus falou-nos por seu Filho. Ele é Palavra de Deus! Só Cristo é a Palavra! Em Cristo, Deus falou definitiva e plenamente ao Homem. N’Ele e por Ele, Deus disse tudo o que tinha a dizer de si mesmo. Cristo é a Palavra do Pai, o eco nascido do silêncio eterno para acordar na esperança os homens adormecidos na dor. Cristo, o homem-menino de Belém, veio do seio do Pai, brotou do seu amor eterno e ofereceu ao mundo o rosto do nosso Deus. O Verbo habitou no meio de nós! Literalmente, o evangelista diz que o Verbo “armou a sua tenda”, “estabeleceu a sua morada” no meio dos Homens.

2. Direis talvez ser difícil esta homilia. Mas quem há de falar-Vos do Filho e do Pai, quem há de falar-Vos do mistério imenso, do encontro da humanidade com Deus e da divindade connosco senão eu? Afinal, dão-nos um natal infantil, como festa dos pequenos, como mercado a explorar! E como é maior o “comércio admirável” que se realiza nesta encarnação de Deus, que veste a pele da nossa fragilidade e assume a pequenez da nossa condição? Em Cristo, algo de Deus passa para o Homem e algo do Homem entra na esfera de Deus. A nossa humanidade, tão marcada pelo pecado, vê-se agraciada pelo dom de Deus, recriada pelo seu amor. O Verbo assumiu o que era nosso. E nós fomos elevados à dignidade divina. Ele dá-nos o que é d’Ele e recebe o que é nosso! Tudo nos foi dado, de graça! Sem preço! A Luz brilhou nas trevas. Esta Luz era a Vida, a Vida plena, por que o homem tanto ansiava. Veio ao que era seu e os seus não receberam esta Luz!

Na verdade, só a fé podia descortinar nas palhinhas humildes do presépio a grandeza do nosso Deus! Os que nasceram de Deus, esses acreditaram! Acreditaram que a Paixão de Deus é o Homem e o Homem Vivo! E que, por esta Vida, Deus desceu até nós. E S. João desabafa: “E os seus não o receberam”! É o drama da Encarnação! A recusa de um homem livre colocado diante da Luz. Nela descobre o seu pecado mas também a graça! À luz desta Luz alguns combateram pelas trevas ao descobrirem a sua pequenez. Mas à luz desta Luz, também muitos perceberam o mistério da graça e se abriram ao calor e ao clarão de tão intensa Luz. No presépio de Belém a dignidade do Homem, de cada homem, brilha como nunca, pois Deus abraçou e redimiu e elevou a nossa pobre condição!

3. Tempo de Natal! Natal de novo! Para abrirmos os olhos e ficarmos espantados com a maravilha ímpar que o Senhor nos oferece contemplar: todos os confins da Terra viram no presépio de Belém a salvação do nosso Deus! Para todos os Homens! E os que vivem na mais extrema pobreza compreenderão melhor a alegria de esperar tudo de Deus. Eles, melhor do que nós, estarão mais próximos da pobreza do nosso Deus! Ir ao seu encontro é celebrar, com eles a solidariedade de Deus connosco, em Jesus!

Que a Boa Nova do Natal a todos recrie na esperança e na alegria. Deus tem Natal para todos. Aleluia! Nasceu o Senhor!

**OUTRAS**

**HOMILIAS**

**DE NATAL**

**+ CARLO MARIA MARTINIHomilia para a Missa do Galo**

Cardeal Martini

**Contemplemos o presépio: Jesus está no centro**

A passagem do Evangelho de São Lucas que se lê nesta noite de Natal é um convite à contemplação do presépio, com o relato do nascimento de Jesus. Mas este relato surpreende-nos. Pois Jesus não aparece nem uma só vez na primeira pessoa; não se fala d’Ele, como costuma fazer-se quando se trata de um menino, dizendo-se que é muito bonito, ou simpático, ou que tem muita graça, ou que chora, ou que nasceu muito pobre. Não se faz nenhum elogio d’Ele.

Todavia é Jesus o grande protagonista do relato, é d’Ele que falará todo o evangelho e precisamente a partir desta passagem. Qualquer outro autor ter-nos-ia apresentado um protagonista descrevendo-o, desde todos os pontos de vista, obrigando-nos a imaginá-lo. Mas o evangelho não o faz. O evangelho fala-nos de outros.

Na primeira parte fornece-nos alguns dados sobre José, Maria e sua viagem; na segunda, fala-se dos pastores, de como, à meia-noite estavam guardando o rebanho, e o que lhes sucede. E no meio destas duas cenas está Jesus. Jesus, um Menino, está no meio de tudo o que se move à sua volta; ninguém O ouve, quase ninguém se dá conta que está ali, mas está lá, de verdade. É o núcleo do mistério de Jesus e Maria, a pedra-chave do que se passa com os pastores, é Ele o centro de tudo.

Jesus, esse Menino, é o coração de tudo quanto sucede nessa noite de sonho, e é Ele que lhe dá sentido. Tudo está ali, junto d’Ele, tudo vem d’Ele, tudo se dirige para Ele.

Também nós vemos e fazemos presépios nestes dias, sobretudo os mais pequeninos; presépios com muitas ou poucas figuras, simples ou elegantes, inclusive alguns até bem artísticos. Mas quando vemos o presépio, observamos que tudo gira à volta de Jesus, que todas as figuras que o formam, ou vêm d’Ele ou se dirigem para Ele, ou giram à volta dele e é Ele que lhes dá sentido.

Jesus é, pois, o centro da representação; está ali silencioso; ninguém O descreve, nem O louva, nem O admira, mas é Ele quem dá sentido a tudo o resto. José vai a Belém, onde o menino irá nascer; Maria protagoniza o facto admirável de O dar à luz, e logo O envolve em panos e O coloca na manjedoura; os pastores são iluminados em plena noite e dirigem-se para o Presépio, para envolver Jesus com a sua ternura.

Jesus cala; não diz uma palavra, não se move; mas todos os que O rodeiam se movem e não param de falar d’Ele. Sucede já agora o que sucederá depois da ressurreição, quando se refere que «Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: “A Paz esteja convosco”» (Jo. 20,9).

Jesus ao nascer, pôs-se no meio de tudo o que nos acontece, no meio da nossa vida, de todos os movimentos de todas as pessoas, mesmo daquelas que se movem por Ele e para Ele, sem o saberem. A todos Ele diz: «A Paz esteja convosco».

**Jesus está no meio de nós**

Nestes dias, veem-se muitos presépios, que procuram refletir o que se passa no nosso mundo e que, por conseguinte, representam a guerra, a fome, o sofrimento, a solidão, o trabalho humano. Mas todos os presépios que fazemos têm como centro Jesus, porque não se pode pôr de lado o Filho de Deus, longe de nós, mas sim em cada bocado da nossa existência.

Este é o anúncio que o Natal intenta relançar: «Jesus está aqui, no meio de nós, nesta Eucaristia que estamos a celebrar, no meio da nossa cidade, cujo centro somos e fazemos, e por isso, nesta Eucaristia estão presentes todos os habitantes da cidade, porque Jesus está no meio deles.

O Menino Jesus, que poderia parecer algo de insignificante entre os grandes sucessos do mundo, é o sinal inconfundível de que com Ele e n’Ele, tudo o que é pequeno, débil, pobre, exilado, recusado, ou marginalizado, é o que realmente importa, o que ocupa o centro.

**Uma imagem nova de vida**

Desde o princípio, no Presépio, Jesus atrai todo o mundo para si, para a sua simplicidade e pobreza, com uma atracão que acabará na cruz, e que se concluirá na humildade da Eucaristia, a partir da qual continua a atrair para si toda a humanidade.

Todos nós somos, pois, enquanto vivemos, como que personagens do Presépio ideal, que represente todo o mundo, em cujo centro está Jesus. Personagens, que estão ali, à volta do Senhor, para o honrar, sendo seus companheiros vivos, responsáveis e ativos, à semelhança de Maria e de José, que O adoram, O envolvem em panos, O alimentam com amor, à semelhança dos pastores que se apressaram a saudá-lo.

Estamos e queremos estar entre essa multidão de pessoas de boa vontade, que se dirigem para o Presépio e que reconhecem que Jesus é a personagem principal. Queremos e devemos ser protagonistas deste ato evangélico de nos tornar próximos, e para isso, como Jesus, escolhemos tudo o que é débil, ou frágil, ou pobre.

Ao meditar sobre o Presépio e sobre a nossa vida, como prolongamento deste nascimento, vemos que não são precisas grandes coisas, nem grandes acontecimentos, para estarmos felizes. Basta-nos partilhar da alegria de Maria e de José, da alegria dos pastores, que pode ser também a nossa, desde o momento, em que, em todos os bocadinhos da nossa vida, se esconde a presença misteriosa de Jesus, que nos chama a prestar cada vez mais **atenção à vida de cada dia**, uma atenção que substitua todas as preocupações e ansiedades que nos causam tantas coisas inúteis e passageiras. Que descubramos aqui e agora a alegria, o trabalho, a missão que Jesus nos confia, em sua pequenez e pobreza, vindo viver entre os nossos braços e no nosso coração.

Este é o Natal que desejo a cada um de vós, que representais na grande família do Presépio, que desejo a todos os cristãos e homens de boa vontade da nossa paróquia. Um Natal em Paz, em que a contemplação do Menino Jesus abra os corações dos homens e nos ensine a todos, a perceber em cada instante da nossa vida, a presença deste Senhor Jesus que a enche com a sua luz e a sua verdade.

**Homilia para a Missa da Noite**

Cardeal Martini

Natal significa nascimento. Dia de nascimento ou comemoração do nascimento. “Nascimento” de quem? Quando dizemos Natal, sem mais, sem nenhum apelativo, todos sabemos muito bem que nos referimos ao nascimento de Jesus, àquele nascimento, que nós reconhecemos como o princípio de todo o nosso nascimento para a vida verdadeira, para vida de Deus. No nascimento de Jesus todos temos a esperança, a prenda, a promessa, a graça de uma vida nova. Assim, pois, a Igreja celebra todos os anos o Natal – desde há 2002 anos – e recorda sempre duas coisas: **o acontecimento histórico do nascimento de Jesus**, e o **seu significado**, os bens e os dons que com Ele recebemos.

A segunda leitura, uma passagem da carta de São Paulo a Tito, faz uma menção especial destes dons. Aludindo ao que significa a vinda de Jesus ao mundo, escreve São Paulo: «*Manifestou-se a graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens, ensinando-nos a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, para vivermos, no tempo presente, com temperança, justiça e piedade*» (Cf. Tito 2,11-14; Missa da Noite).

**1. Manifestou-se a graça de Deus!**

O presépio, o nascimento de Jesus, dá-nos antes de mais lições inesgotáveis acerca do verdadeiro Deus, diria mesmo, que lições inéditas. Porque é-nos fácil imaginar Deus como alguém grande, imenso, infinito, omnipotente, de quem esperamos sempre todos os bens. Mas, a verdade é que, antes de Jesus vir ao mundo, o homem já conhecia estes atributos de Deus. Surpreendentemente, Jesus ensina-nos mais: que Deus não só é grande, longínquo, imenso, eterno, mas também que Ele se uniu ao homem; que Deus não se limita a dar-nos tudo, mas que partilha também connosco as necessidades e sofrimentos do homem, a solidão, o exílio, o fracasso, as dores, a pobreza. De Jesus Menino aprendemos, pois, que Deus é também, e misteriosamente, pequenez: faz-se pequeno, é simpatia, tem compaixão, é solidário connosco, em todas as nossas debilidades.

O Menino diz-nos que se Deus é grandioso, potente, extraordinário, também tem algo, que não sabemos explicar, e a que chamaríamos de “humildade”; este estar disposto a aceitar o último sítio, concretamente o presépio dos animais onde ninguém se quereria nascido. Esta humildade radical de Jesus no presépio revela-nos aspetos desconhecidos de Deus: a sua disposição em encarnar-se no pobre, a dar-se a nós, sem reservas.

Aludi somente a algumas das inesgotáveis lições sobre Deus que nos dá o Menino Jesus, até porque n’Ele «*se escondem todos os tesouros da sabedoria e da ciência*».

**Jesus, revelador do Pai**

Desde o instante em que Cristo nasce, o evangelho começa a apresentar-nos a sua figura humana, para que a levemos na nossa recordação, no nosso pensamento, na nossa memória, na nossa imaginação, e também para que, ao contemplá-l’O a Ele, Jesus o Senhor, conheçamos o Incognoscível, vejamos o Invisível, imaginemos o Inimaginável. Procurar outro conhecimento de Deus à margem deste da “carne de Jesus” feito homem, é o mesmo que fantasiar perigosamente, e assim cair na idolatria; é inclusive algo como que reconhecer um Deus que é falso e conhecer um Deus que não nos leva à verdade do Deus de Jesus.

**O BOI E O BURRO**

Quando José e Maria se dirigiam para Belém, um anjo convocou todos os animais da terra, para decidir quais deles assistiriam ao nascimento do Menino Jesus e estariam no Presépio, ao lado da Manjedoura, que Lhe serviria de berço.

Todos os animais estavam verdadeiramente emocionados e não havia um que não quisesse ter o privilégio de fazer parte do Presépio de Belém.

Em primeiro lugar, rugiu **o leão**:

“Eu sou o rei de todos os animais. É mais que justo que me seja permitido em primeiro lugar a mim, a estar ali. Defenderei o Menino e farei em pedaços, quem quer que Lhe tente fazer mal”.

O Anjo encolheu-se e disse:

“Demasiado violento”.

Então apresentou-se **a raposa**:

“Eu vigiarei o Menino e não deixarei que lhe falte boa comida, todos os dias.

Se for preciso, roubarei uma galinha todos os dias, para alimentar a sua família”.

O Anjo olhou com dureza para a raposa e disse:

“Não quero um ladrão”.

O **pavão real** adiantou-se, vaidoso, e disse:

“Abrirei minhas asas e decorarei o Presépio, com um estilo verdadeiramente adequado a um rei. A beleza do meu leque será maior do que a do Templo de Salomão”.

O Anjo suspirou e disse:

“Demasiado orgulhoso”.

Um após outro, os animais apresentaram as razões que lhes permitiriam ter acesso à gruta do Presépio.

**As aves** desceram, a pique, saindo e entrado, como flechas, e faziam muito ruído.

O anjo disse-lhes:

“Demasiado barulhento”.

O pobre anjo sentia-se frustrado e pensou:

“Porque será que estes animais se parecem tanto com as pessoas?! O anjo olhou para ver se tinha esquecido algum e fixou-se então em alguns animais do campo. Eram bem mais velhos e lentos e não tinham dito nada e nem sequer estavam no grupo.

**O boi e o burro** foram chamados à assembleia e o anjo perguntou-lhes que fariam pelo menino e sua mãe, nessa noite? Olharam um para o outro e não disseram nada.

Por fim, disse **o boi**:

“Aprendemos há muito tempo a não fazer nada fora do lugar, a ser humildes e pacientes e a sofrer muito. De outra maneira, só teríamos menos comida e mais tareia».

Inclinaram a sua cabeça e sacudiram o rabo.

Então **o burro** disse tranquilamente:

“Bom, podíamos até mandar para longe as moscas, abanando os nossos rabos, e deste modo, ajudaríamos ainda a arejar o curral”.

O anjo sorriu encantado:

“É isso. Perfeito. Venham; temos de andar rapidamente. Esta é a noite!

Willi Hoffsuemmer

**Is. 1, 3:** “O boi conhece o seu dono, e o burro, o estábulo do seu senhor;

mas Israel, meu povo, nada entende!”

Aos pastores foi dito que teriam encontrado o menino numa manjedoura para animais, que eram os verdadeiros habitantes do estábulo. Lendo Isaías (1,3) deduzimos que junto, à manjedoura de Belém, estavam **um boi e um burro**, como símbolo dos judeus e dos pagãos - portanto, de toda a humanidade - uns e outros, necessitam, ao seu modo, de um salvador: daquele Deus que se fez menino! (Bento XVI, Homilia de Natal 2006)

**Bento XVI: Natal, festa que canta dom da vida**

CIDADE DO VATICANO, quarta-feira, 17 de dezembro de 2008

Queridos irmãos e irmãs:

(...)

**Pelo clima que o caracteriza, o Natal é uma festa universal**. Inclusive quem não se professa crente, de facto, pode perceber, nesta celebração cristã anual, algo extraordinário e transcendente, algo íntimo que fala ao coração. **É a festa que canta o dom da vida**. O nascimento de uma criança deveria ser sempre um acontecimento que traz alegria: o abraço de um recém-nascido suscita normalmente sentimentos de atenção e de prontidão, de comoção e de ternura. O Natal é o encontro com um recém-nascido que chora numa gruta miserável. Contemplando-o no presépio, como não pensar em tantas crianças que ainda hoje vêm a luz numa grande pobreza, em muitas regiões do mundo? Como não pensar nos recém-nascidos não acolhidos e rejeitados, nos que não chegam a sobreviver por falta de cuidados e atenção? Como não pensar também nas famílias que desejaram a alegria de um filho e não veem realizada esta esperança?

**A crise, um estímulo**

Sob o impulso de um consumismo hedonista, infelizmente, o Natal corre o risco de perder seu significado espiritual para se reduzir a uma mera ocasião comercial de compras e troca de presentes. Na verdade, contudo, as dificuldades, as incertezas e a própria crise económica que nestes meses tantas famílias estão a viver, e que afeta toda a humanidade, podem ser um estímulo para descobrir o calor da simplicidade, da amizade e da solidariedade, valores típicos do Natal. Despojado das incrustações consumistas e materialistas, o Natal pode converter-se assim numa **oportunidade para acolher, como presente pessoal, a mensagem de esperança que emana do mistério do nascimento de Crist**o.

Tudo isso, contudo, não basta para assimilar plenamente o valor da festa do Natal. Nós sabemos que esta celebra **o acontecimento central da história**: a Encarnação do Verbo divino para a redenção da humanidade. São Leão Magno, numa de suas numerosas homilias natalícias, exclama assim:

«Exultemos no Senhor, queridos meus, e abramos o nosso coração à alegria mais pura. Porque amanheceu o dia que para nós significa a nova redenção, a antiga preparação, a felicidade eterna. Renova-se assim para nós, no ciclo anual, o elevado mistério da nossa salvação que, prometido no começo e realizado no final dos tempos, está destinado a durar sem fim» (Homilia XXII).

Sobre esta verdade fundamental, São Paulo volta muitas vezes em suas cartas. Aos gálatas, por exemplo, escreve: «Mas, ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei... para que recebêssemos a filiação adotiva» (4, 4). Na Carta aos Romanos ele manifesta as lógicas e exigentes consequências deste acontecimento salvador: «Se (somos) filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, já que sofremos com ele, para ser também com ele glorificados» (8, 17).

Mas é sobretudo **São João**, no prólogo ao quarto Evangelho, que medita profundamente sobre o mistério da Encarnação. E é por isso que o prólogo faz parte da liturgia do Natal desde tempos antigos: nele se encontra, de facto, a expressão mais autêntica e a síntese mais profunda desta festa e do fundamento de sua alegria. São João escreve: «*Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis –*e o Verbo se fez carne e habitou entre nós» (Jo 1, 4).

No Natal, portanto, não nos limitamos a comemorar o nascimento de um grande personagem; não celebramos simplesmente e em abstrato o mistério do nascimento do homem ou em geral o nascimento da vida; tampouco celebramos só o princípio de uma grande estação. No Natal recordamos algo muito concreto e importante para os homens, algo essencial para a fé cristã, uma verdade que São João resume nestas poucas palavras: «*O Verbo se fez carne*».

**Trata-se de um acontecimento histórico** que o evangelista Lucas se preocupa por situar num contexto muito determinado: nos dias em que se emanou o decreto do primeiro censo de César Augusto, quando Quirino já era governador da Síria (cf. Lc 2, 1-7). É, portanto, uma noite datada historicamente, na qual se verificou o acontecimento de salvação que Israel esperava há séculos. Na escuridão da noite de Belém acendeu-se realmente uma grande luz: o Criador do universo se encarnou, unindo-se indissoluvelmente à natureza humana, até ser realmente «Deus de Deus, luz da luz» e ao mesmo tempo homem, verdadeiro homem.

Aquele que João chama em grego «ho logos» – traduzido em latim como «Verbum» e em português «o Verbo» – significa também «o Sentido». Portanto, podemos entender a expressão de João assim: o «Sentido eterno» do mundo tornou-se tangível aos nossos sentidos e à nossa inteligência: agora podemos tocá-lo e contemplá-lo (cf. 1 Jo 1,1). O «Sentido» que se fez carne não é simplesmente uma ideia geral inscrita no mundo; é uma «palavra» dirigida a nós. O *Logos* conhece-nos, chama-nos, guia-nos. Não é uma lei universal, na qual desenvolvemos algum papel, mas é uma Pessoa que se interessa por cada pessoa singular: é o Filho do Deus vivo, que se fez homem em Belém.

Para muitos homens, e de alguma forma para todos nós, isso parece lindo demais para ser verdade. Com efeito, aqui se nos reafirma: sim**, existe um sentido, e o sentido não é um protesto impotente contra o absurdo**. **O Sentido é poderoso**: é Deus bom, que não se confunde com qualquer poder excelso e distante, ao que nunca se poderia chegar, mas um Deus que se fez próximo de nós e do nosso próximo, que tem tempo para cada um de nós e que veio para ficar connosco.

Então surge espontânea a pergunta: «**Como é possível uma coisa semelhante? É digno de Deus fazer-se criança?».** Para tentar abrir o coração a esta verdade que ilumina a existência humana inteira, é necessário submeter a mente e reconhecer a limitação de nossa inteligência. Na gruta de Belém, Deus mostra-se a nós como humilde «infante» para vencer a nossa soberba. Talvez nos tivéssemos rendido mais facilmente frente ao poder, frente à sabedoria; mas Ele não quer a nossa rendição; apela mais ao nosso coração e à nossa decisão livre de aceitar seu amor. Fez-se pequeno para nos libertar dessa pretensão humana de grandeza que surge da soberba; encarnou-se livremente para nos fazer verdadeiramente livres, livres para O amar.

Queridos irmãos e irmãs, o Natal é uma oportunidade privilegiada para meditar sobre o sentido e o valor da nossa existência. Aproximar-se desta solenidade ajuda-nos a refletir, por um lado, sobre o dramatismo da história na qual os homens, feridos pelo pecado, estão permanentemente buscando a felicidade e um sentido satisfatório da vida e da morte; por outro, exorta-nos a **meditar sobre a bondade misericordiosa de Deus, que saiu ao encontro do homem para comunicar-lhe diretamente a Verdade que salva e torná-lo participante da sua amizade e da sua vida**.

Preparemo-nos, para o Natal, portanto, com humildade e simplicidade, dispondo-nos para receber o dom da luz, da alegria e da paz que irradiam desse mistério.

Acolhamos o Natal de Cristo, como um acontecimento capaz de renovar a nossa existência hoje. Que o encontro com o Menino Jesus nos transforme em pessoas que não pensam só em si mesmas, mas que se abrem às expectativas e às necessidades dos irmãos. Desta forma nos converteremos também em testemunhas da luz, que o Natal irradia sobre a humanidade do terceiro milénio.

**O Presépio és tu!**

O Natal és tu,

quando decides nascer de novo em cada dia

e deixar Deus entrar na tua alma.

A árvore de Natal és tu,

quando resistes fortemente

aos ventos e dificuldades da vida.

As decorações de Natal és tu,

quando as tuas virtudes são as cores

que embelezam a tua vida.

O sino de Natal és tu,

quando chamas, envolves e convidas,

congregas e procuras unir.

És também a luz de Natal,

quando iluminas com a tua vida

o caminho dos outros

com a bondade, a paciência,

a alegria e a generosidade.

Os anjos de Natal és tu,

quando cantas para o mundo

uma mensagem de paz, justiça e amor.

A estrela de Natal és tu,

quando levas alguém

ao encontro com o Senhor.

És também os reis magos,

quando dás o melhor que tens

sem teres em conta a quem o dás.

O presente de Natal és tu,

quando és um verdadeiro amigo

e irmão de todos os seres humanos.

Os cânticos de Natal és tu,

quando conquistas e irradias

a harmonia dentro de ti.

Os votos de Natal és tu,

quando perdoas e restabeleces a paz,

mesmo quando sofres por isso.

A Ceia de Natal és tu,

quando sacias com pão e esperança

o pobre que está a teu lado.

Tu és a noite de Natal, quando,

humilde e consciente,

recebes no silêncio da noite o Salvador do mundo,

sem ruído nem grandes celebrações;

tu és sorriso da confiança e ternura

na paz interior de um Natal perene

que estabelece o reinado de Deus, dentro de ti.

Um bom Natal a todos os que se assemelham ao Natal.

PAPA FRANCISCO, *Bom Natal*, Ed. Planeta, Lisboa 2016, pp. 9-11 (adaptado por P. Carlos Alberto Nunes)

**NÃO HAVERÁ NATAL?**

Claro que sim!

Mais silencioso e com mais profundidade,

mais parecido com o primeiro, em que Jesus nasceu em solidão.

Sem muitas luzes na Terra,

mas com a da estrela de Belém

fulgurando trilhos de vida em sua imensidão.

Sem cortejos reais colossais,

mas com a humildade de sentir-nos

pastores e pastorinhos buscando a Verdade.

Sem grandes mesas e com amargas ausências,

mas com a presença de um Deus que tudo plenificará.

NÃO HAVERÁ NATAL?

Claro que sim!

Sem as ruas a transbordar,

mas com o coração aquecido

pel’O que está para chegar.

Sem barulhos nem ruídos,

propagandas ou foguetes...

mas vivendo o Mistério sem medo

do "covid-herodes" que pretende

tirar-nos até o sonho de esperar.

Haverá Natal, porque Deus está do nosso lado

e partilha, como Cristo no presépio,

a nossa pobreza, a prova, o pranto, a angústia e a orfandade.

Haverá Natal, porque necessitamos

de uma luz divina no meio de tanta escuridão.

A COVID-19 nunca poderá chegar ao coração nem à alma

dos que no Céu põem a sua esperança e o seu alto ideal.

Haverá Natal!

Cantaremos nossos cantos natalinos!

Deus nascerá e trar-nos-á a liberdade!

*(tradução livre do espanhol)*

Pe. Javier Leoz,

Pároco de São Lourenço em Pamplona

*O Pe. Javier Leoz, pároco de São Lourenço em Pamplona, Espanha, publicou a sua reflexão sobre o Natal, em forma de poema, que lido pelo Papa Francisco lhe mereceu um telefonema de felicitações.*

“Tu que dormes a noite na calçada de relento | Numa cama de chuva com lençóis feitos de vento | Tu que tens o Natal da solidão, do sofrimento | És meu irmão, amigo, és meu irmão. | E tu que dormes só o pesadelo do ciúme | Numa cama de raiva com lençóis feitos de lume | E sofres o Natal da solidão sem um queixume | És meu irmão, amigo, és meu irmão” | Tu que inventas bonecas e comboios de luar | E mentes ao teu filho por não os poderes comprar | És meu irmão, amigo, és meu irmão. | E tu que vês na montra a tua fome, que eu não sei | Fatias de tristeza em cada alegre bolo-rei | Pões um sabor amargo em cada doce que eu comprei | És meu irmão, amigo, és meu irmão.

Ary dos Santos

1. **Textos**: 1ª: Is.9,2-7 (missa da meia noite); Tit.3,4-7 (Missa da Aurora); Evangelho: o da respetiva «hora» da celebração. A homilia adapta-se a qualquer dos evangelhos. [↑](#footnote-ref-1)
2. Este esquema de homilia, adaptando-se a todas as possibilidades do Lecionário, está pensada a partir destas leituras: 1ª : da Missa da Noite: Is.9,1-6; 2ª: da Missa da Aurora: Tit.3,4-7; Evangelho: 1. Da Noite: Lc.2,1-14; ou do Dia, (Jo.1,11-18), consoante a hora. [↑](#footnote-ref-2)